



Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto

**Avaliação projetada no discurso de chineses e de
brasileiros: simulacros culturais**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos da Linguagem do
Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Liana de Andrade Biar

Rio de Janeiro
Abril de 2019



Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto

**Avaliação projetada no discurso de chineses e de
brasileiros: simulacros culturais**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Liana de Andrade Biar

Orientador e presidente
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Adriana Ferreira de Sousa de
Albuquerque**

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Branca Maria Telles Ribeiro

UFRJ / Lesley Universtiy

Prof. William Soares dos Santos

UFRJ

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto

Graduada em Letras Português / Inglês e Mestra em Linguística, ambos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2008 e em 2011, respectivamente. Especialista em Tradução do Inglês pela Universidade Gama Filho em 2012. Especialista em Neurociência Pedagógica pela Universidade Cândido Mendes, em 2013. Ex-Professora Assistente de Português para Estrangeiros pela Comissão Fulbright na *Hampton University*, em Hampton, Virgínia, nos Estados Unidos, em 2013 e 2014. É Servidora Pública Federal, no cargo de Tradutora / Intérprete da Língua Inglesa do Departamento de Controle do Espaço Aéreo desde 2009.

Ficha Catalográfica

Peixoto, Rafaela Araújo Jordão Rigaud

Avaliação projetada no discurso de chineses e de brasileiros : simulacros culturais / Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto ; orientadora: Liana de Andrade Biar. – 2019.

185 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2019.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Narrativa. 3. Identidade. 4. Simulacro cultural. 5. Chineses. 6. Avaliação. I. Biar, Liana de Andrade. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Dedico esta tese aos meus pais, pelo
apoio incondicional, e ao meu marido.

Agradecimentos

A trajetória até o fim da tese foi permeada de percalços, mas também de aprendizados. Agradeço a todos os que me apoiaram, seja com palavras seja com ações.

Assim como o pesquisador modifica o objeto a partir do seu ponto de vista, o meu *self* doutoranda mudou minhas perspectivas ao longo do curso, aperfeiçoando-me como interactante no mundo. A caminhada, iniciada com a participação no Programa de Professor Assistente da Fulbright, em 2013, foi definitivamente *ground-breaking*. Ter a oportunidade de olhar a vida com lentes discursivas interculturais sem dúvida proporcionou ampliação de minhas perspectivas, de uma forma inimaginada até então. Este projeto me fez compreender melhor a cultura oriental e rever posturas que temos como tácitas.

À Profa. Dra. Liana Biar, pela orientação cuidadosa e precisa, e por ter aceitado essa tese desafiadora e me acompanhado até os últimos momentos, sempre muito atenciosa.

À CAPES¹ e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

À Profa. Dra. Liliana Bastos, por sua receptividade e presteza quanto ao suporte teórico sobre narrativas.

À Profa. Dra. Adriana Nóbrega, pela disposição e apoio em relação ao tema da minha pesquisa, e por compartilhar um pouco de sua experiência com o Instituto Confúcio na PUC-Rio.

À Profa. Dra. Branca Maria Telles Ribeiro, por compartilhar um pouco de sua experiência na área de narrativas e de migração, particularmente com grupos multiculturais; e pelos comentários minuciosos que ajudaram a aperfeiçoar a minha tese.

Ao Prof. Dr. William Soares dos Santos, também por sua leitura detalhada e lente discursiva que contribuiu para aperfeiçoar meu olhar teórico-metodológico nesta tese.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À Profa. Dra. Adriana Albuquerque, por compartilhar sua experiência na área de português para estrangeiros, especificamente sobre percepções interculturais dos vários povos.

À Profa. Dra. Claudia Freitas, pelos ensinamentos e conselhos muito perspicazes e que levarei para toda a vida.

À querida Chiquinha e a toda a equipe da Secretaria da Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, sempre bastante solícitos nos esclarecimentos necessários.

À Profa. Dra. Erica Rodrigues, por sua afabilidade e precisão nas orientações a mim oferecidas.

Aos amigos do grupo de pesquisa Narrativa e Interação Social (NAVIS), com quem muito aprendi, com as histórias e discussões compartilhadas. Muito obrigada pela acolhida calorosa, que me permitiu trilhar essa caminhada de maneira muito gratificante.

A Deus, à minha família e ao meu marido.

A todos os participantes da pesquisa, brasileiros e chineses, que se predispuseram a relatar eventos que ocorreram consigo, de maneira bastante aberta, apesar do desconforto que isso poderia gerar. Sou bastante grata por isso.

À PUC-Rio, universidade que me acolheu no Rio de Janeiro e me proporcionou grandes aprendizados e amizades, além de convivência mais próxima com pessoas de outros países. Considero-me privilegiada por ter tido a oportunidade de ocupar suas fileiras.

Aos amigos e colegas do Subdepartamento de Operações do Departamento de Controle do Espaço Aéreo, pelo apoio cotidiano, em meio à rotina atribulada de trabalho e estudos do doutorado.

Com a certeza de que nunca paramos de aprender, não considero este o fim da minha caminhada, mas tão somente o fechamento de um ciclo e o início de voos mais altos. Ao olhar para trás, vejo que tomei as decisões mais acertadas nos momentos mais decisivos da minha vida, embora nem sempre tenham sido decisões fáceis. Sempre com dedicação, retidão de caráter e espírito determinado, posso dizer que o doutorado certamente foi a etapa de minha vida que mais amadurecimento me trouxe. Antes de tudo, uma jornada fantástica de autodescoberta.

Como defendido por Amartya Sen, o desenvolvimento de um ser humano é proporcionado sobretudo pela possibilidade de realizar suas próprias escolhas: como cidadã livre, escolhi a trajetória do conhecimento, caminhada sem destino final.

Resumo²

Peixoto, Rafaela Araújo Jordão Rigaud; Biar, Liana de Andrade. **Avaliação projetada no discurso de chineses e de brasileiros: simulacros culturais.** Rio de Janeiro, 2019. 185 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pesquisa empreendida baseou-se em entrevistas, realizadas presencialmente no Brasil ou a distância por Skype, e em conhecimento compartilhado, para analisar discursos de brasileiros que convivem ou conviveram com chineses, e de chineses professores de mandarim que moram no Brasil, a fim de investigar a expressividade dialógica decorrente de simulacros culturais, por meio da identificação de elementos de avaliação projetada no discurso de chineses e de brasileiros em relação à cultura da contraparte. Sob a égide dos pressupostos enunciados por Bastos e Biar (2015), Biar (2015), Riessman (2008), Pastor & De Fina (2005), Cortazzi & Jin (2001), Cavan (2006) e Said (1990). Os dados gerados buscaram promover reflexão sobre o processo de avaliação acerca da população chinesa, com base na apreciação de recortes narrativos. Para tanto, foram delimitados como objetivos gerais (a) analisar a projeção identitária refratada no discurso de um grupo de professores chineses no Brasil, em relação à interação com brasileiros, e (b) analisar a projeção identitária refratada no discurso de um grupo de brasileiros, em relação à interação com chineses; e como objetivos específicos (a) identificar recursos macro e microdiscursivos característicos do discurso de migrantes, (b) classificar padrões avaliativos no discurso de chineses e de brasileiros, em narrativas sobre situação de migração e (c) categorizar elementos de simulacros culturais subjacentes às expressividades dialógicas enunciadas. Nesse sentido, o discurso foi examinado com base nos processos de avaliação de Cortazzi & Jin (2001), acerca de avaliação <na> narrativa, avaliação <da> narrativa e avaliação <por meio da> narrativa, a fim de investigar como as identidades foram projetadas. Como resultado, foi observado que o processo avaliativo ocorre sobretudo por meio de modalização, <na narrativa>, e de forma performativa, <por meio da> narrativa, mediante expectativas interculturais (CAVAN, 2006; SAID, 1990), que geram identidades refratadas.

Palavras-chave

Narrativa; identidade; simulacro cultural; chineses; avaliação.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Abstract³

Peixoto, Rafaela Araújo Jordão Rigaud. Biar, Liana de Andrade. **Projected evaluation in the discourse by Chinese and Brazilians: cultural simulacra**. Rio de Janeiro, 2019. 185 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research was based on interviews, carried out face-to-face in Brazil or at a distance via Skype, and shared knowledge, and analyzed discourse from Brazilians who live or had some sort of relationship with Chinese whether residents or exchange students, and Chinese who live in Brazil, working as Mandarin teachers, in order to investigate the dialogic expressivity arising from cultural simulacra, through the identification of projected evaluation elements in the discourse of Chinese and Brazilians regarding the culture of the counterpart group. The project relied on Bastos and Biar (2015), Biar (2015), Riessman (2008), Pastor & De Fina (2005), Cortazzi & Jin (2001) Cavan (2006) and Said (1990), as theoretical foundation. The data generated sought to promote reflection on evaluation processes regarding the Chinese population, based on the assessment of narrative excerpts. The dissertation aimed at the following general objectives: (a) analyzing the identity projection refracted in the discourse of a group of Chinese teachers living in Brazil, regarding their interaction with Brazilians; and (b) analyzing the identity projection refracted in the discourse of a group of Brazilians, regarding their interaction with Chinese. Specific objectives focussed on: (a) identifying macro and microdiscursive resources characteristic of the migrant discourse; (b) classifying evaluative patterns in the discourse of Chinese and Brazilians, in narratives of migration; and (c) categorizing cultural simulacra elements underlying the instances of dialogic expressivity. The discourse was examined based on the evaluation processes of Cortazzi & Jin (2001), regarding evaluation <in> the narrative, evaluation <of> the narrative and evaluation <through> the narrative, so as to analyze how identities were projected. As a result, it was observed the evaluation process mostly occurs by using modalization, <in> the narrative; and in a performative way, <through> the narrative and crosscultural expectations (CAVAN, 2006; SAID, 1990), which generate refracted identities.

Keywords

Narrative; identity; cultural simulacrum; Chinese; evaluation.

³ This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Sumário

1. Introdução	015
2. Perfil de imigração chinesa no séc XXI no Brasil	022
2.1. Sinofobia no mundo e no Brasil	022
2.2 Aporte de capitais oferecido por migrantes	026
2.3 O movimento chinês de projeção de poder brando	031
2.4 Perfil de imigração chinesa no séc XXI no Brasil	036
3 A construção discursiva de narrativas	039
3.1 Expressividade dialógica na narrativa	039
3.2 Modelo de análise macrodiscursiva e microdiscursiva de narrativas	043
4 A avaliação no discurso narrativo	046
4.1 As relações discursivas construídas por migrantes: projeção de identidades	047
4.2 Simulacro cultural: o paradigma do orientalismo	051
4.3 A avaliação no discurso refratado	059
5 Procedimentos metodológicos	063
5.1 Perspectiva epistemológica de pesquisa qualitativa	063
5.2 Relação com os participantes: eu, pesquisadora, no contexto de pesquisa	066
5.3 Posicionamento ético na pesquisa	071
5.4 Contexto de geração de dados	073
5.5 Participantes da pesquisa: perfil e representatividade	079
5.6 Transcrição dos dados	082

5.6.1 Participante Ana	083
5.6.2 Participante Bruno	084
5.6.3 Participante Carlos	084
5.6.4 Participante Deborah	085
5.6.5 Participante Erick	085
5.6.6 Participante Frank	086
5.6.7 Participante Gustavo	087
5.6.8 Participante Helena	087
5.6.9 Participante Isabela	088
5.6.10 Participante Jenny	088
5.6.11 Participante Karina	089
6 Avaliação projetada no discurso do grupo de chineses	095
6.1 Organização narrativa do Excerto 17: elementos macro e microdiscursivos	096
6.2 Organização narrativa do Excerto 19: elementos macro e microdiscursivos	106
6.3 Padrões avaliativos	110
6.4 Elementos de simulacros culturais	112
7 Avaliação projetada no discurso do grupo de brasileiros	117
7.1 Organização narrativa do Excerto 35: elementos macro e microdiscursivos	117
7.2 Organização narrativa do Excerto 37: elementos macro e microdiscursivos	128
7.3 Padrões avaliativos	135
7.4 Elementos de simulacros culturais	136
Capítulo 8. Considerações Finais	139
Referências	143
GLOSSÁRIO	150

APÊNDICES	152
Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido	153
Apêndice B: Roteiro de entrevistas com brasileiros	155
Apêndice C: Roteiro de entrevistas com chineses	156
 ANEXOS	 157
Anexo A: Convenções de Transcrição	158
Anexo B: Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº. 466, de 12 de dezembro de 2012	159
Anexo C: Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº. 510, de 7 de abril de 2016	173
Anexo D: Parecer Nº 14/2018, do Comitê de Ética da PUC-Rio	183
Anexo E: Samba enredo da escola Império Serrano, do Rio de Janeiro, em 2018	184
Anexo F: Samba enredo da escola Mocidade de Padre Miguel, do Rio de Janeiro, em 2018	185

Lista de quadros

Quadro 01 - Comparação entre o número total de imigrantes e o número de imigrantes chineses no Brasil	037
Quadro 02 - Modelo narrativo de interação em situação de migração	044
Quadro 03 - Triangulação de dados	070
Quadro 04 - Transcrição de conteúdo do Excerto 24	075
Quadro 05 - Procedimentos e estratégias para a geração de dados	077
Quadro 06 - Dados das entrevistas realizadas	080
Quadro 07 - Descrição do perfil dos entrevistados e da situação de pesquisa	081
Quadro 08 - Excertos selecionados	090

Lista de figuras

Figura 01 - Pirâmide Etária da Alemanha (2016)	027
Figura 02 - Pirâmide Etária da Suécia (2016)	028
Figura 03 - Interação entre elementos da estrutura narrativa canônica	040
Figura 04 - Modelo de Projeção de Identidades	048
Figura 05 - Diagrama-Árvore	053
Figura 06 - Fotografia da Capa do livro “Writing Culture” (1986)	063
Figura 07 - Representatividade das amostras	080
Figura 08 - Normas de Transcrição	083
Figura 09 - Mapa visual dos principais tópicos relatados nas entrevistas	093

Abreviaturas e Siglas

AC: Ações Complicadoras

Aç: Respostas de Ação

AL: Aspectos linguísticos

AP: Aspectos paralinguísticos

AV: Avaliação

AV-E: Avaliação Explícita

AV-I: Avaliação Implícita

EC: Eventos Complicadores

EM: Emoções

OR: Orientação

Psi: Respostas Psicológicas

RE: Reações

RES: Resolução

Verb: Respostas Verbais

EXCERTO 25: Conceito sobre a China – Frank

Frank: Because IF I TOLD my friends now I was, I am IN Brazil

Rafaela: Uhum

Frank: ºWhy? WHY Brazil, WHY GO THERE?º It is like my Brazilian friends also ask me “WHY did you come to Brazil?”

Rafaela: Yeah↓

Frank: Hhhh what? And I I, but ((hesitação)) Brazilians ((hesitação)) ask me this question because they they have that “WHY do you leave your country and come to a very far away country? Why?”

Rafaela: Uhum

Frank: “Don’t you love your home country?”

Rafaela: Yeah

Frank: This is THEIR point, but FOR MY FRIENDS it is a “BRAZIL? It is a country that is not very::, it is a poor country, it is a dangerous country, WHY do you come to Brazil?” And this is VERY IMPORTANT, because CHINESE PEOPLE treat Brazil like a POOR country

Rafaela: Uhum

Frank: Like a a, DANGEROUS country, it is NOT a GOOD country (1,0) and BRAZIL treat CHINA ALSO like a POOR country hhhh like there aren’t human rights, you don’t have freedom (1,0) YOU KNOW:: that CHINA

Rafaela: Yeah yes

Frank: China think like Brazil, like it is not the the the country to to work and to live, and Brazil think China is not a country to (2,0) “so WHY?” Hhhh

Rafaela: it is [interesting yeah]

Frank: [So it is YOUR JOB] to solve this problem

Frank⁴, chinês residente no Brasil há cerca de cinco anos, durante entrevista em que expôs seu ponto de vista sobre como alguns brasileiros conceituam a China, e também sobre como alguns chineses veem o Brasil. O excerto demonstra antecipação acerca de uma possível identidade negativa atribuída a si, baseada em simulacros culturais estanques.

⁴ Pseudônimo atribuído posteriormente, conforme explicado no Capítulo 5.

Introdução

O tema de pesquisa deste trabalho começou a desenvolver-se, de certa forma, durante minha participação no programa de ensino de português da Comissão Fulbright, *Foreign Language Teaching Assistant* (FLTA), na edição 2013-2014, nos Estados Unidos. Em se considerando que o referido programa é uma iniciativa do Departamento de Estado americano para promover a integração dos Estados Unidos com países de distintas realidades socioculturais, participaram professores de mais de 50 rincões globais, dos quais a China teve o maior contingente. Nesse contexto, muitos FLTA conviveram com chineses, seja morando, estudando ou trabalhando em ambientes comuns. Em decorrência dessa experiência, ouvi vários comentários, positivos e negativos, de colegas sobre suas vivências com chineses, o que despertou certa curiosidade.

Ao voltar ao Brasil, em 2014, eram comuns discussões sobre migrações, geralmente mais tendenciosas, o que estimulou a minha inclinação por temas relacionados aos fluxos migratórios. Paralelamente a isso, comecei a perceber uma presença maior de pessoas de origem asiática principalmente nos bairros da Gávea e do Leblon, no Rio de Janeiro, além de encontrá-los em outros eventos e áreas de lazer no Rio de Janeiro.

Devido ao meu interesse em debates da área de relações internacionais e de cooperação público-privada entre os países, sempre acompanhei mais detidamente as causas da maior expressão chinesa no mundo, proporcionada pelo crescente investimento do governo chinês em educação, com o intuito de melhorar índices de qualificação da população na China, sobretudo nas grandes cidades. Dentre os países que integram o grupo dos denominados tigres asiáticos, Hong Kong, Coreia do Sul, Singapura e Taiwan tiveram mais expressivo crescimento entre as décadas de 1960 e 1990, e a China, especialmente a partir da década de 1980.

Atualmente em bônus demográfico⁵, com pico em 2014, a China, conforme o censo populacional nacional de 2010, possui 73% de habitantes em idade

⁵ Bônus demográfico é o período em que o país possui a maioria da população em idade economicamente ativa (PEA).

economicamente ativa, e continua implementando políticas ostensivas de incentivo acadêmico e profissional.

Nesse contexto, a minha convivência com uma chinesa no Brasil, professora de mandarim, intercambista de Programa de Ensino de Mandarim do Instituto Confúcio, com perfil escolarizado e proficiência em inglês, desmistificando ideias pré-concebidas acerca da cultura chinesa, foi o meu *turning point* para a percepção desse tema de pesquisa como possível contribuição para proporcionar maior fluidez das interações entre brasileiros e chineses.

Isto, pois, a presença de chineses na sociedade brasileira tem suscitado diferentes posturas, positivas e relativamente negativas. Embora imigrantes, em determinados momentos da história do Brasil, tenham sido positivamente considerados pessoas que ofereceriam contribuição, a percepção acerca de chineses algumas vezes tende a ser estigmatizante, com base em simulacros culturais estanques, devido ao histórico perfil de migrantes provenientes da China em décadas passadas, como será explicitado no Capítulo 1, sobre sinofobia no Brasil.

Desde 1810, quando os primeiros chineses chegaram ao Brasil, cerca de 300, a convite de D. João, para desenvolver plantação de chá no Rio de Janeiro, houve fluxo de migrantes menos escolarizados da China, para desempenhar atividades ligadas à exploração de minérios e à lavoura. Posteriormente, com a Revolução Cultural, do governo comunista de Mao Zedong, um contingente de chineses migrou para o Brasil, principalmente no período de 1966 a 1974, evadindo-se do regime autoritário em vigor à época, na Ásia. Chegado ao Brasil, esse grupo de migrantes chineses desempenhou atividades bastante degradadas e passou, mais marcadamente, por estigmatização social (CHANG-SHENG, 2012).

Em contraposição a esse primeiro contingente, houve maior incentivo à escolarização de nível superior na China⁶ e, como resultado, os chineses que têm migrado para o Brasil desde o fim da década de 90 apresentam formação acadêmica e profissional mais destacada, mas ainda sofrem certos estigmas⁷ na sociedade brasileira, possivelmente devido a posturas ideológicas e socioeconômicas dessemelhantes.

⁶ Li et al (2017) explicam que houve um rápido crescimento do número de estudantes universitários na China desde 1999. Apenas nesse ano, especificamente, houve aumento de 43% e, entre 1999 e 2009, houve quatro vezes mais matrículas no ensino superior, embora os cursos não tenham necessariamente sido implementados com o mesmo rigor acadêmico.

⁷ Cf. Biar (2012).

A percepção acerca dessa população vem se modificando paulatinamente, principalmente nas metrópoles brasileiras; no entanto, ainda é possível perceber, subjacente ao discurso de uma parcela de brasileiros, resquícios do referencial anterior, uma expressividade dialógica, isto é, instâncias de posicionamento identitário de um falante, decorrente de simulacros culturais estanques, consoante conceito proposto nesta tese, que indica a projeção de uma identidade como sendo antagônica ou contrapondo-se a determinadas características de uma outra cultura, embora com poucos subsídios para embasamento.

Nesse sentido, como problema de pesquisa, foi percebido que a interação entre brasileiros e chineses tende a ser impactada por simulacros culturais que podem apor óbices à maior integração e à maior fluidez na comunicação. Assim, a pesquisa empreendida nesta tese baseou-se em entrevistas e em conhecimento compartilhado por pessoas que conviveram com brasileiros e com chineses em situação de intercâmbio, para analisar discursos de um grupo de brasileiros que convivem ou conviveram com chineses, seja nos EUA ou no Brasil, e de um grupo de chineses que moram no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro.

A compreensão do impacto dessa relação intercultural merece certo aprofundamento quanto ao entendimento de que a cultura, como artefato decorrente de normas sociais tácitas, atreladas a uma teia de significados, isto é, símbolos e convenções (Cf. GEERTZ, 1973), é “colocada em prática” por meio de processos mentais motivados pela interpretação de pistas de contextualização (Cf. GUMPERZ, 1982). Nesta tese, especificamente, por se tratar de narrativas sobre uma interação ocorrida anteriormente, esses aspectos de pistas de contextualização não serão amplamente explorados, haja vista não termos acesso aos elementos que efetivamente estiveram presentes nas interações originais, mas apenas aos elementos que foram relatados pelos participantes desta pesquisa.

As análises empreendidas nesta tese fazem uso do conceito de simulacro cultural, proposta baseada na teoria intercultural de Cavan (2006), definido como uma projeção de identidade realizada de forma antagônica ou em contraposição a determinadas características de uma outra cultura, majoritariamente atribuídas consoante uma percepção prévia e não embasadas na interação propriamente dita.

Dessa forma, sob a égide dos pressupostos enunciados por Bastos e Biar (2015), Biar (2015), Riessman (2008), Pastor & De Fina (2005), Cortazzi & Jin (2001), Cavan (2006) e Said (1990), os dados gerados nesta tese buscaram

promover reflexão sobre o processo de avaliação acerca da população chinesa, com base na apreciação de recortes narrativos, com base em quatro categorias de análise: recursos macrodiscursivos, recursos microdiscursivos, padrões avaliativos e elementos de simulacros culturais.

Os elementos macrodiscursivos abarcam elementos de encadeamento de ações na narrativa e de projeção identitária, e os elementos microdiscursivos compreendem o discurso realizado por meio de elementos linguísticos e paralinguísticos sobretudo para fins de modulação.

Para tanto, foram delimitados os seguintes objetivos gerais: a) analisar a projeção identitária refratada no discurso de um grupo de chineses no Brasil, em relação à interação com brasileiros; e b) analisar a projeção identitária refratada no discurso de um grupo de brasileiros, em relação à interação com chineses. Como objetivos específicos, buscou-se: a) identificar recursos macro e microdiscursivos característicos do discurso de migrantes; b) classificar padrões avaliativos no discurso de um grupo de chineses e de um grupo de brasileiros, em narrativas sobre situação de migração; e c) categorizar elementos de simulacro cultural subjacentes às expressividades dialógicas enunciadas. Assim, o estudo desta tese foi guiado pelas seguintes perguntas de pesquisa: a) como a identidade é projetada de forma refratada no discurso de um grupo de chineses? e b) como a identidade é projetada de forma refratada no discurso de um grupo de brasileiros?

Vale destacar que, em um ambiente de globalização-fragmentação cada vez mais intenso, conforme teorizado por Santos, Silveira & Souza (1994), padrões interculturais são renovados continuamente, de forma muito acelerada, mas não necessariamente assimilados por outros povos na mesma velocidade. Nesse sentido, é compreensível que haja resquícios de estigmas (BIAR, 2012 e 2015) em relação a grupos de chineses atualmente no Brasil, principalmente devido à destacada percepção acerca de antigos migrantes asiáticos.

A Linguística Aplicada, nesse sentido, promove discussões vanguardistas, ao problematizar e buscar compreender novas interfaces de interação (MOITA LOPES, 2006). Como área de estudo transdisciplinar que visa tratar de temas aplicados à vida cotidiana, com base na análise de discursos produzidos por falantes em uma sociedade, faz-se salutar tratar de temas contemporâneos como a convivência com chineses que estão reiniciando um processo de migração, aparentemente regular, para o Brasil.

Na minha experiência ao hospedar duas chinesas e interagir com alguns chineses no Rio de Janeiro, dialogar com chineses e brasileiros residentes na China, e também ouvir relatos de pessoas que conviveram com chineses em situação de intercâmbio nos Estados Unidos e no Brasil, observei que ainda é bastante recorrente a expressão de estigmas em relação à cultura chinesa, seja por indivíduos que efetivamente conviveram ou não conviveram com chineses. Quase sempre um elogio ou atitude de aprovação para com nacionais da China vem acompanhado de observações desabonadoras ou ressalvas, a fim de resguardar a opinião da pessoa em relação ao “senso comum”. Em se considerando que o Rio de Janeiro, em crise nos anos 2017 e 2018 no âmbito do governo estadual, tem buscado parcerias com empresas chinesas (ROSA & ORDONEZ, 2017), faz-se salutar empreender estudos sobre como lidar da melhor forma com as diferenças interculturais e buscar mitigar elementos possíveis desencadeadores de conflitos.

Como extensão do objetivo desta tese, os resultados também podem contribuir para lançar luz sobre caminhos socioculturais e sociopolíticos possíveis para desconstruir estigmas de outras populações migrantes⁸.

Isto, pois, considerando-se que os primeiros chineses que migravam para o Brasil eram vistos, quase de forma unânime, como uma população possuidora de hábitos menos civilizados⁹, a progressiva visualização de chineses de maneira relativamente positiva inspira oportunidade de revisitação quanto à atribuição de valores a grupos migrantes.

A desterritorialização de um contingente populacional desencadeia conflitos identitários (DE FINA, 2003), não somente em função do próprio deslocamento e de certo alheamento de sua cultura, mas também pela qualidade da recepção em uma outra comunidade cultural, que pode difundir práticas segregacionistas (ZETTER, 1991 e 2007; JACQUEMET, 2005).

Neste sentido, para cumprir os objetivos delineados, a tese foi organizada da forma descrita a seguir.

⁸ Destaca-se que a PUC-Rio estabeleceu convênio com a ACNUR e implementou a Cátedra Sérgio Vieira de Mello na universidade em junho de 2018.

⁹ Rudyard Kipling, autor de “O livro da selva”, foi um dos principais difusores da ideologia de darwinismo social, segundo a qual o homem branco europeu seria superior e teria uma suposta missão civilizatória e religiosa para “educar” outros povos no mundo. Essa concepção foi sobretudo utilizada como justificativa para o processo imperialista ocorrido nos continentes africano e asiático.

No Capítulo 2, ofereceremos um panorama da imigração de chineses para o Brasil, em sua maioria para São Paulo, e do início da sinofobia, também presente em outros países, em contraste com o novo perfil de imigração chinesa para o Brasil. A relevância dessas considerações reside no esclarecimento de como migrantes podem oferecer um aporte de capital valioso para o desenvolvimento de um país, nomeadamente em função de tendência a maior motivação para vencer situações adversas e engajar-se em atividades prósperas. O desenvolvimento da China no século XX e seu esforço de globalização sugerem a expressão do poder brando como motor de uma nova ordem mundial, na qual o Brasil pode atuar de forma mais significativa, devido ao status compartilhado de país emergente, integrante do bloco BRICS.

No Capítulo 3, será analisada a construção discursiva de narrativas, com base nas conceituações sobre a expressividade dialógica em narrativas, consoante Bastos e Biar (2015), Biar (2015) e Riessman (2008). Dessa forma, discute-se o arcabouço teórico pertinente às relações discursivas construídas por migrantes, conforme modelo de análise de Pastor & De Fina (2005).

No Capítulo seguinte, a avaliação no discurso narrativo foi investigada de forma a analisar a projeção de identidades presente nos discursos proferidos, particularmente sob a ótica de simulacros culturais fundamentados em aspectos interculturais (CAVAN, 2006; SAID, 1990), tais como a difusão de paradigma orientalista. Como resultado, observaram-se elementos de avaliação presentes no discurso refratado, com apreciações moduladas, que tendem a perenizar simulacros culturais estanques.

O Capítulo 5 oferecerá detalhes acerca do caminho metodológico empreendido nesta tese e explicitará a relação entre mim e os participantes; o posicionamento ético adotado na pesquisa; o contexto de geração de dados; informações sobre os participantes; e procedimentos de transcrição de dados.

No Capítulo 6, será analisada a projeção identitária refratada no discurso de chineses, com base em dois excertos analisados e nas respectivas análises da organização narrativa no nível macro e microdiscursivo, e da expressão de avaliatividade. Ao final, serão apontadas considerações sobre os dois excertos do participante analisados no capítulo. Essa estrutura de análise também será apresentada no Capítulo 7, mas em relação à projeção identitária refratada no discurso de um grupo de brasileiros.

O Capítulo 8 oferecerá as considerações finais, com base nas teorias analisadas e nos recortes discursivos apresentados nesta tese. Por derradeiro, será destacado um pequeno glossário com a definição dos principais termos e expressões utilizados nesta tese, para que haja maior contextualização principalmente em relação à terminologia que possui interseção com áreas transversais desta pesquisa.

2

Perfil de imigração chinesa no séc XXI no Brasil

A imigração chinesa no Brasil assumiu características específicas em cada momento histórico, consoante demandas de etapas de desenvolvimento no país. Mais marcadamente, no início do século XIX, houve busca de trabalhadores para atividades primárias e, mais recentemente, na segunda metade do século XX, profissionais com perfil de qualificação mais especializada. Neste sentido, este capítulo apresentará uma perspectiva progressiva, desde os primeiros movimentos migratórios de chineses no mundo e no Brasil até o perfil atual de imigração de chineses no Brasil.

2.1

Sinofobia no mundo e no Brasil

Em seus poucos fluxos migratórios, os chineses enfrentaram sentimentos de sinofobia em vários países, mais marcadamente nos Estados Unidos e na Rússia, como explicado por Sandmeyer (1991), Dyatlov (2012) e Czepula (2016).

Em 1882, o governo dos Estados Unidos promulgou um Ato de Exclusão dos Chineses (*Chinese Exclusion Act*), a fim de conter a ida desse povo para a Califórnia. Esse ato marca o início de um período de políticas estaduais racistas, que perdurou até o ano de 1965, e cujas restrições foram expandidas para outros asiáticos, como japoneses e filipinos. A Califórnia, assim como o restante dos Estados Unidos, passava por condições mais deterioradas após a guerra de secessão (1861-1865)¹⁰, mas empregava muitos chineses no ramo de mineração e de construção de estradas de ferro, os quais atraíam menos trabalhadores americanos, como explica Sandmeyer (1991, p. 15, tradução livre):

Durante determinados períodos, a maior demanda de trabalho de chineses vinha do setor ferroviário. A Central Pacific começou a usá-los o mais tardar na primavera de 1865. Oficiais de construção foram veementemente contra o trabalho de chineses,

¹⁰ O Ato de Exclusão Chinesa, no entanto, foi revogado antes disso, em 17 de dezembro de 1943, pelo Ato de Magnuson (*Magnuson Act*).

mas a concorrência com a Union Pacific e a inabilidade de conseguir trabalhadores brancos os levou a empregar chineses.¹¹

Interessante destacar como os chineses correspondem a um percentual expressivo de imigrantes nos Estados Unidos, constituindo o terceiro maior grupo de “estrangeiros”, com taxa de naturalização de cerca de 50%, apenas superados por mexicanos e indianos, como apontado em dados analisados por Zong e Batalova (2017), do *Migration Policy Institute*. Das dez regiões metropolitanas com maior concentração dessa população, conforme dados de 2011-15, três estão localizadas no estado da Califórnia: San Francisco-Oakland-Hayward, Los Angeles-Long Beach-Anaheim e San Jose-Sunnyvale-Santa Clara.

Em relação à Rússia, que compartilha uma larga fronteira com a China, os migrantes chineses eram vistos como ameaça¹², sobretudo nas décadas de 1960 e de 1970, ainda na era soviética, quando houve conflitos lindeiros tensos entre os dois países de modo de produção comunista (DYATLOV, 2012). Essa percepção passou a gerar complexos estereótipos e fobias, que foram somados a um histórico reticente quanto à população asiática, pelo fato de a Rússia haver perdido a Guerra Russo-Japonesa, no início do século XX, justamente quando disputavam os territórios da China e da Manchúria. Como explica Dyatlov (2012, p. 75, tradução livre):

Os russos passaram a se perguntar: o que acontecerá se o gigante adormecido acordar? A noção de expansionismo “amarelo” japonês veio à tona após a guerra russo-japonesa. As consequências assustadoras de uma unificação entre a China e o Japão com base na raça e no prospecto de uma “expansão amarela” conjunta foram ativamente debatidas. Essas ideias entraram em conflito quando chegaram dezenas de milhares de trabalhadores migrantes chineses (principalmente temporários e sazonais), sem os quais seriam impossíveis a vida econômica, o desenvolvimento e a proteção do extremo oriente da Rússia.¹³

¹¹ During certain periods the greatest demand for Chinese labor came from the railroads. The Central Pacific began using them not later than the spring of 1865. Construction officials insisted that they were opposed to the use of Chinese labor, but competition with the Union Pacific and inability to procure white labor compelled them to employ the Chinese.

¹² Logo após o final da 2a Guerra, esta ameaça cresceu de forma bastante ambígua pois ambos os governos se declararam comunistas, com alianças ideológicas importantes que tiveram consequências para a 2a metade do sec. XX. Essa “ameaça latente” inclusive gerou interpretações históricas equivocadas como a Guerra do Vietnã, em que os Estados Unidos, devido à doutrina McCarthy, incentivaram uma verdadeira “caça às bruxas” e intervieram em um conflito nacionalista no Vietnã, interpretando-o de forma equivocada. A insistência em manter-se na guerra, já não vista como objetivamente necessária, também foi um instrumento para fomentar as disputas geopolíticas em escala global.

¹³ The Russians wondered: what will happen if the sleeping giant awakes? The notion of a “yellow” expansionist Japan emerged following the Russo-Japanese war. The frightening consequences of a unification of China and Japan on the basis of race and the prospect of their joint “yellow expansion”

Atualmente, esse cenário de fobia tem sido gradativamente modificado, devido à maior presença de investidores chineses no referido país russo, principalmente a partir da década de 1990. Assim como o Brasil e a China, a Rússia também faz parte do grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), de maneira que a manutenção das boas relações se faz necessária para um ambiente mais favorável economicamente para essas nações. No entanto, a aparente mudança de percepção acerca de chineses pela população russa, em um mundo globalizado, ainda ocorre com certos estigmas¹⁴. Como relata Dyatlov (2012, p. 81), a população ainda teme que os chineses se apropriem de seus postos de trabalho e dos recursos existentes em seu país¹⁵. Nas palavras do pesquisador:

A imagem dos imigrantes chineses foi renovada. Imagem essa que reproduziu um número de aspectos correntes no século anterior: os chineses são trabalhadores, simples e adaptáveis, com senso de empreendimento. Contudo, essas qualidades, a princípio positivas, são geralmente apresentadas de forma negativa: trabalhadores (mas às custas de nós, patriotas); autossuficientes (mas primitivos e, novamente, às nossas custas).¹⁶ (DYATLOV, 2012, p. 81, tradução livre)

Essa visão dicotômica, que reflete uma espécie de protecionismo econômico, é bastante anacrônica em um ambiente de preponderante comércio multilateral, consoante conceitos de cadeias globais de valor, com fronteiras transnacionais porosas que ampliam oportunidades de negócios. No caso do Brasil, não foi diferente¹⁷. Os primeiros chineses, provenientes de Macau, chegaram ao Brasil em 1814, como um projeto de D. João VI para desenvolver plantações de chá, artigo com

were actively debated. These ideas clashed when tens of thousands of (mostly temporary and seasonal) Chinese migrant workers arrived, without whom the economic life, development and protection of the Russian Far East were impossible.

¹⁴ Cf. Biar (2012).

¹⁵ Particularmente no caso da Rússia, esse país sempre teve uma postura bastante hegemônica no continente asiático, razão pela qual se dá bastante valor a recursos naturais, considerados estratégicos. Conforme teoria geopolítica de Halford Mackinder, publicada em seu livro “The geographical Pivot of History” (1904), a potência que se destacaria seria aquela que dominasse o chamado *heartland*, área terrestre ampla, a Eurásia, que permitiria o acesso a recursos minerais primordiais, além de configurar um ambiente bastante protegido e de fácil acesso a outros territórios.

¹⁶ The image of Chinese immigrants formed anew. This image reproduced a number of components from the previous century: that the Chinese are hardworking, simple and adaptable, with a sense of entrepreneurship. However, these qualities, positive ones in principle, are often painted negatively: hardworking (but at the expense of us patriots); self-reliant (but clannish and, again, detrimental to us).

¹⁷ Vale lembrar que, desmistificando o senso comum, o Brasil é um país cuja identidade nacional foi tradicionalmente constituída por relações raciais e sociais relativamente estratificadas, como argumenta Ribeiro, D. (1995).

grande demanda de exportação para a Inglaterra. As plantações de chá, localizadas no Jardim Botânico, na Ilha do Governador e na Fazenda Imperial de Santa Cruz, fracassaram, provavelmente devido às condições climáticas diferenciadas, e a maioria desses chineses logo deixou o país (Cf. CZEPULA, 2016).

Pouco tempo depois, após a extinção dos escravos negros no Brasil, na segunda metade do século XIX, o governo buscou alternativas para substituir essa mão-de-obra e optou, mais uma vez, pelos chineses. O presidente do Conselho Imperial e Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, João Lins Vieira Cansação de Sinimbú, era um dos que defendiam veementemente a migração dos chamados *chins*, mas esses chineses, também denominados *coolies*, pejorativamente, foram alvo de ataques constantes no congresso e na mídia brasileira.

Czepula (2016) expõe que inclusive Joaquim Nabuco, reconhecido deputado abolicionista, era um dos que assumiram discurso de rechaço em relação aos chineses, repetindo

incansavelmente que o chinês pertencia a uma raça inferior, que degredaria as existentes no país em pouco tempo e, como se isso não bastasse, ainda infestaria a sociedade com essa sua lepra de vícios (CZEPULA, 2016, p. 8)

Outras conceituações também presentes nos debates eram “viciados em ópio, ladrões de galinhas, inábeis e fracos para o trabalho na lavoura, indolentes, indisciplinados, amantes do jogo, anticristãos” ou, ainda, “indivíduos pertencentes a uma cultura atrasada, de raça inferior e de natureza moral pervertida” (CZEPULA, 2016, p. 10), como discutido anteriormente neste capítulo. Como resultado, a veiculação desse discurso xenofóbico no principal jornal da capital brasileira à época, o *Gazeta de Notícias*, motivou forte sentimento antichinês na população brasileira.

Nesse contexto, deve-se destacar que, embora o governo brasileiro defendesse a migração chinesa para o Brasil, isso não significava que havia a intenção de fomentar a migração definitiva dessa população. Tratava-se basicamente de interesse econômico, baseado na ideia de que o trabalhador chinês trabalhava muito mediante remuneração baixa. Esse posicionamento é corroborado ao observar que os vistos de trabalho eram concedidos para períodos de apenas 5 a 10 anos. Nessa conjuntura de certo estranhamento, poucos chineses efetivamente migraram; a maioria ficou apenas temporariamente no Brasil, como também explica Czepula (2016).

Além disso, no processo de miscigenação decorrente da imigração, alguns fatores de impacto cultural passaram a fazer-se presentes. No período entre 1850 e 1934, em projeto liderado pelo Senador Vergueiro, a vinda de imigrantes também objetivava embranquecer a população.

Em decorrência disso, a migração seletiva passou a corroborar a segregação existente entre os habitantes da sociedade brasileira, principalmente ao considerar o dito maior nível de escolarização básica, em média, dos europeus.

Em que pese a resistência histórica, no início do século XX, os chineses foram homenageados pela cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, que erigiu a Vista Chinesa para marcar a chegada dos primeiros imigrantes, que trouxeram o chá para o nosso país. Posteriormente, houve um segundo momento de migração de chineses para o Brasil, desta vez para São Paulo, cidade que concentra maiores oportunidades econômicas e para a qual muitos nacionais do referido país asiático começaram a ir, a partir da década de 1950, na sequência de conflitos existentes na China, decorrentes da revolução maoísta de 1949.

2.2

Aporte de capitais oferecido por migrantes

Atualmente, a proporção de migrantes no território brasileiro é de menos de um por cento da população, enquanto, nos Estados Unidos, por exemplo, há catorze por cento, segundo dados da ONU, de 2015, contingente que tende a agregar valor à economia e impulsioná-la. Nos países em que há presença expressiva de indivíduos que vieram de outros países, o desenvolvimento foi superior, comparativamente, ao período antes da imigração, o que sugere essa contribuição, somada a outros possíveis fatores. Segundo o IBGE (2003), entre 1901 e 2000, os imigrantes no Brasil corresponderam a dez por cento do crescimento populacional e, no mesmo período, o PIB do país tornou-se cem vezes maior. E estudo da *McKinsey Global Institute* (2016) indica que os imigrantes no mundo correspondem a 3% da população mundial, mas produzem 10% do PIB.

A imigração para o Brasil apenas ocorreu, de maneira mais difundida, durante a Era Vargas, entre as décadas de 1930 e 1950, mediante o esforço para incrementar o parque industrial e para trazer trabalhadores mais qualificados. Como resultado, as décadas de 1940 e 1950, de maior fluxo de imigrantes, corresponderam a uma

mudança estrutural na economia brasileira, em que o país deixou de ser majoritariamente agrícola.

Em comparação com o panorama mais contemporâneo, a relevância do trabalho dos imigrantes passa a ser maior para recompor a força de trabalho, particularmente em países em que a taxa de natalidade está em queda ou já há discrepância relativa em relação à população economicamente ativa e à população economicamente inativa, com esta maior do que aquela.

Dessa forma, essa discrepância é observada de forma mais acentuada em países com maior número percentual de idosos do que de jovens, com baixo crescimento populacional e pirâmide etária mais quadrilátera, de idade média mais alta, como nos casos da Alemanha e da Suécia, ilustrados nas imagens a seguir:

PIRÂMIDE ETÁRIA DA ALEMANHA (2016)

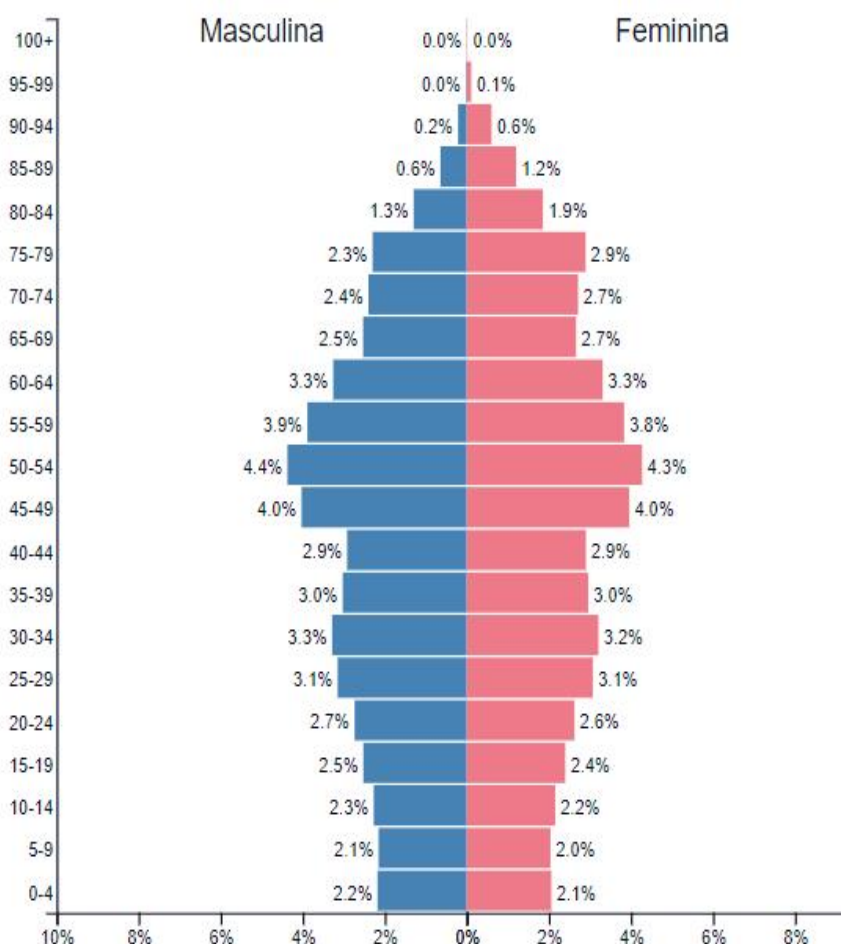


Figura 01 – Pirâmide Etária da Alemanha (2016)

Fonte: Population Pyramid (2016a)

PIRÂMIDE ETÁRIA DA SUÉCIA (2016)

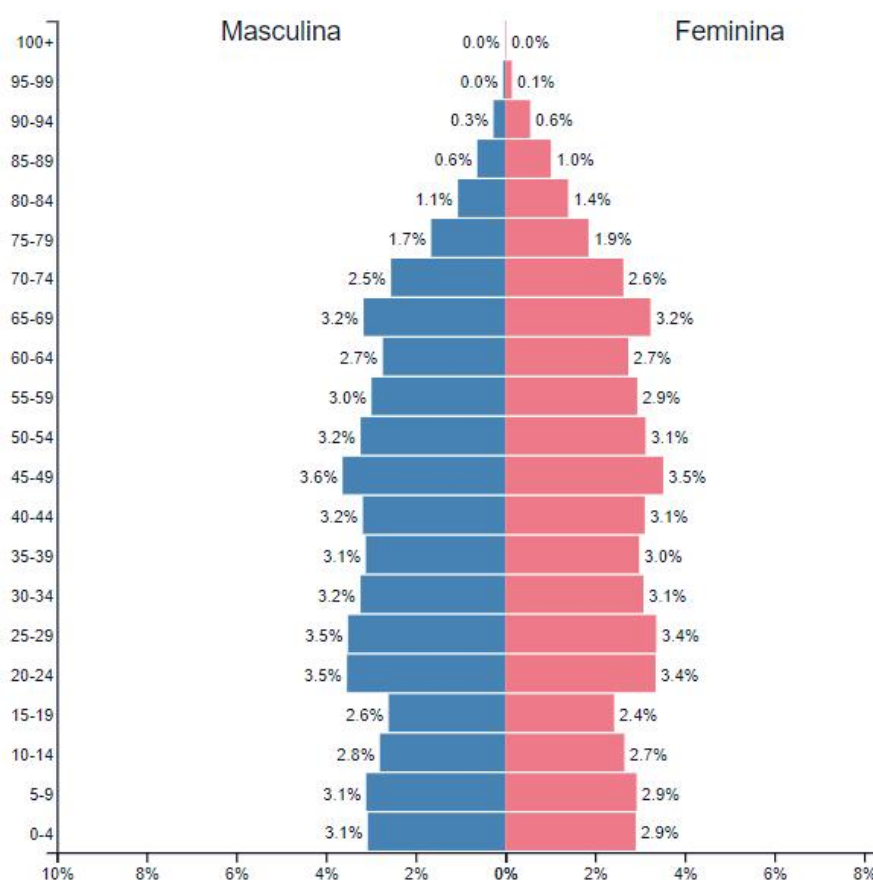


Figura 02 – Pirâmide Etária da Suécia (2016)

Fonte: Population Pyramid (2016b)

Com base nesses elementos, destaca-se que, para que uma nação se desenvolva, é necessário que ela disponha de capital financeiro (investimento), capital tecnológico (parques industriais), capital natural (recursos) e capital humano (pessoas capacitadas), como preconizado por modelos de crescimento econômico – neoclássico e revisões, como a de Solow (Cf. SOLOW, 1956; WIKIPEDIA). Embora não haja necessariamente uma categorização hierárquica entre esses tipos de capital, a capacitação de recursos humanos é, indubitavelmente, o fator mais complexo, pois depende de condições socioeconômicas do país como um todo.

Amartya Sen (2010) discorre sobre essa complexidade ao sugerir que o desenvolvimento e a riqueza de uma pessoa, em uma sociedade, são decorrentes das oportunidades disponíveis para ela, liberdades substantivas, e não apenas teóricas. As funções de um indivíduo serão mais efetivamente desempenhadas quando ele dispuser de condições econômicas, políticas e sociais favoráveis, tais

como ter assegurados saúde, educação, justiça, apoio da família e da comunidade, além de acesso a bens de consumo básicos, para que seja possível realizar, conscientemente, suas escolhas. Cidadãos com restrições quanto à inserção social terão de se conformar com alternativas remanescentes, menos concorridas, e, muito provavelmente, apenas manterão sua estratificação social. A conscientização acerca do entorno social permitirá a consecução de medidas para promover maior empoderamento, por meio de voto e de consequente proteção à liberdade e aos direitos de minorias.

Em se considerando as atuais relações de abrangência transnacional, transformações são possíveis quando há consciência e capacidade material de eventualmente questionar as entidades vigentes, em busca de uma dinamização das relações. Nesse sentido, um país teria condições de incrementar sua economia e projetar-se no mercado das cadeias globais de valor ao possuir grande contingente de habitantes qualificados, capazes de desempenhar as atividades relativas a cada etapa de produção, ou pelo menos as tidas como mais importantes.

Por conseguinte, na sociedade contemporânea, os vínculos capitalistas estão assumindo perfis mais globalizados, passando a ser mais determinante o funcionamento comercial dos Estados consoante um viés de cooperação e, mais do que isso, de interdependência. As cidades passaram a fazer parte de uma estrutura reticular e fragmentaram o espaço social. Funções bastante especializadas, como fabricação de aeronaves, estão concentradas em determinadas regiões, otimizando o gerenciamento e a produção viáveis devido ao maior potencial de meios de comunicação, como telefone e rede digital.

Em sentido oposto, elementos locais também possuem maior capacidade de replicabilidade em outros meios, constituindo um espaço de “glocalidade”, como defendido por Santos (2006): uma contraposição entre a cultural local (localização) e a cultura global (globalização), consideradas como parte de um *continuum*, consubstanciadas no conceito de glocalidade. Em outras palavras, o espaço geográfico local está imbricado de aspectos globalizados, assim como o espaço global compartilha particularidades integralizadas conforme a vivência em pequenos recortes de espaço geográfico situados nessa rede global.

Vale destacar que esse viés de cooperação tem sido contestado atualmente, consoante políticas acentuadamente nacionalistas, como no caso dos Estados Unidos durante a gestão Trump e no caso do Reino Unido, país este que optou por

sair da União Europeia, movimento denominado *Brexit*, que teve várias prorrogações e ainda está em negociação em 2019¹⁸.

Tradicionalmente, os setores econômicos do Brasil têm sido incentivados pelo Estado, que enseja ações para fortalecer a economia e recompor índices de desempenho, para dirimir eventuais crises. Foi eficaz, durante o ciclo cafeeiro, de intenso desenvolvimento, a atuação do governo brasileiro para minimizar o impacto da desvalorização da moeda internacionalmente, principalmente durante a década de 1930 e 1940, também com reforço de mão de obra migrante, para expandir o sistema agroexportador.

Com a intrínseca interdependência das economias mundiais, devido à globalização, o Estado passou a assumir função mais determinante no processo de fomento ao desenvolvimento nacional. Nesse sentido, o Brasil tradicionalmente buscou parcerias com países como Estados Unidos, Alemanha e Japão, tendo este investido no projeto PRODECER, com a Embrapa, para o desenvolvimento das condições agrícolas do Centro-Oeste, elemento essencial para os altos índices de produção da indústria agroexportadora brasileira. Com a China, mais recentemente, o Brasil estabeleceu cooperação em projeto de parceria estratégica para o desenvolvimento de projetos na área de energia, mineração, siderurgia e petróleo. Como exemplos, há a colaboração no empreendimento de Satélites Sino-Brasileiros de Recursos Terrestres (CBERS), para prover informações sobre recursos naturais no território brasileiro, acordo assinado em 2002.

Nessa toada, foi criada a empresa *International Satellite Communications Company* (INSCOM), parceria entre a brasileira AVIBRAS e a chinesa *Great Wall Industrial Corporation* (JILBERTO & HOGENBOOM, 2012[2010]). Além disso, a China também investiu na construção do Porto do Açu, perto do Rio de Janeiro, Vitória e Campos dos Goytacazes, e planeja empreender esforços para a construção da ferrovia Bioceânica (Ferrovia de Integração Centro-Oeste, FICO), conforme acordo firmado entre a estatal chinesa *China Railway Construction Corporation Limited* (CRCC) e o governo do Mato Grosso em 2016 (TEODORO, 2016). Esse

¹⁸ O referendo convocado por David Cameron em 2016 aprovou a saída do Reino Unido da União Europeia, mas teria sido resultado de um erro de cálculo político do então primeiro-ministro (SABBAGH, 2019). A líder seguinte do partido conservador, Theresa May, teve que seguir com a proposta, mas tem enfrentado bastante resistência do Parlamento Europeu e inclusive cogitou convocar outro referendo em 23 de maio de 2019, um ato que seria pouco viável democraticamente (ASH, 2019).

projeto será uma contribuição para o aperfeiçoamento da logística de escoamento de produtos agrícolas para outros países da América do Sul, Ásia, Europa e Oriente Médio.

As estatísticas sugerem que, embora ainda haja impactos socioculturais na vivência de chineses no Brasil, os trabalhadores migrantes de maior nível de escolarização aportam valor intelectual e científico renovado. Esforços ensejados para estabelecer parcerias oferecem contribuição para o desenvolvimento industrial no Brasil, fator indubitavelmente estratégico para proporcionar maior possibilidade de aperfeiçoamento e consequente estímulo ao engajamento do país no cenário internacional. Nesse sentido, é importante desmistificar simulacros culturais estanques, conceito a ser explorado mais detidamente no Capítulo 4 desta tese, para proporcionar maior fluidez nas interações entre brasileiros e chineses.

2.3

O movimento chinês de projeção de poder brando

O continente asiático é atualmente o lócus de crescimento mais expressivo no globo, seja em relação ao contingente populacional seja em relação à força econômica. Com o seu desenvolvimento ainda em ascensão, há crescente movimento chinês no sentido de ampliar a projeção do poder brando (NYE, 2004), por meio de zona de influência alcançada mediante o uso de estratégias não-militares, mormente projetos culturais, mas também com a expansão de interesses comerciais.

O poder brando reside em valores compartilhados. É por isso que intercâmbios são frequentemente mais efetivos do que a mera difusão. Por definição, poder brando significa incentivar os outros a ver os mesmos resultados que você quer, e isso requer compreender como essas mensagens são entendidas e ajustá-las conforme necessário. É crucial entender o público-alvo. (NYE, 2004, p. 11, tradução livre)¹⁹

¹⁹ “Soft power rests on some shared values. That is why exchanges are often more effective than mere broadcasting. By definition, soft power means getting others to want the same outcomes you want, and that requires an understanding of how they are hearing your messages and fine-tuning it accordingly. It is crucial to understand the target audience.” (NYE, 2004, p.11)

Com presença em vários países sul-americanos, a China tem buscado se mostrar como parceiro regional e, atualmente, inclusive mantém linha de importação de produtos tipicamente brasileiros, tais como a catuaba, o pão de queijo e a goiabada, deixando transparecer uma proposta de assimilação cultural. No geral, a China exporta principalmente produtos manufaturados para o Brasil e importa sobretudo soja triturada, minério de ferro e óleos brutos de petróleo, conforme dados de balança comercial divulgados no site do Ministério da Economia (BRASIL, 2019).

No âmbito de investimentos, a China tem demonstrado interesse no potencial da América do Sul, continente de tradicional influência dos Estados Unidos, e inclusive fez convite formal, no fórum da CELAC, no Chile, em 2018, para que a América Latina se integrasse ao projeto “*One Belt, One Road*”, liderado por esse país asiático (ESTADOS UNIDOS, 2018). Dessa forma, estão sendo ampliados os projetos empreendidos em parceria entre o Brasil e a China e, como consequência, há a motivação para o aumento do fluxo de chineses para o Brasil.

Em 2009, a China passou a ser o maior parceiro comercial do Brasil, embora isso não signifique que o comércio entre os dois países seja feito de maneira tão fluida. Ainda são bastante limitadas as rotas de escoamento de produtos e outras facilidades, diferentemente daquelas baseadas em relações com países mais tradicionais, como os EUA, mas as limitações são negociadas em diversos fóruns, tais como BRICS, BASIC e G20-F, a fim de buscar uma melhor forma de equalização.

Vale destacar que as projeções econômicas mais atualizadas para o próximo século, como citadas em notícia do *Financial Times* (ROMEI & REED, 2019), colocam o continente asiático como o de maior poder econômico no mundo, com a China como expoente regional, em contraposição à projeção estabelecida dos Estados Unidos.

Em um contexto em que a influência americana, a partir de 2017, tende a novos realinhamentos na América Latina, a China parece estar engajando-se mais rapidamente no projeto de apoio ao fortalecimento de infraestrutura no continente americano (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). No Brasil, há projetos não apenas no sudeste e no centro-oeste, áreas com pólos mais desenvolvidos, mas também no Nordeste, como no Porto do Pecém, na região metropolitana de Fortaleza, no Ceará.

A China busca projeção global não apenas em empreendimentos, mas também em projetos de difusão cultural, de poder brando, com o envio de estudantes chineses para outros países e com o financiamento de institutos de ensino de mandarim, os Institutos Confúcius, no exterior e, é possível dizer, não estão destituídos de certo aparato ideológico.

Desde o início do século XXI, passou a haver movimento de incentivo contínuo, financiado pelo Estado Chinês, para universalizar a cultura chinesa,

uma vez que as meras aberturas políticas e econômicas não se mostram como posturas suficientes a serem adotadas pelos países que almejam fortalecer seus acordos de cooperação e inserir-se de maneira marcante no contexto internacional. (RIBEIRO, R., 2017, p. 19)

É importante destacar, no entanto, que a imagem de um país não deve ser projetada de forma hipervalorizada, sob pena de descrédito em relação ao discurso do Estado (Cf. HARTIG, 2016) e geração de crises de confiabilidade. Deve-se projetar uma imagem realista, não ultra-realista. Por exemplo, na minha pesquisa, os participantes chineses demonstraram certos pontos de uniformidade em seu discurso sobre a China e, como explicitado nos meus dados pelo participante Frank²⁰, há preocupação da China em não veicular informações ou imagens desabonadoras em relação ao seu próprio país, em transmissões internacionais²¹.

Em relação a essa tentativa de disseminação de influência de poder brando, como mencionado no início deste capítulo, Ribeiro, R. (2017, p. 47) destaca, consoante o já preconizado por Nye (2004), que a consecução desse objetivo, além de exigir autenticidade e alinhamento com a matriz econômica e cultural das potências dominantes, depende de cinco recursos: inovação empresarial, cultura, valores políticos e instituições, política externa e educação, recursos amplamente abarcados em empreendimentos de instalação de institutos binacionais.

Já no início do século XX, a estratégia de difusão cultural viabilizada por institutos binacionais foi inicialmente adotada pelo governo francês, com uma primeira unidade da Aliança Francesa em Florença, em 1907, e hoje conta com mais de mil institutos no mundo todo (Cf. RIBEIRO, R., 2017; WIKIPEDIA).

²⁰ Todos os participantes da minha pesquisa são referenciados por meio de pseudônimos, para a devida preservação de suas identidades, conforme descrito no Capítulo 5.

²¹ Esse comentário foi realizado em referência à situação em que, na abertura das Olimpíadas de 2016, o Brasil veiculou imagem de infraestrutura parcialmente deteriorada no estádio do Maracanã.

Como destacado por Ribeiro, R. (2017), as iniciativas de propagação de expressão cultural geralmente são fomentadas pelo Estado, mas algumas vezes há aporte mais significativo de capital privado. No caso do mundo anglófono, o Reino Unido disseminou o *British Council* como uma espécie de consulado para questões culturais, ao passo que, nos Estados Unidos, em virtude de descentralização e de estímulo a parcerias público-privadas, os intercâmbios educacionais são realizados por instituições tais como a *Rockefeller*, filantrópica; e o *Institute of International Education* (IIE), privada. Os programas da Comissão *Fulbright*, por exemplo, são planejados pelo Departamento de Estado americano e implementados pelo IIE.

O Brasil possui apenas 24 institutos culturais, denominados Centros Culturais Brasileiros, pelo mundo, dos quais nenhum está localizado no continente asiático. Dessa forma, observa-se que o Brasil tende a se beneficiar muito mais das parcerias idealizadas e implementadas por outros países do que por iniciativas próprias de investimento, razão pela qual é importante criar condições mais favoráveis para maior integração, como iniciativas de diplomacia cultural. Essa defasagem é pontuada por Ribeiro, E (2011, p. 122), ao afirmar que

Se os países desenvolvidos, como vimos, reconhecem depender da projeção internacional de seus valores culturais para preservar ou expandir sua influência, os países em desenvolvimento, com mais razão ainda, não deveriam deixar de recorrer a essa alternativa, sob pena de autolimitarem suas possibilidades de inserção externa.

Dado que países em desenvolvimento muitas vezes possuem outras prioridades, eles acabam por não alocar tantos recursos para projetos de difusão cultural. No caso do programa *Foreign Language Teaching Assistant* (FLTA), da Comissão *Fulbright*, por exemplo, desde 2014 o Brasil não é mais co-partícipe do financiamento. A Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) antes arcava com os custos de deslocamento do intercambista, investimento impactado por circunstâncias de contingenciamento do governo brasileiro, e atualmente apenas os EUA arcam com os custos do programa.

A China, por seu turno, lança, desde 2004, várias unidades do Instituto Confúcio, muito rapidamente, e possui proeminência numérica em relação a outros institutos binacionais equivalentes como o Conselho Britânico, a Comissão *Fulbright* e a Aliança Francesa, mencionados anteriormente. Em 2017, eram contabilizadas 1.086 filiais do Instituto Confúcio em 120 países (Cf. RIBEIRO,

R., 2017). Esses programas são administrados pelo Hanban (Escritório Nacional Chinês para o Ensino do Chinês como Língua Estrangeira), associado ao Ministério da Educação da China, com objetivo de integração sobretudo a cursos de nível superior, com o intuito de consolidar referência junto a profissionais produtores e disseminadores de conhecimento, e formadores de opinião (RIBEIRO, R., 2017, p. 69).

No entanto, deve-se destacar que atualmente algumas universidades no mundo questionam o projeto de difusão cultural da China, devido a posicionamento reticente quanto a possíveis ideologias de propaganda. Nesse sentido, essa difusão foi preterida em algumas instituições americanas de prestígio, tais como *Harvard*, *Yale*, *Princeton*, *Columbia* e mesmo *Stanford*, localizada em estado de massiva imigração asiática, a Califórnia²². Além disso, sob o mesmo argumento de doutrinação ideológica, outras universidades optaram por fechar suas unidades do Instituto Confúcio, como ocorreu na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos; na Universidade de Estocolmo, na Suécia; e nas Universidade de Edimburgo, Universidade de Aberdeen, Universidade de Glasgow e Universidade de Heriot-Watt, na Escócia, como noticiado no site Research Professional.

Por ainda enfrentar problemas em sua estrutura interna, a China não projeta um poder brando tão consolidado, a ponto de se tornar hegemônica culturalmente, nos países em que possui unidades do Instituto Confúcio. Ribeiro, R. (2017) defende que as relações bilaterais e as associações do Hanban possuem substancial articulação, mas são mais dependentes dessas redes do que de uma realidade incontestável em relação ao panorama sociocultural do referido país asiático.

Nesse sentido, ressalva-se que a projeção de expectativa cultural está substancialmente centralizada no ideário sobre uma determinada cultura, não apenas nas oportunidades de imersão proporcionadas a interactantes, simulacro de cultura que também pode estar ancorado em uma resistência muitas vezes histórica.

A presente tese de doutorado busca contribuir para a desmistificação desse simulacro cultural estanque, que tende a apor óbices a uma maior fluidez das comunicações entre brasileiros e chineses, em âmbito individual, corporativo e estratégico.

²² Como compartilhado pelo participante Carlos, pontos de ônibus e outros elementos de infraestrutura na Califórnia já são apresentados nos dois idiomas, inglês e mandarim.

2.4

Perfil de imigração chinesa no séc XXI no Brasil

A presença chinesa no Brasil foi, de certa forma, constante desde o início do século XIX. Conforme estatística do Consulado Geral da China no Rio de Janeiro, estima-se que haja 150 mil pessoas de ascendência chinesa no Brasil, cerca de 140 mil em São Paulo, 7 mil no Rio de Janeiro e 3 mil em Curitiba. (CHANG-SHENG, 2012). Não há números precisos sobre outras localidades, haja vista dados mais detalhados, como os do IBGE, serem relativos ao grupo de asiáticos como um todo, ainda categorizados como de “raça amarela”. Muitos dos chineses também estão se dirigindo ao continente africano atualmente, no qual funcionam cerca de dez mil empresas chinesas, conforme noticiado no *The Financial Times* (FENG & PILLING, 2019).

Como sinal da relativa expressividade dessa comunidade em São Paulo, diferentemente do Rio de Janeiro, o Projeto de Lei 8212/17 (BRASIL, 2017), proposto pelo presidente da Frente Parlamentar Brasil-China, deputado Fausto Pinato (PP-SP), criou o Dia Nacional da Imigração Chinesa, a ser comemorado em 15 de agosto, em homenagem à chegada oficial dos primeiros chineses ao estado de São Paulo, no ano de 1900.

Observou-se, desde a última década, um fluxo diferenciado de chineses, com visão mais internacionalizada e maior nível de especialização, decorrente de projeto do Estado Chinês para promover maior ocidentalização de seu contingente populacional, a fim de facilitar a integração com outros países industrializados. Como explicitado por Li et al (2017), entre 1999 e 2009, o percentual de estudantes que realizaram cursos, parcial ou totalmente, fora do país passou de 43 para 78 por cento. O fluxo mais intenso desses alunos é direcionado para os Estados Unidos e para a Europa; no entanto, conforme as relações dos BRICS são fortalecidas, e com a criação do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) no fim de 2015, em Xangai, na China, o Brasil passou a receber mais pessoas chinesas, para fins de estudo e de trabalho.

O site do *Pew Research Center* (2018) aponta um número maior de chineses vivendo no Brasil conforme dados para os anos 1990, 2000, 2010 e 2017, ao mesmo tempo em que o número total de imigrantes caiu no período entre 1990 e 2010, particularmente em relação aos grupos mais tradicionais, tais como portugueses e

japoneses. Apenas a partir de 2017 o fluxo de imigrantes passou a crescer novamente, provavelmente em função da crise financeira mundial, como demonstrado nos dados expostos no quadro abaixo:

COMPARAÇÃO ENTRE O NÚMERO TOTAL DE IMIGRANTES E O NÚMERO DE IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL

Ano	Total de imigrantes no Brasil	Imigrantes Chineses no Brasil	% Imigrantes Chineses
1990	800.000	<10.000	<1,2%
2000	680.000	10.000	1,5%
2010	590.000	20.000	3,4%
2017	740.000	20.000	2,7%

Quadro 01 – Comparação entre o número total de imigrantes e o número de imigrantes chineses no Brasil

Fonte: Pew Research Center (2018)

Sobre o padrão de imigração chinês, vale destacar que houve paulatina mudança, em função de políticas de Estado que se atualizaram ao longo dos anos. Como explica Xiang (2016), antes de 1980, não havia liberdade de locomoção interna ou externa e apenas alguns pesquisadores eram selecionados pelo Ministério da Educação, sob requisição de Deng Xiaoping, para realizar estudos no exterior. Somente a partir da década de 1980 a política de emigração foi liberalizada e pessoas comuns, não apenas representantes do governo, passaram a poder viajar espontaneamente. No fim dessa década, foi constatado que muitos estudantes não retornavam e isso motivou um debate sobre o *brain drain*, política de atração de profissionais mais qualificados, sobretudo por melhores propostas dos países que os recebem. Após essa discussão, chegou-se ao entendimento de que os nacionais que se mantiveram em outros países seriam um “reservatório de talento no exterior” (*overseas reservoir of talent*), e inclusive também poderiam servir ao país asiático mesmo de longe. Em vez de punir os estudantes que ficaram mais tempo no exterior, o governo os incentivou a retornar e ter maior mobilidade de trabalho.

Em suma, até 1949, os chineses que emigravam eram sobretudo parte da população menos favorecida, com menor grau de escolarização. Agora, o grande

fluxo de chineses para fora do país é composto por estudantes mais escolarizados, atraídos pelas políticas de *brain drain*, como explicitado.

No Brasil, o grupo de imigrantes chineses, mais bem posicionado socialmente, e morador de regiões mais nobres na cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, vêm em busca de parcerias institucionais para a consecução de projetos do governo chinês (PINTO, 2017).

Nesse sentido, em se observando novas nuances de participação chinesa em ambientes globalizados, seja na China ou em outras partes do mundo, e a decorrente necessidade de compreender melhor os contextos culturais mistos, particularmente em relação a diferenças e sobreposições culturais, esta tese busca investigar marcas discursivas que evidenciam discurso estigmatizante, com o intuito de contribuir para a desconstrução de simulacros culturais estanques, que tendem a gerar situações interculturais pouco produtivas em uma conjuntura de interdependência econômica global. Esse direcionamento foi motivado pela convivência com chineses que expuseram sua preocupação em desconstruir a imagem prévia sobre si, momento em que passei a observar mais detidamente certa avaliação implícita sobre chineses nas falas do grupo de brasileiros entrevistados.

3

A construção discursiva de narrativas

Após introdução sobre como o migrante chinês é visto na sociedade brasileira, mediante histórico anterior ao atual movimento migratório de chineses para o Rio de Janeiro, com base na compreensão do sentimento de sinofobia amplamente difundido nos séculos XIX e XX, este capítulo focalizará elementos pertinentes à formação de simulacro cultural estanque ainda persistente no século XXI.

Neste sentido, serão abordados elementos da construção discursiva de narrativa e sua dimensão intercultural, particularmente no referente a interseções entre a cultura brasileira e a chinesa, que acabam por gerar simulacros culturais estanques. Por oportuno, é preciso compreender que a expressividade dialógica acerca de uma pessoa ou de um grupo de pessoas não se dá de forma unívoca, mas está imbuída de expectativas interculturais muitas vezes despercebidas, por serem tidas como tacitamente aceitas ou “normais”.

3.1

Expressividade dialógica na narrativa

O modelo formal de análise sociolinguística da narrativa foi desenvolvido por Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), e baseia-se na análise de sequências verbais e sequências de eventos, conforme a estrutura Sumário, Orientação, Ação complicadora, Avaliação (avaliação externa e avaliação encaixada), Resultado e Coda.

Esses elementos foram conceituados da seguinte forma por Labov (1972): (a) Sumário: uma ou duas frases resumindo toda a história; (b) Orientação: identificação do cenário, personagens e sua atividade ou situação, seja em um grupo inicial de frases ou em frases esparsas ao longo da narrativa; (c) Ação complicadora: elemento que desencadeia o enredo narrativo, como uma sequência temporal com pelo menos duas ações no passado; (d) Avaliação: indicado pelo narrador como ponto alto da história; (e) Resultado: desdobramento da narrativa; e (f) Coda: frases livres no fim da narrativa, com observações gerais ou revelando o efeito dos eventos

sobre o narrador. A interação entre esses elementos é explicitada por Labov (1972) como disposto na seguinte figura:

INTERAÇÃO ENTRE ELEMENTOS DA ESTRUTURA NARRATIVA CANÔNICA

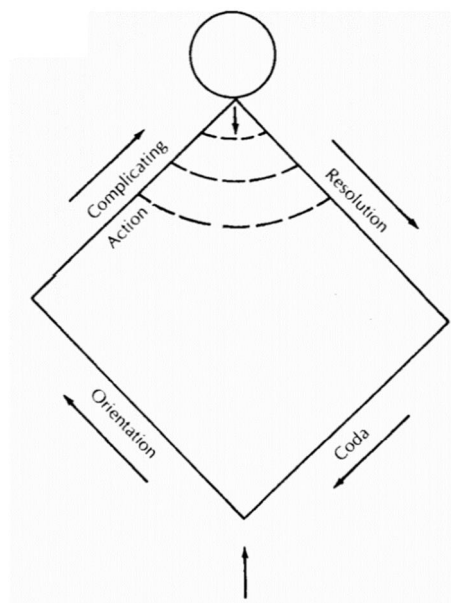


Figura 03 – Interação entre elementos da estrutura narrativa canônica

Fonte: Labov (1972, p. 369)

Esse modelo, entretanto, tem sido revisitado e reformulado à luz de discussões complementares, uma vez que tende a negligenciar gêneros discursivos não canônicos, como sinalizam Bastos e Biar (2015). Como pilares desses debates, têm-se que (a) a ação complicadora é considerada por Labov (1972) como o único elemento essencial à constituição da narrativa; (b) a avaliação oferece suporte no sentido de explicitar o porquê do esforço narrativo, mediante seu caráter de reportabilidade, e diferencia uma narrativa e um simples relatório/informe (*report*); e (c) a sequência temporal mínima deve ser constituída de pelo menos dois verbos de ação no passado.

Sobre a sequência temporal, Bastos (2008) corrobora parcialmente a perspectiva de debate enunciada neste item, ao defender que, para ser considerado narrativa, deve haver pelo menos duas ações relatadas em sequência, mas independentemente do aspecto temporal. Ela explica que

inspirada na proposta laboviana clássica, considerei que o critério mínimo necessário para decidir se um determinado segmento de

fala é (ou não) narrativa foi a presença de pelo menos dois eventos em sequência temporal. Mas diferente do modelo laboviano, tais eventos não precisam estar necessariamente no passado, nem articulados sintaticamente em orações independentes, com verbos de ação no passado. (BASTOS, 2008, p. 78)

Sobre a estrutura narrativa, Bamberg & Georgakopoulou (2008) consideram que não há apenas narrativas principais (longas), mas também narrativas breves, que podem ser consideradas tão ou mais relevantes do que a história principal para compreender o contexto interacional, isto é, investigar as identidades projetadas pelos falantes naquele contexto.

Essas narrativas breves, por serem geralmente construídas em momentos de informalidade, podem deixar transparecer mais elementos que revelem o posicionamento de projeção identitária. Bastos (2008) considera que as narrativas breves são mais próximas do modelo laboviano canônico e podem estar inseridas em narrativas mais longas.

Para Georgakopoulou (2013), a princípio, narrativa breve parece ser um conceito dicotômico, pois compreende qualquer segmento narrativo que não seja a narrativa canônica ou a história de vida. Para a autora, a característica mais determinante ou relevante para a narrativa seria a propagação da história, mediante seu potencial de reportabilidade.

Quanto a outros componentes, Richards (1999) destaca que a orientação, como conceituado anteriormente, é mais comum quando não há contexto compartilhado, como em situações de entrevistas de pesquisa.

Em se considerando os elementos discutidos acerca da estrutura narrativa, deve-se atentar para a análise dessas sequências de texto, que podem assumir diferentes funções, como enumera Riessman (2008): 1) mobilizar grupos (função política); 2) argumentar (algumas pessoas utilizam histórias para ilustrar ou mesmo relatar algo); 3) persuadir um público (função retórica); 4) envolver o público; 5) entreter; e 6) dissuadir ou dissimular.

Nesse sentido, com o intuito de abarcar a complexidade dos dados gerados em uma pesquisa narrativa, Riessman (2008) assume uma perspectiva mais pluralista de análise narrativa, ao defender que possam ser utilizados metodologias e recursos complementares.

A autora enuncia quatro métodos primários de análise narrativa, quais sejam: (a) análise temática, que trata as narrativas como unidades que podem servir de impulso para identidades individuais e de grupo; (b) análise estrutural, em que há fragmentação do discurso para destrinchamento de elementos estruturais; (c) análise dialógica/performática, em que é considerada a construção colaborativa de narrativas, perspectiva que comporta análise híbrida, com aporte dos outros tipos de análise; e (d) análise visual, em que elementos visuais e textuais são considerados de forma integrada.

O ambiente de geração de dados faz-se relevante, haja vista, em uma dada interação, o participante tender a modular sua fala, para que atenda ao que acha que é esperado dele e, assim, possa haver correspondência com as expectativas dos outros participantes. Como explicam Bastos e Biar (2015),

o ator social “sabe” em que situações são permitidas/requeridas as histórias; o que pode ou não ser contado em uma situação social; de que modo a experiência contada será distribuída entre os atores sociais que puderam ouvi-la (a esse respeito, ver Sacks 1984). (BASTOS e BIAR, 2015, p. 107)

Riessman (1993) postula que a geração de dados se constitui antes da efetiva transcrição ou mesmo gravação, dado que a escolha do contexto em que se dará a entrevista ou mesmo a seleção das perguntas já direciona o resultado da pesquisa. Nesse sentido, o participante não é o único responsável pela constituição do *self*, porquanto o relato da experiência pode não representar necessariamente uma verdade incontestada, ou para alguns pesquisadores, verdades parciais.

As experiências não são dadas, mas co-construídas com base na interpretação que cada indivíduo tem sobre um dado evento. O mundo social e seus significados estabelecidos são formados pelas inúmeras formas em que um indivíduo constrói suas relações com outro, consigo próprio, e com o mundo ao seu redor. Por isso, é necessário haver interpretação conforme o significado atribuído pelos indivíduos que viveram a experiência interacional (DENZIN & LINCOLN, 2006). A geração de dados é essencial para o pesquisador, em razão de permitir a identificação de elementos não vislumbrados em uma perspectiva abstrata, dissociada da prática discursiva.

Nesse âmbito, particularmente em relação à narrativa dos migrantes, De Fina e Tseng (2017) defendem que as narrativas podem constituir-se como recursos utilizados para recontar experiências traumáticas ou emocionais que tiveram no

processo de realocação. Esses relatos deixam transparecer valores e identidade projetada do migrante, cuja fala reflete e refrata formas de pensar e de agir. Essas autoras também destacam como questões de tradução podem modular as narrativas, que são em sua maioria vertidas para o inglês.

Em relação a essa questão de tradução, particularmente, cabe esclarecer que, em última instância, decorre da retextualização de um texto, ao pressupor uma análise interpretativa preliminar. Nesse sentido, são realizadas reformulações de ordem multilíngue, de acordo com as diferentes culturas, e de ordem multimodal, com reformulação do discurso, levando em consideração interferências provocadas por diferentes motivos, padrões de migração, processos de inserção no mercado de trabalho, dentre outros.

Nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, essa perspectiva pode ser interpretada como uma tendência a discurso mais direto –, por parte dos chineses, que se expressaram em inglês – provavelmente como resultado da barreira da língua.

Como exemplo dos vários tipos de pesquisas discursivas empreendidos com migrantes, De Fina & Tseng (2017) citam análises de questões de gênero e estereótipo (BAYNHAM, 2006), práticas híbridas de cultura dominante e cultura receptora (LUKE & LUKE, 1999), opinião sobre estrangeiros (TEUN VAN DIJK, 1993), narrativas transnacionais (WODAK, 2012 e 2014) e entrevistas biográficas (GOLDBERG & LANZA 2013; CEDERBERG 2014). Nesta tese, minha análise focalizou a projeção identitária de migrantes em relação à cultura da contraparte.

3.2

Modelo de análise macrodiscursiva e microdiscursiva de narrativas

O modelo de análise de Pastor & De Fina (2005), baseado nas propostas de Labov & Waletzky (1967/1997) e de Ochs & Capps (2001), foi utilizado nesta tese por oferecer subsídios para também compreender relações de inter-espaco características de situações de deslocamento. Esse modelo foi denominado, neste trabalho, de “Modelo narrativo de interação em situação de migração” e foi esquematizado como indicado abaixo, com base em elementos macro e microdiscursivos:

Elementos Macro-discursivos	Orientação (OR)		
	Ações Complicadoras (AC)	Eventos Complicadores (EC)	Respostas Psicológicas (Psi) Respostas Verbais (Verb) Respostas de Ação (Aç)
		Reações (RE)	
		Resolução (RES)	
Elementos Micro-discursivos	Avaliação (AV)	Explícitas (E)	Orações que interrompem relato de ações ou orações no final de narrativas
		Implícitas (I)	Discurso reportado Linguagem emocional
	Aspectos linguísticos e paralinguísticos	pronomes, determinantes, voz verbal, uso de maiúsculas, entonação, gênero, afixos, repetição, aliteração, variação de verbos, ordem de palavras, mudança de código, expressão facial, postura corporal, elementos prosódicos, formas lexicais, formas sintáticas	

Quadro 02 – Modelo narrativo de interação em situação de migração

Fonte: Adaptado de Pastor & De Fina (2005)

Como visualizado no Quadro 02, as autoras categorizaram dois níveis de análise, denominados nesta tese de elementos macrodiscursivos e elementos microdiscursivos: os elementos macrodiscursivos são precisamente os que indicam o posicionamento do falante na situação de interação, ao relatar e avaliar o evento ocorrido; e os elementos microdiscursivos, por seu turno, são indicativos das experiências sensoriais no momento de interação.

A Orientação (OR) apresenta informações contextuais da narrativa e pode variar conforme o grau de compartilhamento da situação comunicativa, isto é, se a interação ocorre entre pessoas com experiências comuns ou não, como discutido no item 3.1 desta tese.

Os Eventos Complicadores (EC) são os eventos propriamente ditos que causam estranhamento ou suscitam questionamentos em uma dada comunicação.

As reações (RE) podem constituir respostas psicológicas (Psi), respostas verbais (Verb) ou respostas de ação (Aç). As Psi constituem pensamentos reflexivos ou proativos no sentido de resolver o impasse do EC; as Verb são falas efetivamente enunciadas para intervenção, na tentativa de resolver o evento enunciado como EC; e as Aç são as ações empreendidas para esse mesmo objetivo.

A Resolução (RES) é o desfecho da narrativa, momento em que o dado evento complicador é solucionado, seja por engajamento de todas as partes seja por resultado da ação de um interlocutor apenas.

As Avaliações (AV) são conceituações sobre um determinado evento, que podem ser explícitas ou implícitas, conforme apontadas no modelo acima. Ressalva-se que Pastor & De Fina (2005) destacam que as categorias Avaliação (AV) e Reações (RE) muitas vezes podem ser consideradas sobrepostas. Por essa razão, optou-se por classificar como AV os trechos que interromperem relatos de ações ou que forem posicionados no final de narrativas, e os demais trechos reflexivos foram considerados RE.

Em relação aos elementos microdiscursivos de Pastor e De Fina (2005), os aspectos listados no Quadro 02 compreendem modulações de ordem morfossintática, como voz verbal; semântica, como mudança de código; e pragmática, como elementos prosódicos. Esses elementos, além de indicarem experiências sensoriais, como exposto anteriormente, tendem a sinalizar ênfases durante as narrativas, em relação a trechos com teor traumático ou emocional mais expressivo (Cf. DE FINA & TSENG, 2017). Nesse sentido, são particularmente utilizados em situações discursivas de avaliação, tema explorado no próximo capítulo.

A avaliação no discurso narrativo

Para compreender melhor como ocorre a avaliação do grupo de chineses e de brasileiros entrevistados em relação à contraparte de outra cultura, é importante analisar como a avaliação ocorre no discurso narrativo e motiva expectativas em relação aos interlocutores. Neste capítulo, os pressupostos de avaliação enunciados por Cortazzi & Jin (2001) serão utilizados como subsídios para compreender as narrativas de imigrantes no que tange a aspectos decorrentes de simulacro cultural, conceito proposto com base na teoria intercultural de Cavan (2006), definido como a identidade projetada de forma antagônica ou em contraposição a determinadas características de uma outra cultura, embora com poucos subsídios para embasamento.

Em relação à avaliação, é necessário ter ciência de padrões de grupo, alinhamento e expectativas da comunidade de fala. Worthom & Rhodes (2015, p. 170) explicam que

as funções avaliativas de uma narrativa também pressupõem, frequentemente, cadeias de eventos de interseção [cross-events chains]. Por exemplo, a expressão e a avaliação de um grupo social de uma forma característica pressupõe outros eventos nos quais aquele grupo, e talvez outros, foram então posicionados.²³ (WORTHOM & RHODES, 2015, p. 170, tradução livre)

A avaliação é decorrente justamente da forma como o interlocutor interpreta a sua participação, com base no seu filtro emocional (Cf. BASTOS, 2005), relativo não apenas às suas próprias experiências, mas também ao contexto externo de sua atuação, tácito, originado dos valores compartilhados por pessoas de sua cultura.

Essa ampliação de expectativas pode ocorrer de formas diferenciadas, a depender da situação de comunicação. No contexto pedagógico, Cortazzi & Jin (2001) defendem as instâncias de avaliação <na> narrativa, avaliação <da> narrativa e avaliação <por meio da> narrativa, da seguinte forma: avaliação <na> narrativa – indivíduos interagindo na construção da narrativa; avaliação <da> narrativa – indivíduos avaliando a narrativa, após a construção finalizada, se é

²³ The evaluative functions of a narrative also often presuppose cross-event chains. For example, the voicing and evaluation of a social group in a characteristic way presupposes other events in which that group, and perhaps others, have been thus positioned.

reportável; e avaliação <por meio da> da narrativa – projeção da persona do narrador. Esses processos serão relevantes para compreender o escopo das relações discursivas construídas por migrantes, tratadas no tópico a seguir.

4.1

As relações discursivas construídas por migrantes: projeção de identidades

Ao considerar as narrativas como histórias contadas com o intuito de recriar significados, destaca-se o tácito julgamento de sua relevância em um determinado contexto, isto é, seu grau de reportabilidade. Como enuncia Norrick (2005), o narrador conta a história relacionando-a com suas próprias experiências e, nesse processo narrativo, o relato é projetado de forma a atender às expectativas do falante como projeção identitária. Sobre isso, Dyer e Keller-Cohen (2000) explicam que

a narrativa nos permite construir o *self* de várias formas. Por exemplo, o ato de narrar nos permite refletir e falar sobre nossas ações no passado, e editar, corrigir e interpretá-las durante a narração. (DYER e KELLER-COHEN, 2000, p. 285, tradução livre).²⁴

Cavan (2006) corrobora essa percepção ao afirmar que “a identidade é um processo conforme o enunciado por Greene (1995), e é sempre adaptável e em transformação, caso haja espaço e instrumentos para isso.” (CAVAN, 2006, p. 69).²⁵

Nesse âmbito, considera-se, nesta tese, a instância de projeção de identidades como elementos refratados e materializados pela expressão de agência em uma narrativa, isto é, pela intenção de projetar um sentido determinado em função de supostas expectativas do interlocutor.

Esse modelo proposto pode ser mais bem visualizado na imagem a seguir, em que as expectativas supostas são gerenciadas pelo falante, em um momento de negociação, a fim de projetar um sentido refratado, em que o espaço identitário definido na interlocução sofreu modificações conforme a percepção internalizada ou externalizada do interlocutor.

²⁴ narrative allows us to construct the self in a number of ways. For example, the act of narrating allows us to reflect and talk about our actions in the past, and to edit, correct and interpret them in the telling. (DYER e KELLER-COHEN, 2000, p.285).

²⁵ identity is a process as Greene (1995) says and one that is forever shaping and becoming if it has the space and the passageways to do so. (CAVAN, 2006, p.69).

MODELO DE PROJEÇÃO DE IDENTIDADES

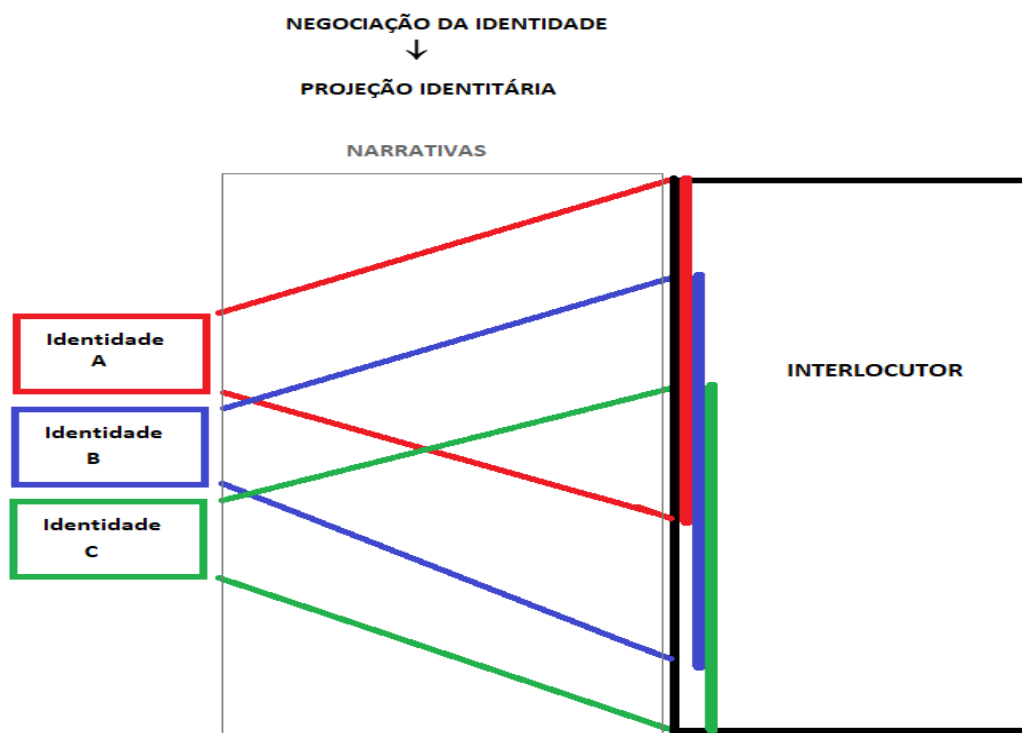


Figura 04 – Modelo de Projeção de Identidades

Fonte: Peixoto (2019)

Vale ressaltar, no entanto, que a conceituação de identidade abordada nesta tese não a assume como uma entidade unívoca nem acabada, mas pressupõe uma agência comunicativa no sentido de negociar conceitos culturais, ou simulacros de cultura, por meio de escolhas enunciativas durante a interação, movimento também referenciado como performance na literatura (Cf. BUTLER, 1990).

Em complemento a essa percepção, Schieffelin (1990) preconiza que a socialização seria uma consequência da interação. Em outras palavras, a interação gera percepções aguçadas acerca de elementos valorizados em uma dada sociedade, o que proporciona que os interactantes possam estabelecer vínculos mais duradouros, e assim socializar criando redes de contatos e experiências.

Ao compartilhar uma narrativa, o narrador o faz partindo de pressupostos construídos ao longo de sua experiência de vida. Por isso, a expressão de constituição identitária é intrínseca a narrativas, seja do ponto de vista individual ou do ponto de vista de grupo, compartilhado por todos os integrantes.

Em se considerando essas complexidades identitárias, Cavan (2006) fez uso de um método de análise de narrativas interculturais que parte do pressuposto de que,

embora os participantes imigrantes integrem diferentes espaços sociais em suas comunidades, todos enfrentam posicionamentos pré-concebidos e barreiras de socialização. Essa realidade seria modificada, muito provavelmente, apenas por um processo de aculturação-enculturação, segundo o qual a cultura do migrante seria valorizada e efetivamente integrada. Tais processos teriam por meta a “inclusão” do imigrante na nova cultura.

No entanto, mesmo a inclusão não previne o alijamento, pois, ao incluir, a cultura do imigrante é relativamente “apagada” para se tornar *mainstream* (Cf. REVUZ, 1998). Nessa luta por “aceitação”, algumas vezes os migrantes passam a ocupar um inter-espaço, chamado por Cavan (2006) de “*between area*”, em que as concepções de língua, cultura e identidade são negociadas socialmente.

É comum, por exemplo, nas comunidades asiáticas nos Estados Unidos, que os descendentes de chineses de segunda geração não mais se vejam como asiáticos e passem a se denominar “bananas” (branco por dentro e amarelo por fora), em oposição a uma conceituação, também pejorativa, de “ovo cozido” (amarelo por dentro e branco por fora). Essas alcunhas são explicadas por Cummings & Wolf (2011, p. 11 e p. 14), como citado por Wolf e Polzenhagen (2014, p. 148):

banana. definição: uma pessoa chinesa ocidentalizada (pejorativo). exemplo de texto: “O uso de bambu também tem a conotação de ser chinês. Isto é similar à analogia de uma banana, que é amarela por fora e branca por dentro, que é utilizada para descrever pessoas chinesas que nasceram no ‘Oeste’ e, logo, ‘embranqueceram’” (CUMMINGS & WOLF, 2011, p. 11, tradução livre).²⁶

ovo cozido. definição: pessoa ocidental achinesada (pejorativo), em referência à cor da pele. exemplo de texto: “Ovo cozido, branco por fora, amarelo por dentro” (CUMMINGS & WOLF, 2011, p. 14, tradução livre).²⁷

Nesse contexto, faz-se premente discutir, brevemente, o processo de possível assimilação (ou não) de culturas. Nos últimos anos, políticas inclusivas têm sido mais comuns, em vários âmbitos, mas a prática dessas ideologias não

²⁶ *banana*. definition: a westernized Chinese person (derogatory). text example: "The use of bamboo also has the connotation of being Chinese. This is similar to the analogy of a banana, which is yellow outside but the inside is white, which is used to describe Chinese people who are born in the 'West' and therefore 'whitened'" (CUMMINGS & WOLF, 2011, p.11)

²⁷ *boiled egg*. definition: a Chinesized Western person (derogatory), with reference to skin color. text example: "Boiled egg, white outside, yellow inside" (CUMMINGS & WOLF, 2011, p.14).

ocorre a contento. Podem ser considerados mais preponderantes os fatores culturais subjacentes, que mascaram ou mesmo maculam as práticas inclusivas.

Os espaços efetivamente ocupados pelos indivíduos não são mais tão determinantes nas relações sociais, talvez devido à difusão do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1997 e 2001), isto é, espécie de construção do espaço que agrega transformações da natureza, no sentido de que as pessoas não mais precisam pertencer a um *locus* determinado, apenas estarem conectadas a uma rede de comunicações que permita o intercâmbio de produtos e outros fatores, inclusive com diminuição dos custos operacionais. De forma análoga, a própria identidade pode ser compreendida como não mais situada espacialmente, de forma majoritária, mas consoante conceitos de grupos, mesmo que deslocados. Em outras palavras, não é o <estar em algum local> que confere a identidade, mas o <exercício do conjunto de valores> de um grupo, que pode estar em qualquer lugar, em um mundo globalizado.

Ao propor o seu modelo intercultural, Cavan (2006), como citada anteriormente, trabalha em quatro eixos:

- (a) pessoal (Cf. CLANDININ e CONNELLY, 2005): relacionada à experiência do interlocutor;
- (b) temporal (Cf. CLANDININ e CONNELLY, 2005): relacionada ao *continuum* de experiência, em recorte diacrônico, considerando passado, presente e futuro;
- (c) locacional (Cf. CLANDININ e CONNELLY, 2005): relacionada ao local da experiência; e
- (d) intercultural (Cf. CARGER, 2005): decorrente da mudança de posicionamento identitário, no *continuum*.

A experiência individual em contexto intercultural seria, portanto, uma refração das experiências vividas, consolidada na imagem refratada de *self*, perspectiva explicada por Cavan (2006), consoante as ideias de Grumet (1991), da seguinte forma:

o processo da narrativa é **como olhar em um espelho distante**. O espelho reflete a vida de uma pessoa, permitindo que aprendamos por meio desse reflexo. (...) Grumet enfatiza que a vida possui múltiplas perspectivas e a narrativa permite que revelemos essas perspectivas de tal forma que nos tornemos

livres de uma história moldada por um sistema de poder. (CAVAN, 2006, p. 104, tradução livre, grifo meu).²⁸

Esse sistema de poder, como citado por Cavan (2006), refere-se ao arcabouço cultural de uma determinada sociedade, em última instância decorrente de políticas de poder brando de potências dominantes, como explorado no tópico 2.3 desta tese.

Dessa forma, pode-se depreender que a constituição identitária de um indivíduo, assim como a de um determinado grupo, não está embasada apenas em concepções lineares acerca de uma dada cultura ou de um evento comunicativo, mas, mais do que isso, relaciona-se a um movimento de reflexão e refração ao que foi vivenciado em um *continuum*, isto é, passado, presente e futuro, em um espaço co-construído por todas as partes envolvidas na interação. Essa percepção motivará as instâncias de simulacro cultural, como explorado no subtópico a seguir.

4.2

Simulacro cultural: o paradigma do orientalismo

Inicialmente, cabe esclarecer que, como enunciado por Blommaert (2008), os padrões de poder e de desigualdade são mutáveis, e estão se tornando cada vez mais complexos. Como consequência, há maior conexão entre o discurso, seja oral ou escrito, e a estrutura social; e determinados posicionamentos sociais do indivíduo são evidenciados pela maneira que ele fala e pela forma que lida com o outro na conversação.

Nesse contexto, a fragmentação da sociedade, conforme explicitado por Biar (2012), é demonstrada, em coadunação com o enunciado pela Escola de Chicago (Cf. SIMMEL, 1973[1903]), por uma “atitude blasé”, que indica pertencimento a diferentes mundos de significado. O estigmatizado, ciente de que não compartilha do mesmo universo que um determinado indivíduo tido como padrão (ou “normal”), pode passar a assumir posturas moduladas, que projetam uma outra expressividade de si mesmos, a fim de manter a “marcha” interacional (GOFFMAN, 1963). Nas palavras de Goffman (1963, p. 114), “as assimetrias de diferenças entre os papéis que existem são quase sempre mantidas dentro de tais

²⁸ the process of narrative is like **looking in a distant mirror**. The mirror reflects one’s life allowing us to learn from this reflection. (...) Grumet emphasizes that life is multiple accounts and narrative allows us to reveal these accounts in such a way that we become free from one story framed by the power system.

limites, conforme será favorecido pela tarefa comum e crucial de manter a situação social em marcha”. Trata-se de um encontro misto, como proposto por Goffman (1963), referente às situações narradas (mundo narrado) e não à situação de pesquisa (mundo narrativo). Conforme conceito de Bamberg (1997, p. 335, tradução livre), o conceito de mundo narrado é definido como “narrativas – particularmente aquelas de experiências pessoais – são representações de algo que uma vez ocorreu e o que esse acontecimento passado significou (ou “agora” significa) para o narrador”²⁹ e mundo narrativo é definido como e “o ato de contar – ou “representar” uma situação particular na forma de uma história particular – para intervir, por assim dizer, entre a experiência real e a história”³⁰.

Na medida em que a globalização intensifica relações transnacionais, a impessoalidade emerge como consequência de um rápido processo de urbanização, que leva a uma fragmentação das relações familiares, “desagregação das redes de parentesco e reciprocidades”, haja vista os indivíduos passarem a assumir postura mais individualista e isolacionista (Cf. BIAR, 2015).

Embora motivados pelo contexto social, como segregação espacial, o estigma é, na verdade, sedimentado pela própria atitude dos interlocutores, que veem a si próprios como descolados do que seria esperado deles. Trata-se de uma perspectiva êmica, em que os próprios participantes têm e projetam uma visão sobre si próprios (GARCEZ, 2008), ou seja, demonstram a imagem que internalizaram a seu respeito. Esses indivíduos acabam fazendo o que acham que as outras pessoas esperam deles e ocupam os espaços que consideram ser-lhes destinados em sociedade. Por exemplo, um percentual de pessoas da zona periférica tende a almejar trabalhar e viver nessa mesma zona periférica, pois acham que isso é esperado delas e elas não podem “lutar contra o sistema” (Cf. OLIVEIRA, 2012).

No caso dos migrantes, essa estigmatização pode ocorrer devido a uma lacuna em relação ao conhecimento de aspectos interculturais. Conforme preconizado pela UNESCO (2013), é necessário buscar o desenvolvimento de competências interculturais, cujos conceitos principais – diversidade cultural, diálogo intercultural e direitos humanos – estão, em verdade, alicerçados em

²⁹ narratives – particularly those of personal experience – are representations of something that once happened and what this past happening meant (or “now” means) to the narrator.

³⁰ the act of telling - or “representing” at a particular occasion in the form of a particular story – to intervene, so to speak, between the actual experience and the story.

questões de cultura e língua. Ao ilustrar esses pressupostos em um diagrama-árvore, os conceitos principais (passos operacionais), supracitados, são representados como o caule; os elementos fundacionais, como raízes; e as demais competências, como folhas; conforme descrito a seguir:

A Árvore tem Cultura e Comunicação como suas raízes, Diversidade Cultural, Direitos Humanos e Diálogo Intercultural como caule; e cinco passos operacionais como seus galhos (ver p. 23). As folhas representam as várias formas pelas quais as competências interculturais podem ser compreendidas ou articuladas em contextos concretos. (UNESCO, 2013, p. 22)³¹

DIAGRAMA-ÁRVORE

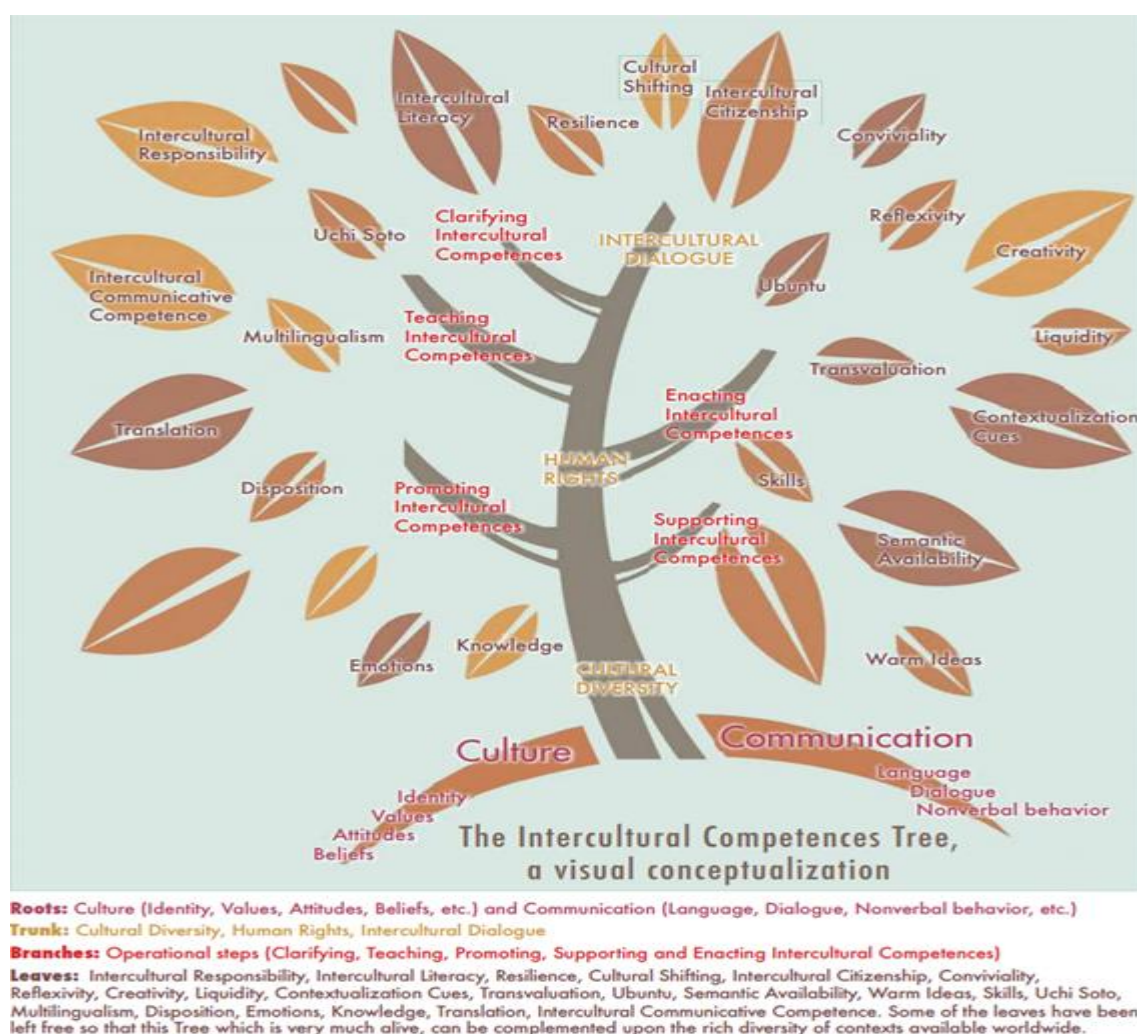


Figura 05 – Diagrama-Árvore
Fonte: UNESCO (2013)

³¹ The Tree has Culture and Communication as its roots, Cultural Diversity, Human Rights and Intercultural Dialogue as its trunk; and five operational steps as the branches (see p. 23). The leaves represent the various manners in which the intercultural competences can be understood or articulated in concrete contexts.

É importante sublinhar que a devida integração desses elementos permite um processo de transculturação, conforme descrito por Walter (2009), em que há equalização de culturas, relacionadas intra e interculturalmente, em suas interfaces pré-moderna, moderna e pós-moderna. Trata-se de um momento de acomodação de uma cultura híbrida, que foi modificada ao longo de interações entre duas comunidades diferentes, mediante intercâmbios interculturais. Nesse momento, é possível afirmar que houve integração de diversas culturas em uma dada sociedade.

Nesse âmbito intercultural, frequentemente as culturas ocidental e oriental tendem a ser polarizadas, historicamente, relação bastante explorada por Said (1990), que cunhou o conceito de orientalismo, segundo o qual a cultura ocidental, por ser considerada “padrão”, é socialmente autorizada a descrever o Oriente, colonizando-o e governando-o. Como resultado dessa discrepância, “a cultura europeia ganhou em força e identidade comparando-se com o Oriente como uma espécie de identidade substituta e até mesmo subterrânea, clandestina” (SAID, 1990, p.15). Mais do que isso, Said argumenta que o conceito geográfico e cultural de orientalismo é uma criação, em que “os lugares, regiões e setores geográficos tais como o ‘Oriente’ e o ‘Ocidente’ são feitos pelo homem” (*ibidem*, p.16). O autor complementa que “as duas entidades geográficas, desse modo, apoiam e, em certa medida, refletem uma à outra” (*ibidem*, p.17).

Particularmente no caso de imigrantes orientais, há tendência a maior distanciamento em relação à sua contraparte ocidental devido a um simulacro de cultura estanque que forja um conceito de “orientalismo”, decorrente de generalizações históricas segundo as quais, como defende Said (1990), a cultura europeia teria destacado sua diferenciação.

Essa diferenciação é clara no discurso dos entrevistados brasileiros e chineses, ao sempre remeterem a aspectos de suas culturas de forma essencialista. A participante Karina, professora de português e doutoranda, que conviveu com uma chinesa em sua casa no Brasil, relata, em sua entrevista, como se apercebeu de certo rechaço particularmente em relação a chineses, de maneira distinta a que outros grupos de estrangeiros eram referenciados por conhecidos. Consoante o postulado por Said (1990), essa caracterização da cultura ocidental, materializada na cultura europeia, como “mais civilizada” tende a um comportamento de reprodução de estigmas em relação a pessoas de certas culturas, como demonstrado no excerto 43 abaixo:

EXCERTO 43: Estranhamento cultural 2 – Karina

(Participante Karina, 00:09:11-00:11:32)

001	Rafaela:	E:: de que forma então assim de uma maneira geral, uma uma- >de uma
002		maneira geral na verdade mais detalhado né, ao contrário< de que forma
003		você AVALIA (.) a sua experiência com ela? Com essa pessoa que morou
004		com você? Com a chinesa?
005	Karina:	Então eu acho que foi BOA porque me abriu os olhos pra, pra esses
006		discursos de preconceito que eu não enxergava ANTES↓(.) então eu
007		sempre:: até como eu te falei naquele dia na aula (1,0) eu VEJO que por
008		exemplo NO BRASIL a gente HOJE tem um discurso FORTE de:: (1,0) do
009		politicamente correto em relação a VÁRIOS grupos minoritários↓ mas eu
010		NÃO VEJO ISSO em relação ao chinês↓ E eu acho que eu não teria
011		<PERCEBIDO> se eu não tivesse convivido com (.) entendeu? Então por
012		exemplo, hoje eu VEJO que a gente tem uma preocupação muito grande
013		com o que a gente fala com relação a VÁRIOS grupos que são- são
014		estigmatizados↓ a gente combate <veemente- mente> aquele- ESSES
015		DISCURSOS de preconceito↓ de ódio↓ de:: e de marginalização↓ e eu
016		<NÃO vejo isso com alguns estrangeiros> (.) entendeu? E aí eu também
017		mudei muito assim o con- (1,0) ASSIM a visão que eu tinha em relação ao
018		brasileiro↓ a gente esc- eu sempre escutava “ah, é porque <brasileiro> é um
019		povo::vo que:: (1,0) recebe BEM o estrangeiro, que brasile:iro↑ é:: (1,0) é um
020		povo <acolhedor>, que brasileiro é um povo:: (1,0) assim, que tem recepção
021		<calorosa> (1,0) e aí eu vejo que <PRA alguns tipos> de estrangeiro SIM
022		(.) e pra outros NÃO, pra OUTROS isso ficou BEM sobressalente pra mim
023		assim (1,0) entendeu? Com os chinê::s (.) com o perua::no (.) co::m (.)
024		ENFIM↓ bolivia::no, haitia::no (.) aí eu acho que eu comecei a APURAR
025		mais o meu olhar >pra esse tipo de coisa< como ALGUNS grupos
026		estrangeiros SÃO ACEITOS (1,0) e bem VISTOS, bem-VINDOS no
027		Brasil↑ e outros grupos definitivamente NÃO, por alguma razão, porque
028		>talvez< num num (1,0) >assim na minha cabeça< tem várias IDEIAS que
029		EXPLICAM esse comportamento↓ MA::S (1,0) eu acho que eu não teria
030		percebido ISSO se eu não tivesse CONVIVIDO, se eu não tivesse de certa
031		forma TOMADO PARTIDO em vários momentos né?

A partir da narração desse excerto, depreende-se que a interação pressupõe trocas culturais tácitas e, na medida em que há interseções com culturas diversas, arcabouços subjacentes são explicitados, baseados inclusive em análise de pistas de contextualização presentes no discurso. Tais pistas, estratégias discursivas que

veiculam pressupostos acerca do que é esperado por essa cultura, são classificadas por Gumperz (2002[1982]) como traços indicativos das expectativas convencionalizadas em uma dada sociedade, “são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais” (GUMPERZ, 2002[1982], p.152).

É importante destacar que as pistas de contextualização apenas são relevantes (valor sinalizador) quando há compreensão dos interlocutores, reconhecimento tácito, diferentemente do que ocorreu com Isabela na situação narrada no Excerto 35, em que a participante não compreendeu a intenção de *small talk* da chinesa Mariah, com quem dividia apartamento. A intenção que Mariah tacitamente expressou, de querer iniciar uma conversa, conforme relato de Isabela, não foi percebida em um primeiro momento, o que pode ser classificado como uma gafe social e pode motivar percepções equivocadas acerca do interlocutor, como explicado por Gumperz (2002), no trecho abaixo:

Quando todos os falantes entendem e notam as pistas relevantes, os processos interpretativos são tomados como pressupostos e normalmente têm lugar sem ser percebidos. Entretanto, quando um ouvinte não reage a uma das pistas, ou não conhece sua função, pode haver divergências de interpretação e mal-entendidos. É importante observar que, quando isso acontece e quando se chama a atenção de um dos participantes para uma interpretação diferente, há uma tendência a reações em termos de uma questão de postura ou atitude. Dizemos que o falante é antipático, impertinente, grosseiro, não-cooperativo, ou que não está entendendo. (GUMPERZ 2002, p. 153)

Essas interpretações diferenciadas são baseadas em diferentes esquemas de conhecimentos e suposições, partes da estrutura de expectativas em uma dada interação (Cf. TANNEN e WALLAT, 2002), motivadas pela própria situação comunicativa. A relação entre ambos interfere na comunicação, ou seja, esquemas de conhecimento diferenciados podem suscitar mudanças de enquadre, posicionamento discursivo no momento da interação.

Essas expectativas pressupõem a dinamicidade de uma interação, em que “as expectativas sobre objetos, pessoas, cenários, modos de interação e tudo o mais no mundo são continuamente comparadas à experiência de vida e, então, revistas” (TANNEN e WALLAT 2002, p. 191). Trata-se precisamente do ponto de refração identitária, em que posturas são reavaliadas conforme diferentes demandas comunicativas e reprojctadas, ou retextualizadas.

A narrativa e a avaliação pressupõem pontos de vista distintos, inclusive de um mesmo interlocutor, e também dependem de contexto compartilhado (ou não) pelos participantes da interação. Neste sentido, pode-se dizer que há perspectiva de multicamadas, que reflete e refrata posicionamentos. Nas palavras de Cortazzi & Jin (2001, p. 120, tradução livre), “espelhos dos múltiplos sentidos ou tempos do *self*”³², alinhado ao também citado por Cavan (2006) no item 4.1 desta tese.

Em que pese a relevância desses elementos, deve-se destacar, especificamente, que, nesta tese, o foco é a narrativa construída sobre algo que ocorreu em um momento anterior, o mundo narrado. Em outras palavras, não se trata de análise de fala em interação, o mundo narrativo, mas de análise de discurso produzido em uma situação de entrevista, em que o participante entrevistado retextualiza a situação vivenciada e, ao proferir seu discurso, deixa marcas que sinalizam sentidos pretendidos na construção narrativa com o entrevistado. Desta forma, embora a narrativa em uma situação de pesquisa também seja relevante, deve-se dissociar essa análise e a análise narrativa da situação inicial de interação.

As pistas de contextualização, por conseguinte, não devem ser elementos primários de análise, mas servem como recurso auxiliar à compreensão dos sentidos construídos nas narrativas, particularmente quanto à interação entre mim e os participantes, e como isso motiva expectativas e a forma como as narrativas serão construídas.

Assim disposto, expectativas culturais podem ser motivadas por simulacros culturais estanques, perpetuados por situações de interação moduladas socialmente. Said (1990) teoriza que, “nas discussões sobre o Oriente, este é todo ausência, ao mesmo tempo que sentimos o orientalista e o que ele diz como presença; mas não devemos esquecer que a presença do orientalista é possibilitada pela ausência efetiva do Oriente” (SAID, 1990, p. 215) Nesse sentido, as pessoas se sentem “no direito” de opinar, fazendo um juízo de valor, um simulacro de cultura, mesmo quando efetivamente desconhecem aquela cultura, e projetam sua própria identidade como sendo antagônica ou contrapondo-se a determinadas características.

³² mirrors of multiple senses or tenses of the self.

Esse distanciamento acaba por fortalecer uma suposta figura do “homem branco”, consoante o conceito de Rudyard Kipling (1954), segundo o qual, como enuncia Said,

ser um Homem Branco era, portanto, uma ideia e uma realidade. Implicava uma posição ponderada em relação ao mundo branco e também ao não-branco. Significava – nas colônias – falar de um certo modo, viver de acordo com um código de regulamentos e até mesmo sentir certas coisas e não outras. Significava juízos, avaliações e gestos específicos. Era uma forma de autoridade diante da qual se esperava que os não-brancos, e até mesmo os próprios brancos, se curvassem. (SAID, 1990, p. 233)

Diferenças entre culturas orientais e ocidentais, nesse espectro polarizado, muitas vezes suscitam curiosidade peculiar. Neste sentido, a presença mais expressiva de chineses não tem passado despercebida no Rio de Janeiro, região antes não tão habitada por nacionais desse país, diferentemente de São Paulo. Uma evidência dessa constatação é a escolha do tema da escola de samba carioca Império Serrano, no ano de 2018: o Império na rota da China³³. O enredo trata de uma pessoa brasileira, um imperiano (pessoa que pertence à escola Império Serrano), que vai para a China, devido ao projeto da Rota da Seda, vivencia a cultura chinesa e retorna ao Brasil “achinesado”, celebrando o ano novo chinês (que é logo após o Carnaval no Brasil).

Além da China, a Índia, também país dos BRICS, foi tema de outra escola de samba carioca no Carnaval 2018, a Mocidade de Padre Miguel, que escreveu enredo cujo título é “Namastê: a estrela que habita em mim saúda a que existe em você”.³⁴

É, no mínimo, curiosa a coincidência de haver duas escolas de samba, no mesmo ano, no Rio de Janeiro, abraçando essas duas culturas asiáticas. No entanto, as duas ocorrências não parecem ter sido aleatórias, mas decorrentes de uma mudança de perspectiva da população, para incorporar aspectos orientais, provavelmente como resultado da percepção de que há um maior contingente de pessoas das nacionalidades chinesa e indiana no Rio de Janeiro. Pode-se dizer, ainda, que os enredos ensejam avaliações sobre discursos correntes na sociedade brasileira acerca de nacionais da China e da Índia, processos de significação explorados no tópico a seguir.

³³ Vide Anexo E.

³⁴ Vide Anexo F.

4.3

A avaliação no discurso refratado

Deve-se compreender que as expectativas interculturais ocorrem como elemento modificador das relações, uma vez que avaliações acerca de uma dada cultura não se dão de forma unívoca, mas como movimento refletido e refratado, com potencial para reforçar simulacros culturais e estigmas. Nesse sentido, a análise das instâncias de avaliação possibilita expandir a compreensão acerca de projeções identitárias e crenças gerais sobre uma dada cultura.

É importante destacar, no entanto, que são inevitáveis as expectativas projetadas pela lente discursiva do pesquisador assim como os elementos de reflexividade (ou refração) no discurso. Como postulam Blommaert e Dong (2010):

a reflexividade na pesquisa [constitui] a forma em que o observador tem impacto sobre o que é observado, e a forma como os próprios eventos de observação são capturados em um contexto histórico real, a partir do qual são derivados o significado e a saliência. (BLOMMAERT e DONG, 2010, p. 67, tradução livre)³⁵

Em um contexto intercultural, portanto, deve ser levado em consideração o intercruzamento com valores de uma cultura B, que muitas vezes entram em conflito com concepções já consolidadas de uma cultura A. Dessa forma, o que ocorre em uma vivência intercultural é uma espécie de *mis-en-abyme*, em que os sistemas de duas culturas diferentes coexistem e, assim, inter-relacionam-se.

Por isso, o modelo intercultural adotado por Cavan (2006) propõe eixos interculturais (CAVAN, 2006) que oferecem subsídio inicial para as análises empreendidas nesta tese. No caso do excerto 28, o entrevistado Gustavo interagiu com várias pessoas chinesas, enquanto todos estavam em situação de intercâmbio nos Estados Unidos, durante uma reunião de discussão intercultural promovida pelo prédio de sua residência na universidade (dormitório). Apesar de ter tido oportunidade de convivência regular com esse grupo de chineses, Gustavo relatou certa surpresa com uma apreciação positiva de seu interlocutor, indicando que o

³⁵ reflexivity in research: the way in which the observer has an impact on what is observed, and the way in which the observation events themselves are captured in a real historical context, from which they derive meaning and salience.

esperado, tido como “comum”, seria um comportamento distinto, como explicitado a seguir:

EXCERTO 28: Opinião arraigada sobre chineses 5 – Gustavo

(Participante Gustavo, 00:03:47-00:05:00)

001	Rafacla:	E como é que foi esse período assim, foi interessante a
002		<CONVIVÊNCIA> foi <CONFLITUOSA>? Como é que foi
003		esse primeiro IMPACTO assim de [tar
004	Gustavo:	Pra mim (1,0) pra mim foi interessante porque:: (1,0) foi
005		uma::/uma:: meio que:: ELES se mostraram (.) de uma FORMA
006		diferente do que eu >imaginava<, eu pensei que eles IAM ter
007		ma::is (1,0) meio que:: (1,0) estereotipicamente ASIÁTICAS↓
008		mas eles se mostraram pessoas MUITO MUITO MUITO cabeça
009		aberta, muito:: interessados na cultura <u>ocidental</u> , muito
010		interessados na cultura BRASILEIRA e:: em desenvolver essa
011		amizade e ESTAR EM CONTATO com outras culturas, então pra
012		mim foi MUITO interessante. Eu pensei que ELES, iam ser um
013		pouco mais FECHADOS, iam, NÃO iam entender muito bem,
014		algumas, coisas que PRA GENTE da: da: da:: pra gente do Brasil
015		(1,0) é meio que comum, então algumas coisas que a gente viu
016		mais próximas, aquela coisa mais calorosa, mas eles percebiam↓
017		e compreendiam↓ e achavam tudo muito interessante↓ e tinham
018		uma cabeça MUITO ABERTA em relação a isso, então pra mim
019		foi uma::, foi uma surpresa↓

Como verificado, da parte chinesa, a reação se dá como uma forma de resistência dos participantes chineses, em que as expectativas culturais são antecipadas e há reação de embate entre as duas culturas, ocidental e oriental. Consoante essa perspectiva discursiva, muitas das narrativas de migrantes expressam agência e vitimização, geralmente expressas de uma perspectiva da coletividade, fator explorado por De Fina (2003). Nesta pesquisa, observou-se que a postura de resistência foi basicamente uma reação a uma vitimização subjacente ao que seria um dado simulacro de cultura acerca dos chineses.

Nesse direcionamento, a resistência também ocorre em instâncias de projeção identitária em que entrevistados chineses tentam transmitir a percepção de que a China seria um país com postura renovada, como explicitado no excerto 21, em que o participante Erick, intercambista do Instituto Confúcio, professor de mandarim, durante entrevista em situação de pesquisa, narra sua preocupação em contrastar o panorama cultural e econômico da China em tempos mais remotos e atualmente.

EXCERTO 21: Renovação da China – Erick

(Participante Erick, 00:20:09-00:21:25)

Tradução:

001	Erick:	Acho que temos MAIS relação com OUTROS países (.) TALVEZ
002		alguns alguns países europeus ou alguns países em que as pessoas
003		vão sentir- sua sua impressão, impressão da China, é talvez de,
004		dez anos atrás ↑, cinco anos atrás↑. Eu não sabia, ELES não
005		sabiam que a China está mudando MUITO, então essa informação
006		(.) OU NÃO, ou coisas do PASSADO (1,0) então, acho que a
007		China ESTÁ (.)TENTANDO, por exemplo, como este programa,
008		que a China está tentando mudar as mentalidades, mudar as
009		pessoas ao redor do mundo, por que tantas pessoas, ao redor,
010		tantos Chineses vivendo ao redor do mundo moram em países
011		diferentes? Acho que a China quer que as pessoas digam “oh, há
012		uma nova China” é diferente. Não é como ((incompreensível)),
013		não é pobre, não (2,0) SUJA assim, há, eles são uma NOVA, a
014		nova geração >Eu gosto disso<

Original:

001	Erick:	I think we have MORE connections with OTHER countries (.)
002		MAYBE some some Eurocountries or some countries the people
003		there will feel- their their impression, impression of China, is
004		about maybe, ten years ago↑, five years ago↑. I didn't know,

005		THEY didn't know China is changing VERY much, so this
006		information (.) OR NO, or the PAST things (1,0) so, I think China
007		IS (.)TRYING, for example, like this program, that China is trying
008		to change the minds, change to their people around the world, why
009		so many people, around, so many Chinese around the world live
010		in different countries? I think China want people to say "oh, there
011		is a new China" it's different. It's not like ((incompreensível)), it
012		is not poor, not (2,0) DIRTY like that, there are, they are NEW,
013		the new generation >I like that<

As projeções identitárias (refletidas e refratadas) constituem-se como uma espécie de modelo “idealizado”, modulado para o interlocutor, que, ao final, pode ser definido como um discurso de resistência. Por exemplo, ao sinalizar uma determinada tendência a aspecto negativo do brasileiro, o participante chinês pretende enaltecer sua própria identidade, como contraste, como resultado de uma perspectiva de reflexão e refração de um simulacro cultural, discurso estigmatizado, sobre pessoas chinesas.

5

Procedimentos Metodológicos

A tese segue pressupostos metodológicos de pesquisa qualitativa e, para tanto, procedeu a entrevistas semiestruturadas, observando preceitos éticos preconizados pelas Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº. 466³⁶, de 12 de dezembro de 2012, e pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº. 510³⁷, de 7 de abril de 2016, ambas publicadas pelo Ministério da Saúde e utilizadas como referência para pesquisas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). As etapas metodológicas são detalhadas a seguir.

5.1

Perspectiva epistemológica de pesquisa qualitativa

Nesta tese, adotou-se a perspectiva de pesquisa qualitativa segundo a qual as análises devem ser centradas no indivíduo, a fim de abarcar sua complexidade, como defendido por Velho (1978). O *turning point* para o início dessa prática se deu no campo da antropologia, particularmente por ocasião da publicação do livro “*Writing Culture*”, de Clifford & Marcus (1986), considerado um marco nos estudos linguísticos qualitativos, haja vista os autores terem buscado situar o contexto dos entrevistados e da entrevista, já evidente na fotografia da capa do livro, como destacado abaixo:

FOTOGRAFIA DO LIVRO “WRITING CULTURE” (1986)

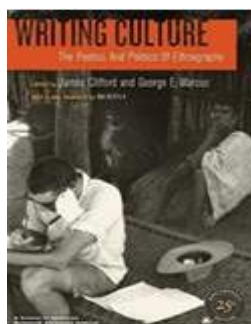


Figura 06 – Fotografia da Capa do livro “Writing Culture” (1986)

Fonte: Google Books (2018)

³⁶ Vide Anexo B.

³⁷ Vide Anexo C.

Com essa fotografia, Denzin & Lincoln (2006) evidenciam que o contexto de pesquisa qualitativa, naquele momento, era silenciosamente imbuído de posicionamentos tendenciosos, uma vez que estava quase sempre sujeito a uma análise sob lentes discursivas da classe dominante. Devido a essa constatação, Denzin & Lincoln afirmam que essa fotografia “talvez seja a mais influente obra da etnografia da segunda metade do século XX” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 16), por reproduzir “duas ideias que estão bem vivas na imaginação racista: a noção do indivíduo branco do sexo masculino como autor/autoridade (...) e a ideia do homem passivo pardo/negro [e da mulher e da criança] que não faz nada, apenas observa.” (HOOKS, 1990, p. 127 *apud* DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 16).

Ao problematizar essa perspectiva, reconheceu-se que, mais do que classificações estanques, deve-se compreender que a pesquisa qualitativa é um *continuum* de análise, que não desconsidera eventuais suportes metodológicos extras para a compreensão de seu objeto de estudo (Cf. WINKIN, 1998). Em essência, métodos qualitativos não podem ser acabados e é precisamente por isso que instrumentos tais como questionários socioculturais com perguntas objetivas estão sendo descontinuados nas pesquisas de Análise do Discurso.

Por oportuno, deve-se esclarecer que as metodologias qualitativa e quantitativa não são necessariamente dicotômicas, mas podem ser usadas de forma complementar para a análise de dados gerados. Nesta tese, por exemplo, os pressupostos qualitativos foram utilizados majoritariamente, mas também se recorreu, de forma pontual, a aporte quantitativo. Consoante defendido por Creswell (2003) para uma metodologia mista, foi apresentado um modelo visual no subtópico 5.6, a fim de situar objetivamente os dados gerados, como uma espécie de recorte diacrônico.

Essa postura também está alinhada com o defendido por Winkin (1998), que preconiza as etapas de (a) descrição espacial, com a elaboração de mapas espaciais; (b) ambientação do tempo, com a realização de mapas temporais; e (c) teorização, com o retorno periódico aos dados, a fim de aperfeiçoar a sistematização decorrente da observação de dados. O referido autor enfatiza que os dados não devem ser alocados em meros receptáculos teóricos, mas serem repensados à luz da teoria, constantemente, e o aporte de mapas visuais permite justamente situar a interação, sem limitar o escopo dos dados gerados.

Nesse âmbito, é relevante diferenciar distância social (experiências de grupo) e distância psicológica (experiências individuais), como sinaliza Velho (1978):

dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferência, gestos, idiossincrasias. Até que ponto se pode, nesses casos, distinguir o sócio-cultural do psicológico? (VELHO, 1978, p. 38)

Em outras palavras, pode-se dizer que pessoas de estrato social mais privilegiado, oriundas de diferentes localidades, possuem preferências e comportamentos mais semelhantes do que as de outros grupos sociais de uma mesma localidade. No caso de judeus, por exemplo, mesmo distantes, esses indivíduos compartilham valores como nação independentemente da localidade em que estejam. Pode-se dizer, portanto, que o conhecimento de relações sociais ocorre em grau aproximativo e não definitivo, isto é, sem ser estanque, essencialista, porquanto existe a possibilidade de interferência de variáveis não previstas, em virtude da complexidade da constituição identitária de um indivíduo.

É interessante ressaltar que a pesquisa qualitativa foi tradicionalmente situada como contraponto da pesquisa quantitativa, em que esta era considerada mais objetiva, por supostamente permitir uma distância segura do pesquisador, para não interferir na produção dos dados. No entanto, chegou-se ao entendimento de que essa dita “interferência” é, na verdade, representativa de uma situação real de interação, que não ocorre sem assimilar a relação com outros fatores situacionais, também decorrentes de experiências sócio-históricas diferenciadas.

Nessa esteira, esta tese adotou perspectiva de análise narrativa com base em entrevistas de pesquisa semiestruturadas, complementadas por aporte de diário de campo. Consoante o preconizado por Creswell (2003), esta tese fez uso, particularmente, de estratégias abertas, com perguntas abrangentes, utilizando verbos exploratórios, a fim de não limitar o escopo dos dados a serem gerados.

Para a análise, foram considerados relevantes os aspectos geográficos e econômicos da localidade em que estão os participantes para melhor compreender sua vivência no mundo, consoante uma abordagem êmica. Nesse sentido, dados mais detalhados acerca do histórico de vida dos participantes foram fornecidos no Quadro 07 – Descrição do perfil dos entrevistados e da situação de pesquisa.

Essa contextualização dos dados auxiliou uma análise em perspectiva, consoante a metáfora do cristal de Denzin & Lincoln (2006), segundo a qual os dados não são passíveis de “validação” propriamente dita, mas constituem projeções identitárias refletidas e refratadas a partir do “cristal da interação”.

Denzin & Lincoln referem-se a esse processo como refração de um cristal, ao afirmar que “cada forma de narrá-lo, tal como a luz ao atingir o cristal, reflete uma perspectiva diferente sobre o incidente.” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 20). Essa metáfora foi inicialmente introduzida por Richardson (1997), consoante percepção de que a pesquisa qualitativa está centrada na imagem do cristal e não na do triângulo, uma vez que as possíveis projeções (refletidas e refratadas, a partir do cristal) é que devem ser objeto de análise na pesquisa qualitativa, não simplesmente os dados ou a forma como os dados se relacionam entre si, alinhadas em um triângulo.

Essa percepção de refração, imagens refratadas, alinha-se à ideia bakhtiniana de que o sujeito entende sua própria identidade conforme a interpretação que tem do outro, isto é, como o outro compreende ou viria a compreender o seu discurso. Tem-se, assim, a avaliação, mediante discurso politicamente correto ou retificações, constitui-se elemento motivador importante para a projeção de identidades.

Em meio à comparação das imagens refletidas e refratadas de um cristal, conforme a mencionada metáfora de Richardson (1997), o ponto considerado ótimo, ou de saturação, de uma pesquisa é compreendido como o momento em que dados adicionais não agregariam maior compreensão do objeto estudado, limiar sobre o qual não há consenso, mas depende de análise crítica acerca da melhor extensão dos dados (MINAYO, 2017).

Nesse sentido, faz-se premente compreender, mais detidamente, como foi a minha relação com os participantes na situação de pesquisa, tema abordado no subtópico 5.2 a seguir.

5.2

Relação com os participantes: eu, pesquisadora, no contexto de pesquisa

A pesquisa empreendida nesta tese contou com a participação de sete brasileiros e quatro chineses, e as entrevistas foram concedidas nos idiomas português

e inglês, respectivamente, e apenas gravadas em áudio. Dentre os brasileiros entrevistados, a maioria participou de programas de intercâmbio da Comissão Fulbright (do *Foreign Language Teaching Assistant* – FLTA, para ensino de português; e do Doutorado Sanduíche), nos Estados Unidos, em diversos estados, no período entre 2013 e 2015, ocasião em que compartilharam residência, foram vizinhos de dormitório ou trabalharam cotidianamente com chineses. Além deles, foram entrevistados outros dois brasileiros que moraram com chineses no Brasil. Em relação aos chineses, todos eram professores de mandarim residentes do Rio de Janeiro, em programas de intercâmbios promovidos pelo Instituto Confúcio ou pelo Ministério da Educação da China (HanBan), realizados na PUC-Rio ou no Colégio Pedro II. Um dos participantes trabalhou inicialmente em um programa na PUC-Rio e depois engajou-se em outras parcerias, também mantidas pelo governo chinês.

O contato com os brasileiros ocorreu por meio de grupos de ex-participantes do programa FLTA, registrados na plataforma de rede social *Facebook*. Eu, também ex-participante do referido intercâmbio, postei mensagens no grupo de minha edição do programa (2013-2014) e no grupo da edição posterior (2014-2015), no qual conhecia alguns participantes. Inicialmente, postei mensagens de sondagem, para apurar a eventual disponibilidade de seus participantes para conceder entrevistas via *Skype*, e obtive várias respostas favoráveis, embora nem todos os que se manifestaram positivamente nesse momento tenham concedido entrevistas posteriormente, devido a incompatibilidades de agenda.

No tocante aos chineses, o contato inicial foi com uma professora de mandarim que se hospedou em minha casa durante seu intercâmbio no Rio de Janeiro, durante um ano, e demonstrou bastante entusiasmo com a iniciativa de pesquisa sobre a cultura chinesa. Além dela, ainda nesse período, também hospedei outra professora do Instituto durante cerca de dois meses.

Por meio da primeira professora de mandarim, conheci outros professores de mandarim que também aceitaram conceder entrevistas. Em função do mesmo tipo de atividade dos participantes chineses, o conteúdo das entrevistas remeteu a um discurso recorrente em relação a conceituações do ensino de idiomas do Instituto Confúcio. Um dos entrevistados inclusive se dispôs a proferir palestras, em curtas apresentações, sobre tópicos de interesse dos projetos do referido Instituto no Brasil.

Busquei estreitar a relação com os chineses entrevistados para conhecer um pouco mais a sua cultura. Para tanto, visitei, a convite da primeira professora de

mandarim mencionada, uma igreja evangélica de matriz chinesa localizada no bairro da Tijuca, na qual são realizados cultos bilíngues; participei de evento de comemoração do ano novo chinês, organizado pelo Consulado da China no Rio de Janeiro; e integrei-me a comemorações gastronômicas do grupo de chineses intercambistas do Instituto Confúcio, sejam professores de mandarim sejam alunos de pós-graduação na PUC-Rio. Além disso, procurei integrar os entrevistados em atividades culturais brasileiras, tais como o Carnaval, do qual participei juntamente com dois chineses, para desfile na escola de samba Império Serrano, com tema da China no ano de 2018 (vide Anexo E).

A oportunidade de convivência cotidiana com uma chinesa intercambista e a possibilidade de diálogos sobre temas de diversas naturezas, assim como uma convivência mais diversa com os chineses, além dos que participaram da minha pesquisa, permitiu uma percepção mais aguçada de opiniões acerca de suas experiências no Brasil, o que potencialmente possibilitou a expressão de pontos de vista mais específicos desse grupo de chineses, inclusive desde o período em que estavam na China, quanto à expectativa de vir para o Brasil.

Esse contato mais próximo me motivou a realizar uma visita à China, no mês de julho de 2019, para me familiarizar, de maneira mais autêntica, com a cultura do país. No meu roteiro de 20 dias, incluí visitas a partes turísticas e, depois, estada em uma cidade de maior concentração industrial, na qual um parente vivia há cerca de 10 anos. Dessa forma, inicialmente visitei as cidades de Pequim, Xian, Guilin, Yangshuo e Shanghai, e, na sequência, Guangzhou e Hong Kong. Nesse trajeto, procurei observar de forma muito atenta as interações entre os chineses, a dinâmica cidadina e “entrevistar” informalmente tantos chineses quanto fosse possível. Nesse período, além da pessoa brasileira com quem eu estava viajando, meu marido, o meu contato foi apenas com chineses, de maneira que precisei utilizar outras estratégias de comunicação para conseguir me comunicar em mandarim, idioma que ainda não domino. Para isso, utilizei aplicativos de mapas e de busca em mandarim, e de tradução do inglês para o mandarim, com a opção de verbalização do texto.

Em Guangzhou, mais especificamente, tive a oportunidade de permanecer um tempo maior e, ao contrário das outras cidades, interagir mais com brasileiros e franceses que moravam no país por dez a vinte anos, e trabalhavam para uma

empresa francesa; além de um chinês, e sua família, bastante próximo ao grupo, e com vivência anterior de cerca de dez anos na Itália, onde estudou.

Na interação com essas pessoas, também pude investigar informalmente, sob a ótica desse grupo, alguns pontos de contraste entre a cultura ocidental e a cultura oriental, tanto com base nas narrativas dos ocidentais quanto com base na narrativa do chinês. Durante essas observações e fundamentada nessas narrativas, pude perceber que havia certa polarização nos grupos de funcionários nas empresas, com estrangeiros geralmente interagindo entre si, sem contato tão próximo com os chineses, muito provavelmente pelo fato de a maioria dos estrangeiros residentes na China estarem mormente a serviço de empresas estrangeiras com filial nesse país, não trabalhando em empresas chinesas propriamente ditas.

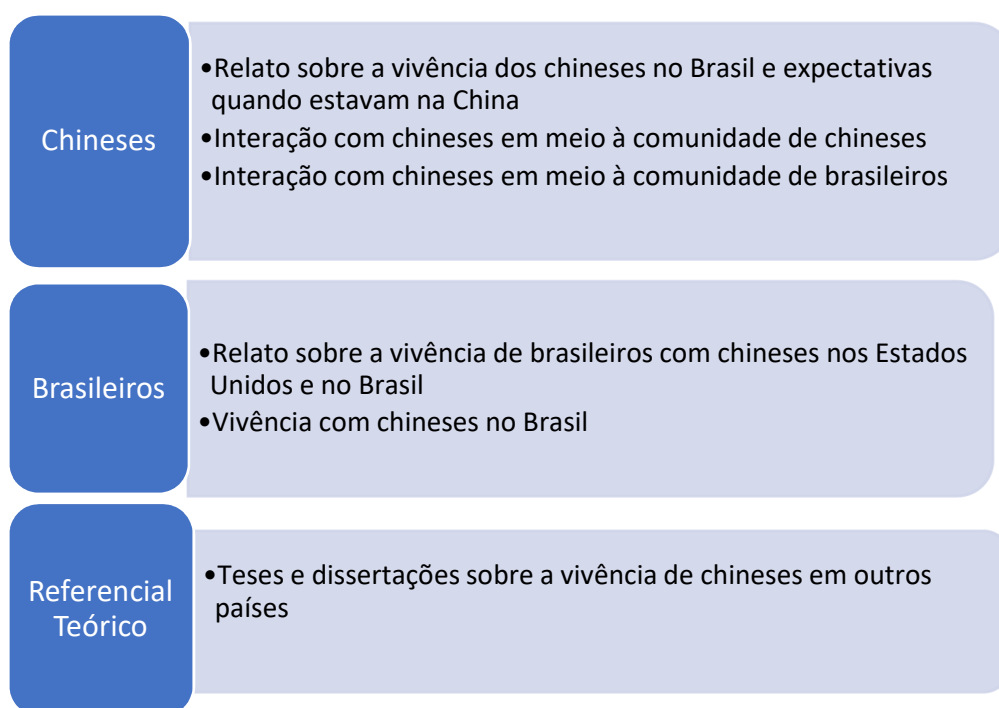
Esse distanciamento social foi observado por mim, ainda, durante a interação com dois chineses com quem mantive contato no período de sondagem para a tese, no Brasil, para serem possíveis participantes da minha pesquisa. Por meio de um brasileiro que trabalha em uma multinacional chinesa do setor de energia, contatei dois chineses que aceitaram ser participantes da pesquisa. Contudo, talvez por uma questão de preservação de relações trabalhistas, a entrevista apenas foi concedida de forma escrita, com geração de dados pouco densos, que acabaram sendo descartados.

Diferentemente dos funcionários da empresa de energia, os professores de mandarim sempre se posicionaram de forma bastante solícita em relação à pesquisa, talvez por estarem mais à vontade com questões culturais que também perpassam situações de ensino de línguas e terem vínculo com a PUC-Rio, mesma instituição em que cursava meu doutorado. Em conversas informais anteriores e durante as entrevistas, foram relatadas situações idiossincráticas quanto aos contextos de estudo e de trabalho nas respectivas culturas. O engajamento dos entrevistados chineses pode ser mais efetivamente observado na entrevista de Frank, que expressou, no Excerto 25 – Conceito sobre a China, reproduzido na epígrafe desta tese, certa angústia em relação a situações de propagação de simulacros culturais estanques ao afirmar que eu poderia oferecer contribuição para “resolver esse problema” com a minha pesquisa.

A relação entre mim e os participantes foi no intuito de tentar vivenciar contextos além da própria situação de pesquisa. É possível dizer que se buscou uma prismação de dados, em perspectiva de cristal, consoante a metáfora de

Richardson (1997) explicitada no item 5.1, com o propósito de compreender melhor a cultura chinesa e a ambientação de chineses no mundo ocidental, por meio de pilares de investigação centrados em chineses, em brasileiros e em referencial teórico sobre chineses que viveram em outros lugares, como demonstrado no Quadro 03, a seguir:

PRISMALIZAÇÃO DE DADOS



Quadro 03 – Primalização de dados

Fonte: Peixoto (2019)

Destaca-se que a perspectiva prismática de cristal, com consideração dos três eixos de análise, é uma forma de analisar o objeto em maior profundidade e consiste em uma alternativa ao método tradicional de validação (Cf. DENZIN & LINCOLN, 2006). Nesse sentido, a validação ocorre de forma equiparada à credibilidade, uma vez que esta pretende apoiar-se em dados quantitativos para embasar determinada conceituação de progressão de análise.

A relevância dessa análise reside no potencial de amplitude prismática proporcionada pelas variáveis, uma vez que uma pesquisa qualitativa não focaliza os dados em si, mas como as variáveis se inter-relacionam em um movimento prismático

(RICHARDSON, 1997 *apud* DENZIN & LINCOLN, 2006). Em outras palavras, os dados são compreendidos como projeções de identidade, refletidas e refratadas.

Denzin & Lincoln (2006) corroboram esse ponto de vista ao afirmar que “cada forma de narrá-lo [o evento], tal como a luz ao atingir o cristal, reflete uma perspectiva diferente sobre o incidente” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 20). Pode-se vislumbrar essa perspectiva prismática no modelo de projeção de identidades mencionado na fundamentação teórica, na Figura 04 – Modelo de Projeção de Identidades.

Essa perspectiva prismática pressupõe não apenas a reflexão, mas também uma refração de posicionamentos, isto é, o interlocutor não apenas reproduz o conceito assimilado por ele, consoante sua vivência, como também modifica esse conceito à luz de outros fatores e o refrata de maneira única. É precisamente nesse ponto que o pesquisador possui relevância em sua observação participante, ou quase-observação participante, uma vez que tenta compreender o escopo e a amplitude dessas variáveis, ao mesmo tempo em que também faz parte desse processo prismático e refratado.

Nesse contexto, não se pode desconsiderar a agência do pesquisador durante a pesquisa, referenciado na literatura como “paradigma do observador”, que também modificará o contexto de pesquisa, até chegar ao equilíbrio das variáveis e a uma situação de pesquisa única. Esse processo, no entanto, deve seguir parâmetros éticos bastante cuidadosos, a fim de não constranger os participantes da pesquisa, conforme explicitado no subtópico a seguir.

5.3

Posicionamento ético na pesquisa

Todos os procedimentos de pesquisa, realizados após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da PUC-Rio, conforme Parecer N° 14/2018, de 16 de agosto de 2018, constante no Anexo B, buscaram proteger a identidade dos entrevistados, segundo preceitos éticos, por meio do registro anônimo dos participantes. Para isso, foram concedidos pseudônimos aos participantes, escolhidos conforme a ordem de entrevista e a nacionalidade, isto é, nomes em ordem alfabética e no idioma português ou inglês, a fim de contribuir para uma melhor gestão dos dados gerados.

Para corroborar essa intenção, conforme orientação do Comitê de Ética da PUC-Rio, os entrevistados receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³⁸, elaborado em português, após aprovação no Comitê. O referido Termo, de acordo com o previsto na Resolução CNS nº. 466³⁹, de 12 de dezembro de 2012, e na Resolução nº. 510⁴⁰, de 7 de abril de 2016, esclarece que os dados não possuem efeito vinculante e, portanto, podem ser destruídos a qualquer tempo, caso solicitado pelos participantes, consoante o disposto no Art 17, inciso III.

Dentre os critérios importantes a serem considerados pelo pesquisador em uma pesquisa qualitativa, Simons & Piper (2015) citam que deve haver consentimento esclarecido; confidencialidade e anonimato; acesso dos entrevistados ao resultado da pesquisa antes da publicação dos dados gerados; aprovação pelo Comitê de Ética; e considerações de ética para o pesquisador. Os autores destacam, em relação aos Comitês de Ética, que estes atualmente assumem uma postura bastante defensiva, em que questões legais (direito à privacidade, direitos autorais, etc) parecem ser mais imperativas do que questões morais, como ocorre com o caso de entrevistas com refugiados (Cf. JACQUEMET, 2005).

Os autores mencionam que o princípio ético anterior possuía um enfoque racional, com ponderação de direitos e deveres, ao passo que o princípio ético atual está baseado em práticas participativas e democráticas e é denominado “ética do cuidado ou ética relacional” (SIMONS & PIPER, 2015, p. 59), uma vez que leva em consideração “os relacionamentos, a vida e o contexto das pessoas” (SIMONS & PIPER, 2015, p. 59).

O cuidado com o participante, perspectiva sobretudo direcionada pelo fortalecimento de princípios de direitos humanos, motivou o que se chama de “ética situada”, em que devem ser considerados aspectos específicos do contexto sociopolítico de pesquisa, a fim de evitar constrangimentos a um determinado grupo social, por exemplo. Os autores citam que “para tomar qualquer decisão ética, é preciso saber de que maneira exata muitos dos fatores anteriores se manifestam no contexto sociopolítico concreto” (SIMONS & PIPER, 2015, p. 59), contexto esse que é denominado por Usher (2000) como “momento ético”.

³⁸ Vide Apêndice A.

³⁹ Vide Anexo B.

⁴⁰ Vide Anexo C.

Em relação ao critério de considerações de ética para o pesquisador, Simons & Piper (2015) destacam que os possíveis efeitos para o pesquisador também devem ser considerados, uma vez que, embora esteja conduzindo a pesquisa, sempre está em posição de vulnerabilidade. Essa fragilidade geralmente é mais evidente quando o pesquisador lida com participantes em situação de perigo iminente, como zonas de guerra ou presídios (Cf. BIAR, 2012), mas, na verdade, perpassa toda a vivência do pesquisador, principalmente em pesquisas etnográficas ou de cunho etnográfico e, particularmente, em pesquisas autoetnográficas.

Como nunca é possível prever todos os desdobramentos do planejamento inicial, as vulnerabilidades elencadas durante o planejamento de pesquisa são apenas projeções. Por essa razão, Simons & Piper (2015) defendem que o ‘termo de consentimento livre e esclarecido’ deveria ser, na verdade, denominado ‘termo de consentimento em andamento’, passível de ajustes durante a pesquisa. Trata-se de um processo contínuo e aberto na geração de dados, pois a qualquer momento o participante tem o direito de rever um posicionamento (por exemplo, pode inicialmente optar por desejar a sua “não identificação”, e em um momento posterior pode desejar mudar de postura e desejar que seu nome e identidade seja revelada (ao menos parcialmente).

Embora essa prática não seja difundida no Brasil, atualmente tal dinâmica começou a ser observada e respeitada em algumas pesquisas. Para a geração de dados desta tese, os participantes foram informados de que estão plenamente resguardados pela previsão de que podem solicitar, a qualquer momento, o descarte dos dados gerados.

Nesta pesquisa, houve comprometimento com a lisura na geração de dados e as etapas metodológicas foram cuidadosamente planejadas para estarem alinhadas aos parâmetros éticos preconizados em pesquisas qualitativas, conforme explicitado no subtópico a seguir.

5.4

Contexto de geração de dados

Os dados foram primariamente gerados, após aprovação no comitê de Ética, por meio de entrevistas concedidas por brasileiros e por chineses acerca de sua vivência com pessoas da cultura da contraparte, no mês de agosto de 2018. Para a

análise dos dados, partiu-se da compreensão de simulacros culturais presentes no discurso do grupo de chineses e correspondência com os simulacros culturais presentes no discurso do grupo de brasileiros.

Inicialmente, antes da geração dos dados oficiais, foi realizada uma entrevista informal (entrevista-piloto) com uma professora chinesa, a fim de criar inteligibilidades acerca da presença de eventuais interferências interculturais no discurso sobre pessoas de uma cultura estrangeira. Com base nesse *input* inicial, um pré-roteiro de pesquisa foi elaborado, com cerca de dez perguntas, para elicitare narrativas acerca da interação entre pessoas dos dois países (vide Apêndices B e C). Embora compartilhando a mesma proposta de análise, os roteiros de entrevista foram elaborados de forma um pouco diferenciada, com o intuito de atender a especificidades de cada perspectiva de interlocução.

As entrevistas com os brasileiros foram majoritariamente concedidas por *Skype*, com exceção de duas pessoas, entrevistadas pessoalmente; e todos os chineses foram entrevistados pessoalmente. No entanto, essa diferença de modalidade metodológica não teve impactos significativos para a geração de dados. Durante as entrevistas, outras perguntas foram realizadas aos entrevistados e, em alguns casos, eu também fui indagada. No momento inicial da pesquisa, houve a preocupação de solicitar a autorização do uso dos dados para fins de pesquisa e de publicações científicas, e registrar a resposta afirmativa dos entrevistados, também salientando a possibilidade de eventualmente retirar essa autorização, conforme previsto nas Resoluções de ética na pesquisa citadas no subitem 5.3. Ao final, houve oportunidade para que o entrevistado se expressasse livremente, com a realização de comentários adicionais. Com isso, buscou-se não só obter outras informações consideradas relevantes, mas também observar ratificação ou reflexo de discurso anterior, com a demarcação de elementos mais impactantes para os entrevistados, assim como detalhes da situação de pesquisa, ambos categorizados no subtópico 5.5.

De forma geral, a preparação para entrar em campo consistiu apenas no apoio de um pré-roteiro de entrevista, impresso, e no uso do gravador de áudio do celular *smartphone*, tanto para as entrevistas presenciais quanto para as entrevistas via *Skype*. No caso das entrevistas presenciais, o gravador era posicionado estrategicamente entre mim e o(a) entrevistado(a), para que o som fosse capturado de forma clara quando cada um estivesse falando. No caso da entrevista via *Skype*,

no notebook, deu-se preferência a posicionar o gravador de áudio do celular exatamente na saída de som do notebook, dado que a minha voz era mais facilmente capturada de forma clara pelo celular.

As situações de entrevista sempre eram iniciadas e finalizadas com um pequeno *small talk*, não necessariamente gravado. Dentre as dificuldades encontradas, é possível citar apenas os problemas relativos à gravação, particularmente nas conversas por Skype, quando ocorria alguma eventual falha de conexão de internet.

Na primeira audição dos dados gerados, realizei uma transcrição primária, de conteúdo, fazendo uso de discurso reportado. Com isso, foi possível ter uma espécie de guia, relativamente resumido, para posterior resgate mais eficiente de trechos das entrevistas considerados relevantes. Nessa espécie de resumo, foram inseridas demarcações periódicas de minutagem e comentários do pesquisador, como explicitado no trecho de diário de campo sobre o Excerto 24, do participante Frank:

TRANSCRIÇÃO DE CONTEÚDO DO EXCERTO 24

[00:05:38]

Ele não se sentiu necessariamente saudoso de casa, ao chegar ao Brasil, pois há muita diversidade e as pessoas são muito amigáveis. **["I will share my experience with you" demonstra certa atitude normativa, de quem sabe que esse dado será utilizado]** Quando ele chegou no Galeão, a diretora do Instituto Confúcio buscou ele e outros professores de mandarim, e tomaram um táxi para Copacabana. No caminho, ele viu muitas favelas e achou que teria que viver em barracos semelhantes. O cenário é parecido com o da China nas décadas de 1960 e 1970, cerca de 40 anos atrás. **[00:06:57; o entrevistado demonstrou certa surpresa e sorriu com a percepção de que a arquitetura local era muito menos desenvolvida do que na China]** **Após passar pelo Túnel Santa Bárbara [ele pergunta qual seria o túnel, a entrevistadora disse que seria o Rebouças, e ele disse que não, e deu a dica de que era localizado em Laranjeiras] e chegar em Copacabana, ele foi mostrado a outro mundo, embora um pouco segregado.** Na China, se um local é perto de uma estação de metrô, é valorizado e geralmente muito bom. No Brasil, uma área semelhante não é necessariamente valorizada. **[00:08:00]**

Quadro 04 – Transcrição de conteúdo do Excerto 24

Fonte: Peixoto (2019)

Nesse excerto, o vermelho foi utilizado para demarcar meus comentários situados e o destaque amarelo, para marcar o ponto considerado alto na narrativa. A minutagem era inserida após blocos significativos de texto, que constituiriam um possível excerto, a fim de facilitar a localização no áudio completo.

Em outras audições, eram realizados comentários adicionais, codificados em outras cores, como também sugerido por Ramalho & Resende (2011), seja para acrescentar percepções mais refinadas, ou para diferenciar observações de outra natureza ou outros níveis de linguagem. Conforme novas situações de interlocução apresentavam-se como significativas, recorreu-se à leitura de referenciais teóricos complementares, que permitiram análises mais técnicas, por meio da utilização de pressupostos de teoria narrativa, de metodologia qualitativa e de práticas migratórias (Cf. WINKIN, 1998).

Salienta-se que os dados foram traduzidos consoante um “processo ideológico e performativo” (LEWIS, 2016, p. 142; Cf. DE FINA & TSENG, 2017), segundo o qual os sentidos construídos em uma língua A não possuem correspondência exata em uma língua B, isto é, os significados não são unívocos e estáveis. Nesse sentido, as traduções empreendidas nesta tese podem ser consideradas um procedimento interpretativo, apoiado pela carga sociocultural da pesquisadora e pela familiarização com a situação de pesquisa, ou seja, o conhecimento compartilhado.

Os procedimentos de geração e análise de dados foram categorizados em oito etapas, como mostrado no quadro a seguir:

PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

#	Procedimento ou estratégia	Principal objetivo
1	Realização de entrevistas-piloto	Criar inteligibilidades acerca da presença de simulacros culturais estanques e estigmas no discurso sobre pessoas de uma cultura estrangeira

- | | | |
|---|---|--|
| 2 | Realização de entrevista semiestruturada (perguntas planejadas + perguntas extras) | Elicitar narrativas |
| 3 | Espaço para o entrevistado fazer comentários | Observar possíveis comentários adicionais ou enfatizar tópicos que sejam mais relevantes para o entrevistado [algumas vezes foi elicitado comentário de minha parte também] |
| 4 | Audição 1: realização de transcrição de conteúdo | Transcrição de conteúdo e inclusão de notas do pesquisador |
| 5 | Audição 2: marcação de detalhes extras (após leitura de referencial teórico pertinente) e revisão das entrevistas | Reflexão sobre as notas anteriores e novos comentários sobre o áudio |
| 6 | Audição 3: transcrição oficial de trechos selecionados | Transcrição <i>ipsis litteris</i> de excertos destacados, conforme regras oficiais, com preocupação de representar o tom das entrevistas, e outros elementos linguísticos e paralinguísticos |
| 7 | Audições extras | Revisão de conteúdo e formato das transcrições |
| 8 | Apreciação dos dados consoante modelo de análise de narrativas de imigrantes (PASTOR & DE FINA, 2005) | Análise de elementos macrodiscursivos e elementos microdiscursivos |
| 9 | Apreciação dos dados consoante o processo de avaliação (CORTAZZI & JIN, 2001) | Análise de instâncias de avaliação na narrativa, avaliação da narrativa e avaliação por meio da narrativa, para representar o discurso de migrantes na situação de pesquisa desta tese. |

Quadro 05 – Procedimentos e estratégias para a geração de dados

Fonte: Peixoto (2019)

As etapas arroladas buscam uma análise mais detalhada de elementos situacionais durante o momento de geração de dados, à luz do que defende Briggs (2007). Para esse autor, a cultura é decorrente da interação entre indivíduos e seu meio social; a cultura é, portanto, situada espacial e temporalmente, isto é, ocorre de forma imbricada com o contexto situacional e não apenas com o cenário em que acontece. Com base nesse pressuposto, o referido autor orienta a percepção acerca de “como as ideologias comunicativas estruturam as entrevistas ideologicamente e moldam seus efeitos sociais”⁴¹ (BRIGGS, 2007, p. 558). Para tanto, ele propõe uma teoria da comunicabilidade, constituída de oito princípios a serem considerados na análise de entrevistas, quais sejam:

1. O indivíduo é considerado o ponto focal da entrevista, denominado “origo”;
2. Os dados gerados ocorrem em decorrência da performance natural dos entrevistados, não modulada;
3. A escolha de entrevistados já pressupõe tacitamente uma espécie de classificação social do público-alvo;
4. É uma ilusão achar que todas as pessoas, ao serem entrevistadas de uma mesma forma, terão um mesmo posicionamento discursivo (Cf. MISHLER, 1986);
5. A amplitude espaço-temporal da comunicabilidade de entrevistas foi expandida pelas tecnologias digitais;
6. Embora entrevistas apresentem contradições situacionais, seu potencial (as que são produtivas) residem na sua capacidade de naturalizar conexões entre diferentes ideologias de língua(gem), subjetividade e conhecimento;
7. Estudos com base em entrevistas abstraem mapas comunicáveis (*communicable maps*), não são apenas descritivos; e
8. Mapas comunicáveis projetam e compreendem funções comunicáveis (*communicable roles*).

⁴¹ how communicative ideologies structure interviews ideologically and shape their social effects.

Destaca-se que Briggs (2007) utiliza o termo comunicabilidade segundo um conceito que pode ser subdividida em três segmentos:

- 1) processos comunicativos socialmente situados. Os eventos comunicativos criam subjetividades e motivam determinadas formas de as pessoas interagirem;
- 2) campos sociais ou arenas de organização social (BOURDIEU, 1993) que produzem papéis sociais desempenhados e interpelados por indivíduos e pela comunidade como um todo; e
- 3) cronotopo (BAKHTIN, 1981), que compreende o discurso como refletivo e refratado nas diversas situações comunicativas. Sobre este, Briggs (2007) diz que

este processo é poderoso, formador e contestável; apesar de baseado em desigualdades material e institucional, os mapas comunicáveis alcançam efeitos na medida em que as pessoas respondem às formas que os textos buscam interpelá-las – inclusive por recusa em localizá-las nas posições oferecidas, criticamente revisando-as, ou rejeitando-as totalmente. (BRIGGS, 2007, p. 556)⁴²

Buscou-se atender a esses princípios tanto na condução das pesquisas quanto na geração e análise dos dados, como explicitado no subtópico 5.5, desenvolvido a seguir.

5.5

Participantes da pesquisa: perfil e representatividade

O perfil dos entrevistados foi resumido no quadro a seguir:

DADOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

#	Nome	BRA/CHI	Idade	H/M	Data	Duração
#01	Ana	BRA	25-30	M	17 ago 18	00:27:36
#02	Bruno	BRA	30-35	H	17 ago 18	00:17:11

⁴² this process is powerful, shaping and contestable; in spite of their basis in material and institutional inequalities, communicable maps achieve effects as people respond to the ways that texts seek to interpellate them—including by refusing to locate themselves in the positions they offer, critically revising them, or rejecting them altogether.

#03	Carlos	BRA	25-30	H	17 ago 18	00:26:28
#04	Deborah	CHI	20-25	M	18 ago 18	00:29:00
#05	Erick	CHI	18-20	H	18 ago 18	00:25:13
#06	Frank	CHI	25-30	H	18 ago 18	01:30:13
#07	Gustavo	BRA	25-30	H	19 ago 18	00:20:10
#08	Helena	BRA	30-35	M	20 ago 18	00:14:51
#09	Isabela	BRA	25-30	M	22 ago 18	00:29:05
#10	Jenny	CHI	20-25	M	25 ago 18	00:36:14
#11	Karina	BRA	30-35	M	30 ago 18	00:19:50
TOTAL						05:35:41

Legenda: BRA = Brasil; CHI = China; H = Homem; M = Mulher

Quadro 06 – Dados das entrevistas realizadas

Fonte: Peixoto (2019)

Conforme os dados acima, é possível apurar que a amostra de participantes foi bastante representativa, equilibrada, principalmente em termos de nacionalidade e de gênero, como ilustrado nos gráficos a seguir:

REPRESENTATIVIDADE DAS AMOSTRAS

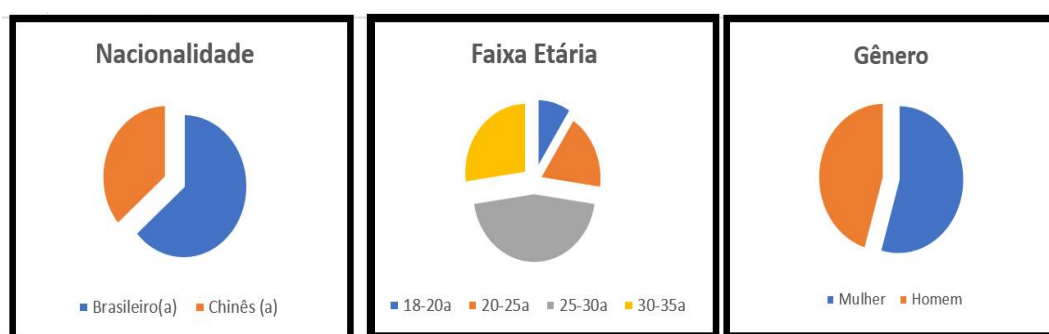


Figura 07 – Representatividade das amostras

Fonte: Peixoto (2019)

A fim de permitir uma compreensão mais contextualizada dos sentidos construídos pelos entrevistados na situação interacional da pesquisa, o perfil qualitativo dos entrevistados é resumido no quadro a seguir:

DESCRIÇÃO DO PERFIL DOS ENTREVISTADOS E DA SITUAÇÃO DE PESQUISA

Participante	Breve descrição do perfil e da situação de pesquisa
Ana	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Araruama-RJ, Macaé-RJ, Niterói-RJ e Salvador-BA) e nos Estados Unidos (Jackson-MI, Ypsilanti-MI e Ann Arbor-MI), formada em Letras, mestre, professora de inglês e de português. Atualmente mora em Salvador-BA, no Brasil.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista via Skype, com interrupções de conexão.</p>
Bruno	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Petrolina-PE, Rio de Janeiro-RJ e São Paulo-SP), formado em Economia, mestre, economista. Atualmente mora no Rio de Janeiro-RJ, no Brasil.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista presencial, sem interrupções significativas.</p>
Carlos	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Aracaju-SE e Salvador-BA) e nos Estados Unidos (Nashville-TN), formado em Letras, doutorando, professor de inglês e português. Atualmente mora em Salvador-BA, no Brasil.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista via Skype, sem interrupções significativas.</p>
Deborah	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Rio de Janeiro-RJ) e na China (Guangzhou), formada em Letras, mestranda, professora de mandarim. Atualmente mora em Hong Kong.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista presencial, sem interrupções significativas.</p>
Erick	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Rio de Janeiro-RJ) e na China (Anqing e Xian), formado em Letras, professor de mandarim. Atualmente mora em Anqing, na China.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista presencial, sem interrupções significativas.</p>
Frank	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Rio de Janeiro-RJ) e na China (Huainan e Sichuan), formado em Letras, mestre, professor de mandarim. Atualmente mora no Rio de Janeiro, no Brasil.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista presencial, sem interrupções significativas.</p>
Gustavo	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Oeiras-PI, Teresina-PI e São Paulo-SP) e nos Estados Unidos (Incline Village-NV e Atlanta-GA),</p>

	<p>formado em Letras, professor de inglês e português. Atualmente mora em São Paulo-SP, no Brasil.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista via Skype, com interrupções de conexão.</p>
Helena	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Fortaleza-CE) e nos Estados Unidos (Woodbridge-VA e East Lansing-MI), formada em Letras, doutora, professora de inglês. Atualmente mora em Fortaleza-CE, no Brasil.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista via Skype, com interrupções de conexão.</p>
Isabela	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Bragança Paulista-SP e Campinas-SP) e nos Estados Unidos (Salt Lake City-UT e Urbana-Champaign-IL), formada em Letras, doutoranda, professora de inglês. Atualmente mora em Urbana-Champaign-IL, nos Estados Unidos.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista via Skype, sem interrupções significativas.</p>
Jenny	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Rio de Janeiro-RJ) e na China (Qinhuangdao), formada em Letras, professora de mandarim. Atualmente mora em Qinhuangdao, na China.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista presencial, sem interrupções significativas.</p>
Karina	<p><u>Perfil:</u> Viveu no Brasil (Niteroi-RJ), formada em Letras, doutoranda, professora de português. Atualmente mora no Rio de Janeiro, no Brasil.</p> <p><u>Situação de pesquisa:</u> Entrevista presencial, sem interrupções significativas.</p>

Quadro 07 – Descrição do perfil dos entrevistados e da situação de pesquisa

Fonte: Peixoto (2019)

5.6

Transcrição dos dados

Os dados foram transcritos segundo as normas de transcrição utilizadas por Bastos e Biar (2015):

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<u>sublinhado</u>	ênfase
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	palavra em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada, reconstrução de um diálogo
hh	aspiração ou riso
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação

Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).

Figura 08 – Normas de Transcrição

Fonte: Bastos e Biar (2015)

Com o intuito de compreender melhor o teor interacional das entrevistas, particularmente em relação a cada participante, o conteúdo do discurso verbalizado por cada entrevistado foi organizado em curtas notas Verbatim (Cf. LEE, 2016), registradas a seguir:

5.6.1

Participante Ana

Conviveu com chineses, jovens e idosos, no trabalho, no estado de Michigan, nos EUA, no período de cinco anos que está nos EUA. Considera os chineses

sérios/formais e curiosos; demonstrou preocupação em ser politicamente correta e assumir postura acadêmica “neutra”. Demarcou que, nos Estados Unidos, há diversidade, mas não há inclusão: os chineses interagem mais entre si e, poucas vezes, com outros estrangeiros. O apagamento da cultura chinesa é grande, haja vista as pessoas da comunidade da cidade, de uma forma geral, não comentarem muito sobre os chineses, embora comentem sobre outros povos, como os de religião muçulmana.

Comentários adicionais: não fez inicialmente, indagou sobre o objetivo da pesquisa e comentou que o distanciamento entre brasileiros e chineses provavelmente se deve às diferentes noções de espaço pessoal, com percepções distintas de proximidade na interação.

5.6.2

Participante Bruno

Morou com duas chinesas na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, das quais uma ainda mora em sua residência. Considera a chinesa com quem convive atualmente bastante engraçada, reservada e gentil. Na concepção de Bruno, a China ainda é um país muito fechado, sem muita liberdade. Demonstrou/Verbalizou que possuía opiniões pré-concebidas sobre a cultura chinesa, que foram parcialmente desmistificadas durante a convivência.

Comentários adicionais: enfatizou que os chineses possuem perfil mais passivo e não devem exercer qualquer tipo de liderança global.

5.6.3

Participante Carlos

Uma chinesa morava em um quarto vizinho ao seu em um dormitório estudantil, no estado de Tennessee, nos EUA. A chinesa era bastante proativa, amigável, buscava interações com outros estudantes do dormitório, todos internacionais, e era uma espécie de líder. Demonstrou ter tido um pouco de receio inicialmente, pois uma amiga brasileira havia compartilhado percepções negativas acerca de chineses. Além disso, apenas tinha conhecimento com base em filmes. Assume

certo discurso de autoridade por ter defendido dissertação na área de estudos interculturais. A interação com outros estrangeiros motivou reflexão sobre a própria cultura. Acredita que nos EUA há muita participação de pesquisadores orientais na área de tecnologia.

Comentários adicionais: enfatizou discurso do politicamente correto, mas finalizou dizendo que sua amiga chinesa destoava um pouco do perfil de alguém da cultura chinesa.

5.6.4

Participante Deborah

Mora com um casal de brasileiros no Brasil. Na China, obteve informações tendenciosas sobre o Brasil, em sua maioria não observadas em sua vivência no país. Ao sair do aeroporto, o percurso na zona norte a assustou inicialmente. Enfatizou normas sociais de conduta relativas a comprometimento com horários, estudo e trabalho. A decisão de vir ao Brasil foi motivada pelo interesse em exercitar as habilidades que aprendeu como professora de idiomas (mandarim). Destacou a percepção de que os brasileiros são muito festivos, têm rotina mais tranquila e a comida brasileira é muito boa. Em sua opinião, os brasileiros têm curiosidade sobre a China.

Comentários adicionais: a rotina é mais desacelerada do que na China e mesmo pessoas pobres parecem ser mais felizes no Brasil. Surpreendeu-se com adversidades decorrentes do período econômico recessivo que presenciou no Brasil. Destacou que a curiosidade sobre chineses no Brasil é tão grande que mesmo um motorista de Uber teria esperado muito tempo apenas para não perder a oportunidade de tê-la como passageiro.

5.6.5

Participante Erick

Interage com alunos brasileiros e integrantes brasileiros de um grupo de jiu-jitsu. Surpreendeu-se com o clima e a comida brasileira. Destacou que regras de boas maneiras não são muito seguidas em contexto informal no Brasil. Reportou

discurso pejorativo dos próprios brasileiros em relação a mulheres brasileiras e discurso mais naturalizado acerca da sexualidade. As percepções que tinha sobre o Brasil foram decorrentes da orientação na China e do que aprendeu em filmes. Demarcou diferenças socioculturais na sociedade brasileira e algumas reações racistas. Enalteceu a política de Estado chinesa, enfatizando que a China está cada vez mais moderna e os estigmas (pobre, suja) não mais correspondem à realidade.

Comentários adicionais: vir para o Brasil foi uma oportunidade única. A presença de chineses em vários países contribuirá para a maior aceitação da cultura chinesa.

5.6.6

Participante Frank

Interage com alunos e amigos brasileiros. Mora no Brasil há mais tempo (quatro anos) do que os outros entrevistados. Acredita que os brasileiros são muito espertos. O sistema de transporte no Brasil não é tão eficiente. Também demonstrou, assim como Deborah, impressão inicial negativa acerca do deslocamento a partir do Aeroporto Galeão. Fez considerações socioculturais e socioeconômicas bastante pertinentes, principalmente em relação a moradia, cena noturna, política econômica brasileira, investimento industrial, desenvolvimento territorial, relações comerciais com países da América Latina e relações comerciais no âmbito do BRICS. Demonstra preocupação em desmistificar estigmas e deposita confiança em mim, para “resolver a situação” (“it is your job to solve this”, Excerto 25). Contrastou panoramas de crescimento no Brasil e na China. Demarcou algumas diferenças em relação a pessoas do Rio de Janeiro, da região sul e de outras regiões do Brasil. Enfatizou posturas individuais e coletivas de comprometimento com estudo, trabalho e consequente progresso econômico do país. Assim como Erick, salientou que os brasileiros incentivam posturas sexualizadas e engajamento em festas. Mais especificamente, demarcou diferenças de padrões familiares não convencionais e de incentivo/estímulo à educação e ao ensino do mandarim tanto em escolas secundárias quanto em universidades. Em seu discurso, assumiu tom um pouco

tradicionalista e diversas vezes indagou a minha opinião sobre os temas debatidos.

Comentários adicionais: enfatizou a importância de investir em educação e a aparente falta de interesse de escolas brasileiras em implementar o mandarim, mesmo com custos subsidiados pelo Estado chinês. Enalteceu a política de Estado chinesa e o consequente impacto que a cultura chinesa passará a ter nos próximos anos (cita que a neta do Trump e a filha de um embaixador brasileiro aposentado estão aprendendo mandarim).

5.6.7

Participante Gustavo

Conviveu com chineses, conhecidos por meio de uma amiga taiwanesa, em um dormitório estudantil no estado de Nevada, nos Estados Unidos. Afirmou ter sido uma surpresa a convivência com chineses que se mostraram de forma diferente do que imaginava, inclusive demonstrando interesse sobre questões sexuais no Brasil. Antes disso, não tinha muito interesse sobre a cultura oriental.

Comentários adicionais: não teve. Como resposta à minha pergunta, o entrevistado afirmou que não havia muitas pessoas de outras nacionalidades asiáticas na universidade.

5.6.8

Participante Helena

Morou com duas chinesas no estado de Michigan, nos Estados Unidos, em cidade onde havia muitos orientais. A entrevistada estava com fala bastante controlada para ser politicamente correta. Relatou que houve discrepância em relação a questões de higiene e alimentação na casa, e que alguns brasileiros demonstraram receio de que os asiáticos dominariam a cidade em que morou.

Comentários adicionais: enfatizou que estranhou hábitos de higiene e a comida.

5.6.9

Participante Isabela

Morou com uma chinesa no estado de Utah, nos Estados Unidos. Inicialmente, teve certo receio por não ter conhecimento consolidado sobre a China. Demonstra preocupação em ser mais tolerante, por ser professora de idiomas (inglês). Relatou ruído de comunicação acerca de práticas de *small talk* entre as duas culturas. Relatou postura mais fechada da chinesa com quem convivia, haja vista não ter muito interesse de sair com outros estrangeiros. Situações de possível conflito em relação a hábitos de higiene foram prevenidos por meio de negociação. Sobre o impacto de chineses no mundo, relatou achar interessante, devido à oportunidade de conhecer mais da cultura oriental, e assustador, por temer que eles “dominem o mundo” e passem a ditar uma nova ordem mundial, de normativa oriental.

Comentários adicionais: fiz algumas perguntas extras ao final acerca do contingente de chineses na universidade em que a entrevistada estuda. A entrevistada não quis realizar comentários adicionais.

5.6.10

Participante Jenny

Mora no Rio de Janeiro com uma brasileira e interage com os alunos. Relatou que o cenário encontrado no Brasil é diferente do relatado na China. Demarcou diferenças em relação a comprometimento com horários, trabalho e estudo. Enaltece a política de Estado chinesa e diz que os cidadãos vivem tranquilamente, pois acreditam no governo estável de seu país. Afirmou que, em relação a condutas sociais, os chineses são mais influenciados por opiniões familiares do que por eventuais doutrinas governamentais, diferentemente do mundo ocidental, em que as opiniões individuais são mais valorizadas, em detrimento de opiniões de grupo. Demonstra tom mais conservador, como em relação à limitação de mulheres para realizar trabalhos específicos. Relata situações de conflito vivenciadas no Brasil: não reconheceu a disposição espacial de fila em uma loja de departamento; foi interpelada por uma senhora

que insistia que a entrevistada e a amiga estavam falando inglês com sotaque asiático e não mandarim; e ouviu comentários de motoristas de Uber acerca da velocidade acelerada da fala em idioma mandarim. Apesar de demonstrar relativo interesse em continuar no Brasil, afirmou que teria que retornar à China para cuidar dos pais, embora eles não precisassem dela necessariamente [é um costume cuidar dos pais]. Em relação ao impacto da cultura chinesa, a entrevistada demonstrou não acreditar totalmente em uma inserção cultural, mas apenas na inserção econômica das atividades do país. Demarcou que a China possui artigos eletrônicos de melhor qualidade, destacando a empresa Huawei, embora tenha ressalvado que possui um iPhone.

Comentários adicionais: destacou que gostou de ter aprendido bastante sobre o Brasil, embora isso possa estar relacionado à sua idade. Realizou conceituação acerca da importância de ter uma experiência internacional, a fim de se tornar mais tolerante.

5.6.11

Participante Karina

Morou com uma chinesa [que estava grávida quando se mudou] no Rio de Janeiro. Afirmou ter percebido muito claramente o preconceito de brasileiros em relação aos chineses, evento recorrente quanto a imigrantes considerados “de segunda categoria”, diferentemente de imigrantes europeus, americanos ou canadenses. As pessoas, mesmo bastante escolarizadas, relatavam receio de que os chineses ocupassem empregos de base que poderiam ser exercidos por brasileiros. Características negativas dos chineses eram sempre destacadas e características positivas, como excelência esportiva, eram pouco comemoradas, sob alegação de que era típico de chineses. Devido à convivência com a chinesa, a entrevistada afirmou que algumas vezes chegou a “tomar partido” em debates acerca de valores e hábitos culturais dos chineses.

Comentários adicionais: demonstra bastante decepção acerca do falso ideário de que brasileiros são receptivos a estrangeiros.

Ao total, foram geradas cerca de cinco horas e meia de entrevistas gravadas em áudio, cujos dados foram organizados no quadro abaixo, conforme os 44 excertos listados, utilizados como insumo primário para análise.

EXCERTOS SELECIONADOS

EXCERTOS	LOCALIZAÇÃO NO ÁUDIO
EXCERTO 01: Perfil de chineses jovens e idosos – Ana	Participante Ana, 00:04:12-00:16:40
EXCERTO 02: Educação nos EUA – Ana	Participante Ana, 00:18:00-00:18:42
EXCERTO 03: Percepção genérica de chineses – Ana	Participante Ana, 00:25:20-00:27:04
EXCERTO 04: Acesso ao TCLE – Bruno	Participante Bruno, 00:01:33-00:01:48
EXCERTO 05: Atitude gregária entre chineses – Bruno	Participante Bruno, 00:06:55-00:09:24
EXCERTO 06: Estranhamento de gestos de chineses – Bruno	Participante Bruno, 00:10:28-00:10:45
EXCERTO 07: Estranhamento de atitude de chineses – Bruno	Participante Bruno, 00:11:07-00:12:21
EXCERTO 08: Postura amigável – Bruno	Participante Bruno, 00:12:39-00:13:23
EXCERTO 09: Improvável liderança da China – Bruno	Participante Bruno, 00:14:05-00:15:34
EXCERTO 10: Opinião arraigada sobre chineses 1 – Carlos	Participante Carlos, 00:02:14-00:03:20
EXCERTO 11: Curiosidade sobre a cultura brasileira – Carlos	Participante Carlos, 00:05:06-00:06:17
EXCERTO 12: Opinião arraigada sobre chineses 2 – Carlos	Participante Carlos, 00:09:00-00:10:16
EXCERTO 13: Opinião arraigada sobre chineses 3 – Carlos	Participante Carlos, 00:17:20-00:17:48

EXCERTO 14: Interdiscursividade latente – Carlos	Participante Carlos, 00:20:14-00:21:12
EXCERTO 15: Opinião arraigada sobre chineses 4 – Carlos	Participante Carlos, 00:24:59-00:26:05
EXCERTO 16: Percepção sobre o Brasil – Deborah	Participante Deborah, 00:01:35-00:02:42
EXCERTO 17: Projeção de identidades – Deborah	Participante Deborah, 00:04:56-00:06:45
EXCERTO 18: Perfil de brasileiros – Deborah	Participante Deborah, 00:10:25-00:13:14
EXCERTO 19: Respeito a diferenças – Deborah	Participante Deborah, 00:27:40-00:28:53
EXCERTO 20: Curiosidade despertada – Erick	Participante Erick, 00:09:15-00:12:50
EXCERTO 21: Renovação da China – Erick	Participante Erick, 00:20:09-00:21:25
EXCERTO 22: Projeção de influência chinesa – Erick	Participante Erick, 00:24:40-00:25:10
EXCERTO 23: Inteligência dos brasileiros – Frank	Participante Frank, 00:01:15-00:02:55
EXCERTO 24: Um outro mundo – Frank	Participante Frank, 00:05:38-00:08:05
EXCERTO 25: Conceito sobre a China – Frank	Participante Frank, 00:28:16-00:34:08
EXCERTO 26: Atitude de brasileiros – Frank	Participante Frank, 00:36:10-00:41:15
EXCERTO 27: Estratificação de classes sociais chinesas – Frank	Participante Frank, 00:45:50-00:48:04
EXCERTO 28: Opinião arraigada sobre chineses 5 – Gustavo	Participante Gustavo, 00:03:47-00:05:00
EXCERTO 29: Opinião arraigada sobre chineses 6 - Gustavo	Participante Gustavo, 00:07:37-00:09:23
EXCERTO 30: Curiosidade despertada 2 – Gustavo	Participante Gustavo,

	00:16:00-00:17:13
EXCERTO 31: Convivência pacífica – Helena	Participante Helena, 00:02:11-00:03:28
EXCERTO 32: Poucas expectativas – Helena	Participante Helena, 00:04:58-00:06:48
EXCERTO 33: Hábitos domésticos – Helena	Participante Helena, 00:07:47-00:09:27
EXCERTO 34: Convivência com pessoas de outras culturas – Helena	Participante Helena, 00:09:38-00:10:15
EXCERTO 35: Falar sobre comida – Isabela	Participante Isabela, 00:02:45-00:05:57
EXCERTO 36: Interação limitada com brasileiros – Isabela	Participante Isabela, 00:08:33-00:09:42
EXCERTO 37: Convivência negociada – Isabela	Participante Isabela, 00:11:46-00:17:36
EXCERTO 38: Recorte de Alteridade – Isabela	Participante Isabela, 00:20:19-00:21:53
EXCERTO 39: Expectativas sobre o Brasil – Jenny	Participante Jenny, 00:02:12-00:02:51
EXCERTO 40: Conflitos no Brasil - Jenny	Participante Jenny, 00:04:45-00:06:05
EXCERTO 41: Visão estigmatizada – Karina	Participante Karina, 00:05:20-00:07:35
EXCERTO 42: Estranhamento cultural 1 – Karina	Participante Karina, 00:08:16-00:09:11
EXCERTO 43: Estranhamento cultural 2 – Karina	Participante Karina, 00:09:11-00:11:32
EXCERTO 44: Estranhamento cultural 3 – Karina	Participante Karina, 00:11:52-00:13:40

Quadro 08 – Excertos selecionados

Fonte: Peixoto (2019)

Após a análise do conteúdo de todas entrevistas, foram identificados tópicos representativos, ilustrados no seguinte mapa visual (Cf. WINKIN, 1998; BRIGGS, 2007):

MAPA VISUAL DOS PRINCIPAIS TÓPICOS RELATADOS NAS ENTREVISTAS

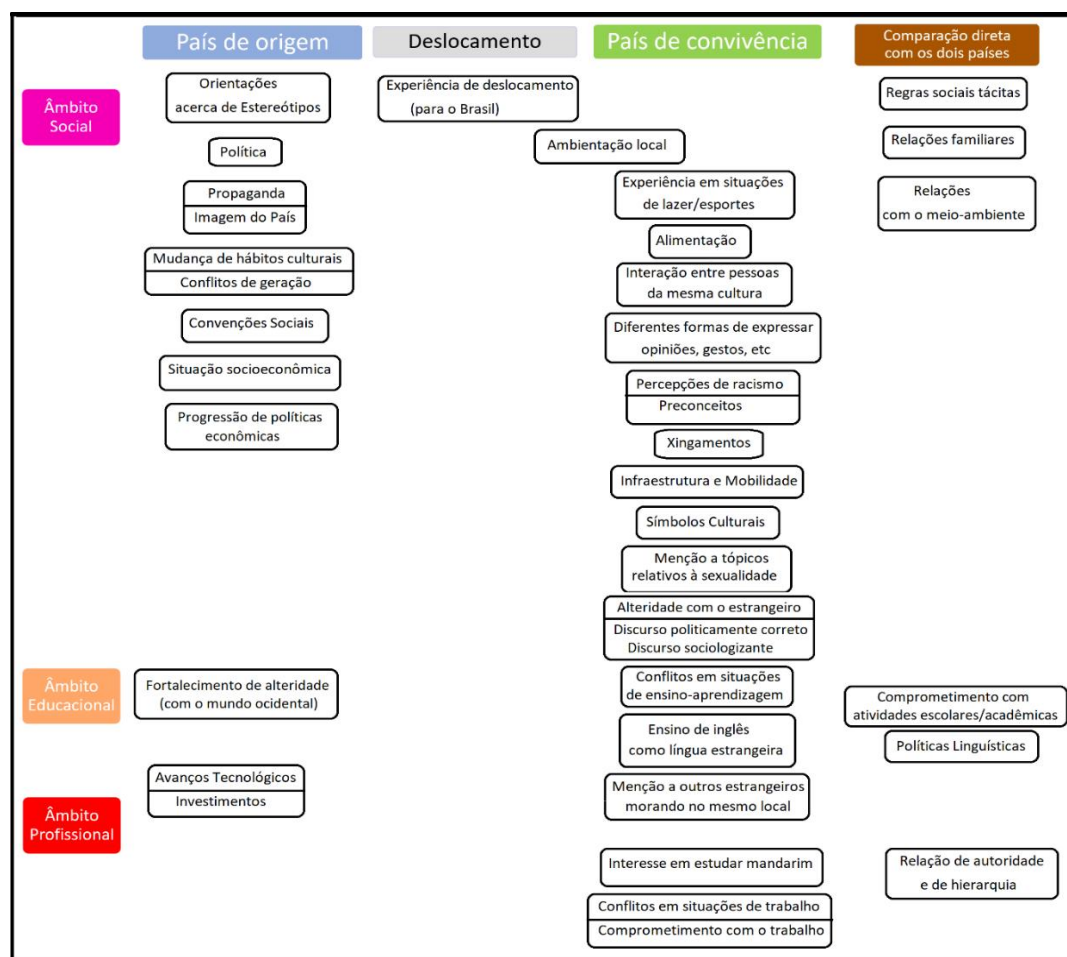


Figura 09 – Mapa visual dos principais tópicos relatados nas entrevistas⁴³

Fonte: Peixoto (2019)

⁴³ **Eixo País de Origem:** orientações acerca de estereótipos (Âmbito Social), política (AS), propaganda/imagem do país (AS), mudança de hábitos culturais/conflitos de geração (AS), convenções sociais (AS), situação socioeconômica (AS), progressão de políticas econômicas (AS); fortalecimento de alteridade (com o mundo ocidental) (âmbito educacional); avanços tecnológicos/investimentos (AE); e avanços tecnológicos/investimentos (âmbito profissional).

Eixo Deslocamento: experiência de deslocamento (para o Brasil) (AS), ambientação local (AS)

Eixo País de Convivência: ambientação local (AS), experiência em situações de lazer/esportes (AS), alimentação (AS), interação entre pessoas da mesma cultura (AS), diferentes formas de expressar opiniões, gestos, etc (AS), percepções de racismo/preconceitos (AS), xingamentos (AS), infraestrutura e mobilidade (AS), símbolos culturais (AS), menção a tópicos relativos à sexualidade (AS), alteridade com o estrangeiro/discurso politicamente correto ou discurso sociologizante (AS); conflitos em situações de ensino-aprendizagem (AE), ensino de inglês como língua estrangeira (AE), menção a outros estrangeiros morando no mesmo local (AE); e menção a outros estrangeiros morando no mesmo local (AP), interesse em estudar mandarim (AP), conflitos em situações de trabalho/comprometimento com o trabalho (AP).

Eixo Comparação Direta com os dois países: regras sociais tácitas (AS), relações familiares (AS), relações com o meio-ambiente (AS); comprometimento com atividades escolares/acadêmicas (AE), políticas linguísticas (AE); e relação de autoridade e de hierarquia (AP).

O mapa visual acima demonstra a preponderância de temas relativos ao país de convivência, particularmente em relação ao âmbito social, mas ilustra a interseção com outros temas, evidenciando uma percepção integrada de diversos fatores que contribuem para a projeção de identidade dos chineses e dos brasileiros entrevistados, como corroborado por Denzin & Lincoln (2006).

Após a contextualização ampla da situação de pesquisa de abordagem qualitativa e do percurso de geração de dados, será analisada, nesta tese, a projeção de identidade refratada de chineses e de brasileiros, com base na expressividade dialógica observada nos dados da pesquisa.

6

Avaliação projetada no discurso de chineses

Os excertos 17 e 19, analisados neste capítulo, foram escolhidos por serem considerados mais representativos do discurso narrativo dos chineses entrevistados, na medida em que apresentam exposições avaliativas recorrentes acerca de determinados aspectos atribuídos à cultura da contraparte brasileira, como observado nas entrevistas realizadas. Nesse sentido, o posicionamento discursivo dos chineses entrevistados para esta pesquisa foi majoritariamente de resistência em relação a simulacros de cultura.

Destaca-se que as análises empreendidas neste capítulo, como mencionado no Capítulo 5 Procedimentos Metodológicos, também levaram em consideração o que denomino aportes de cognição expandida⁴⁴, isto é, interpretações também baseadas em dados anteriores, com base em relato sobre a vivência do grupo de chineses no Brasil em contraste ou não com suas expectativas quando estavam na China; em interação com chineses em meio à comunidade de chineses no Rio de Janeiro; e em interação com chineses em meio à comunidade de brasileiros no Rio de Janeiro, particularmente em bairros da Zona Sul ou da Grande Tijuca, onde está situada uma grande comunidade de chineses, que mora na cidade há cerca de 20 anos.

Além disso, também contribuíram para a minha análise percepções mais situadas acerca da cultura chinesa, embora ainda limitadas, proporcionadas por minha imersão de pouco mais de duas semanas na China, em áreas de urbanização mais antiga, como Beijing, Xian e Shanghai, e em áreas de urbanização mais recente, como Guangzhou. Nessa imersão, foi possível observar, embora de forma incipiente, características recorrentes de posicionamentos distópicos, particularmente na convivência com pessoas residentes em Guangzhou.

Em relação ao discurso do grupo de chineses, cabe destacar que as narrativas foram analisadas com base em tradução livre empreendida.

⁴⁴ Na área de Análise do Discurso, esses “aportes de cognição expandida” também são denominados “esquemas de conhecimento” (TANNEN & WALLAT, 2002), mas optei por introduzir o primeiro termo para também compreender o conhecimento compartilhado com base no que foi apenas relatado por outros, não vivenciado por mim diretamente.

6.1

Organização narrativa do Excerto 17: elementos macro e microdiscursivos

O excerto 17 foi extraído de fala da participante Deborah durante entrevista realizada no Brasil, especificamente quando ela refletia sobre situações de conflito enfrentadas durante a sua vivência no Brasil.

Nesse excerto, Deborah, professora de mandarim do Instituto Confúcio que ministrava aulas na PUC-Rio, comenta sua percepção sobre o comportamento de alunos quanto à frequência de aulas durante o curso de línguas e sua interpretação acerca do comprometimento com regras institucionais e atividades planejadas, tanto em situação acadêmica quanto em situação de lazer. Em sua narrativa, como mostrada a seguir, Deborah relaciona as experiências que aconteceram consigo no Brasil e as regras sociais tácitas na China.

EXCERTO 17: Projeção de identidades – Deborah

(Participante Deborah, 00:03:58-00:04:06; 00:04:56-00:06:45)

Tradução:

001	Rafaela	Você teve algum tipo de CONFLITO ou situação a:: (2,0)
002		delicada aqui? Digo DIFERENTE da China?
[...]		
003	Deborah:	E as pessoas ((faz som vocal)) não são OBEDECER a hora
004		((usa entonação para pedir confirmação da palavra em inglês))
005	Rafaela:	Não são?
006	Deborah:	OBEDECER OBEDECER ((entonação para confirmar palavra))
007	Rafaela:	Ah, obedecer. Obedientes? Eles não são obedientes?
008	Deborah:	Não, as pessoas- por exemplo (1,0) nós- VOCÊ tudo bem, mas
009		MEUS ALUNOS se marcamos às 11 em ponto
010	Rafaela:	Oh eles não são pontuais, eles não são pontuais
011	Deborah:	É::: eles não são pontuais yeah yeah eles vão chegar aqui por
012		volta das doze horas ou até mesmo uma hora da tarde
013	Rafaela:	Uhum

014	Deborah:	É muito tarde, mas na China sempre iremos ((incompreensível))
015		não ou pelo menos iremos, mas nos encontraremos por volta
016		das onze horas
017	Rafaela:	Uhum
018	Deborah:	[Tarde]
019	Rafaela:	[Cerca de 10] minutos ou no máximo 15 minutos
020	Deborah:	Yeah yeah yeah. Ma-mas meus alunos eles sempre chegam
021		>tarde tarde tarde<. E eu ACHO que, eu aceito a cultura sim,
022		porque são culturas diferentes
023	Rafaela:	Uhum mas você quer dizer que esse tipo de::: compromisso a
024		que você se refere é a aula- as aulas propriamente ditas ou
025		qualquer tipo de::: [por exemplo]
026	Deborah:	[Eu acho]
027	Rafaela:	No seu tempo LIVRE ou quando eles de fato têm aulas, eles
028		chegam muito tarde
029	Deborah:	Eu acho que talvez seja a aula que ((hesitação)) esse é um
030		ponto mas eu ACHO que talvez (1,0) seja o ESTILO DE VIDA
031		((pede confirmação))
032	Rafaela:	O estilo de vida, sim
033	Deborah:	Sim
034	Rafaela:	Em geral sim
035	Deborah:	Sim
036	Rafaela:	E::: você, você menciona claro quero dizer, como como- que
037		fazemos isso muitas vezes aqui, mas a::h algumas vezes NÓS
038		TAMBÉM COMPARAMOS com o a::h o fato de que a::h quando
039		SAÍMOS da reunião nós na verdade SAÍMOS MAIS TARDE,
040		mais tarde do que a hora planejadas. Então CHEGAMOS MAIS
041		TARDE mas também SAÍMOS mais tarde
042	Deborah:	Sim
043	Rafaela:	E em outra cultura você começa PONTUALMENTE mas
044		também sai PONTUALMENTE
045	Deborah:	Pontualmente, isso
046	Rafaela:	e- é a mesma coisa na- na China?
047	Deborah:	Sim
048	Rafaela:	Então se você marcar um encontro das 7 às 9, digamos, então-
049		então você sai às 9, nunca depois das 9
050	Deborah:	Isso isso isso, é isso

Original*:

001 002	Rafaela	Did you have any sort of CONFLICT or emotional a:: (2,0) experience here? I mean DIFFERENT from China?
[...]		
003 004	Deborah:	And people ((faz som vocal)) are not OBEY the time ((usa entonação para pedir confirmação da palavra em inglês))
005	Rafaela:	are not?
006	Deborah:	OBEY OBEY ((entonação para confirmar palavra))
007	Rafaela:	Ah, obey. Obedient? They are not obedient?
008 009	Deborah:	No, people- for example (1,0) we- YOU are ok but MY STUDENTS if we meet at eleven o'clock
010	Rafaela:	Oh they are not punctual, they are not punctual
011 012	Deborah:	Ye::s they are not punctual yeah yeah they will come here around twelve o'clock or at even one o'clock in the afternoon
013	Rafaela:	Uhum
014 015	Deborah:	It is very late but in China we will always go ((incompreensível)) no oh at least we will go, we will meet around eleven o'clock
016	Rafaela:	Uhum
017	Deborah:	[Late]
018	Rafaela:	[Like 10] minutes 15 minutes at most
019 020 021	Deborah:	Yeah yeah yeah. Bu-but my students they are always >late late late<. And I THINK that, I accept the culture yes, because they are different cultures
022 023	Rafaela:	Uhum but do you mean that kind o::f appointment you refer is the class- are the classes itself or any kind o::f [for example]
024	Deborah:	[I think]
025 026	Rafaela:	in your LEISURE time or when they actually have classes, so they get really late
027 028	Deborah:	I think maybe it is the class that ((hesitação)) is one point but I THINK maybe (1,0) it is for the LIVING HABITS ((pede confirmação))
029	Rafaela:	The living habits yeah
030	Deborah:	Yes
031	Rafaela:	In general yes
032	Deborah:	Yes
033 034 035	Rafaela:	A::nd you, you mention of course I mean, how how- that we do that many times here but a::h sometimes WE ALSO COMPARE with the a::h the fact that a::h when we LEAVE the meeting we

036		actually sometimes LEAVE IT LATER, later than it is supposed
037		to. So WE ARRIVE LATER but then we LEAVE later
038	Deborah:	Yes
039	Rafaela:	Then in another culture you start SHARP and then you leave
040		SHARP
041	Deborah:	Sharp yeah
042	Rafaela:	and- is that the same in- in China?
043	Deborah:	Yes
044	Rafaela:	So if you set a meeting from 7 to 9, let's say, to 9, so- then you
045		leave at 9, you dont really leave later than 9
046	Deborah:	Yeah yeah yeah that's it

*Como referência, observa-se que a sequência de linhas na transcrição original é diferente da sequência de linhas na transcrição traduzida, uma vez que a língua portuguesa possui estruturas mais longas. Nesse sentido, destaca-se que as referências aqui dispostas serão sempre relativas ao texto no português.

A organização narrativa do excerto foi explorada neste capítulo, conforme enunciada no Capítulo 5 e com base no modelo proposto por Pastor & De Fina (2005), como recurso para compreender o posicionamento da narradora em sua projeção identitária.

A entrevista com Deborah foi iniciada de forma bastante espontânea, e até certo ponto entusiasmada, por parte da entrevistada, que sempre se posicionou de forma solícita em relação ao compartilhamento de suas experiências no Brasil e percepção da cultura brasileira. No entanto, a narrativa enunciada parece construir um posicionamento bastante distópico em relação a brasileiros e chineses. Esse distanciamento foi intuitivamente contestado por mim, mediante uso de estratégia de relativização de características atribuídas, de forma essencialista, a brasileiros (Excerto 17, linhas 036-041), como mostra o trecho destacado abaixo:

029	Deborah:	Eu acho que talvez seja a aula que ((hesitação)) esse é um
030		ponto mas eu ACHO que talvez (1,0) seja o ESTILO DE VIDA
031		((pede confirmação))
032	Rafaela:	O estilo de vida, sim
033	Deborah:	Sim
034	Rafaela:	Em geral sim
035	Deborah:	Sim
036	Rafaela:	E::: você, você menciona claro quero dizer, como como- que
037		fazemos isso muitas vezes aqui, mas a::h algumas vezes NÓS

038		TAMBÉM COMPARAMOS com o a::h o fato de que a::h quando
039		SAÍMOS da reunião nós na verdade SAÍMOS MAIS TARDE,
040		mais tarde do que a hora planejadas. Então CHEGAMOS MAIS
041		TARDE mas também SAÍMOS mais tarde

Essa postura, embora tenha sido utilizada como ponto de partida para fortalecer a identidade chinesa, e não para objetivamente menosprezar a identidade brasileira, não proporcionou espaço para negociação de identidades, haja vista o comportamento de brasileiros ser considerado um “estilo de vida” (Excerto 17, linha 30), também retomado pela ideia de que é preciso “respeitar a cultura” (Excerto 19, linha 22) . Os movimentos discursivos de Deborah são detalhados, como referência, no quadro abaixo:

Elementos Macro-discursivos	OR: [evento entre ela e os alunos]		
	Ações Complicadoras (AC)	EC: os alunos não são pontuais Reações (RE) RES: respeitar a cultura	Psi: pensar em aceitar a cultura Verb: confirmação de palavras em inglês Aç: -
	Avaliação (AV)	Explícitas (E) Implícitas (I)	“Você tudo bem, mas...” É o estilo de vida Modalização
	Elementos Micro-discursivos	Aspectos linguísticos e paralinguísticos	Repetição, entonação, gestos, expressão facial

De forma bastante peculiar na entrevista concedida, em comparação ao que seria típico em uma conversa tradicional, Deborah fez uso de diversos sons guturais; recursos prosódicos, como mudança de tom de voz; repetição; e pedidos de confirmação de palavras da língua inglesa, como demonstrado no trecho destacado a seguir:

003	Deborah:	E as pessoas ((faz som vocal)) não são OBEDECER a hora
004		((usa entonação para pedir confirmação da palavra em inglês))
005	Rafaela:	Não são?
006	Deborah:	OBEDECER OBEDECER ((entonação para confirmar palavra))
007	Rafaela:	Ah, obedecer. Obedientes? Eles não são obedientes?

(...)

020	Deborah:	Yeah yeah yeah. Ma-mas meus alunos eles sempre chegam
021		>tarde tarde tarde<. E eu ACHO que, eu aceito a cultura sim,
022		porque são culturas diferentes

Além disso, em diversos momentos, a entrevistada reagiu com expressões faciais para buscar minha confirmação acerca da palavra que deveria ser utilizada no contexto. Essa postura ocorreu durante praticamente toda a entrevista, antes e depois do excerto destacado, como pistas de contextualização que parecem indicar a preocupação não apenas com a própria performance da entrevistada, como também com a forma que a narrativa estava sendo exposta. Destaca-se, no entanto, que esses elementos não serão detalhadamente abordados nesta análise, uma vez que não houve gravação em vídeo, para permitir o resgate dessas ocorrências de forma mais precisa.

Também houve postura bastante afirmativa de Deborah, como uma espécie de tentativa de preservar a alteridade da cultura brasileira, ao sinalizar posicionamento de negociação narrativa: Deborah procura não impor diferenças culturais nas interações com os seus alunos assim como reflete sobre as suas próprias atitudes (Excerto 17, linhas 020-022), como demonstrado abaixo:

014	Deborah:	É muito tarde, mas na China sempre iremos ((incompreensível))
015		não ou pelo menos iremos, mas nos encontraremos por volta
016		das onze horas
017	Rafaela:	Uhum
018	Deborah:	[Tarde]
019	Rafaela:	[Cerca de 10] minutos ou no máximo 15 minutos
020	Deborah:	Yeah yeah yeah. Ma-mas meus alunos eles sempre chegam
021		>tarde tarde tarde<. E eu ACHO que, eu aceito a cultura sim,
022		porque são culturas diferentes

Assim, Deborah parece se esforçar para veicular uma imagem que julga aceitável de seu próprio comportamento nessa interação, de maneira individual e sobretudo coletiva, representando todos os chineses.

Observa-se, portanto, uma avaliação <da> narrativa, em que a narradora dá voz ao personagem na história narrada também como subsídio para indicar a sua própria avaliação, isto é, da narradora. Desta forma, compreende-se que o compartilhamento de significado de performance em ambientes interculturais é essencial para compreender o sentido de uma narrativa, a fim de “equalizar” a compreensão. Nas palavras de Cortazzi & Jin (2001, p. 109-110, tradução livre):

Aspectos importantes da avaliação da narrativa são os questionamentos a quem a narrativa pertence e quem faz a avaliação. A autoria ou atribuição de autoria das narrativas conversacionais são menos óbvias do que a princípio possam parecer. Podemos fazer esse exame por meio da comparação entre narrativas elicitadas em entrevistas e narrativas que surgem em conversações casuais. Esta pode parecer mais ‘autêntica’ ou ‘espontânea’ até que se perceba que aquelas, as entrevistas, também são situações de discurso autênticas, caso específicas. Por outro lado, entrevistas geralmente envolvem papéis assimétricos, quanto a perguntas e respostas, e agência e papéis dos participantes. Em ambos os casos, há uma construção conjunta de significado. Logo, Mishler (1986, 1997) demonstrou que em entrevistas tais como consulta entre médico e paciente, ambos os participantes moldam perguntas e respostas.⁴⁵ (CORTAZZI & JIN, 2001, p. 109-110, tradução livre)

A tentativa de negociação de Deborah nas linhas 020-022 do Excerto 17 enseja uma avaliação explícita, uma vez que é projetado um conceito acerca dos brasileiros em comparação com um conhecimento anterior do que seria o comportamento esperado de um chinês e, de maneira mais marcada, há esforço para me isentar de certa atribuição de características negativas consideradas prototípicas para os brasileiros em geral, como explicitado no trecho destacado abaixo:

⁴⁵ Important aspects of the evaluation of narrative are the questions who the narrative belongs to, and who does the evaluating. The ownership or authorship of conversational narratives is less obvious than it might at first appear. We can examine this by comparing narratives elicited in interviews with those that arise in casual conversation. The latter may seem more ‘authentic’ or ‘spontaneous’ until it is seen that interviews are also authentic, if particular, speech situations. While interviews generally involve asymmetrical roles, regarding questions and answers and in the rights and roles of participants. In both situations there is a joint construction of meaning. Thus Mishler (1986, 1997) has demonstrated that in interviews such as doctor-patient consultations *both* participants shape *both* questions and answers.

008 009	Deborah:	Não, as pessoas- por exemplo (1,0) nós- VOCÊ tudo bem, mas MEUS ALUNOS se marcamos às 11 em ponto
------------	----------	---

A ressalva de Deborah demonstrou certa antecipação em relação ao impacto de seu posicionamento sobre os brasileiros, de forma que, na tentativa de não deixar transparecer uma visão essencialista e preservar sua própria face⁴⁶, ela particulariza o evento, relacionando-o aos seus alunos apenas. Interessante observar, nesta oportunidade, o meu posicionamento, ao final da narrativa, de forma mais interventiva, o que demonstra também ter sido gerado certo constrangimento para mim, como brasileira, motivando minha tentativa de relativizar o conceito que Deborah compartilhou sobre pessoas do Brasil, como demonstrado a seguir:

036 037 038 039 040 041	Rafaela:	E::: você, você menciona claro quero dizer, como como- que fazemos isso muitas vezes aqui, mas a::h algumas vezes NÓS TAMBÉM COMPARAMOS com o a::h o fato de que a::h quando SAÍMOS da reunião nós na verdade SAÍMOS MAIS TARDE, mais tarde do que a hora planejadas. Então CHEGAMOS MAIS TARDE mas também SAÍMOS mais tarde
042	Deborah:	Sim
043 044	Rafaela:	E em outra cultura você começa PONTUALMENTE mas também sai PONTUALMENTE
045	Deborah:	Pontualmente, isso
046	Rafaela:	e- é a mesma coisa na- na China?
047	Deborah:	Sim
048 049	Rafaela:	Então se você marcar um encontro das 7 às 9, digamos, então- então você sai às 9, nunca depois das 9
050	Deborah:	Isso isso isso, é isso

Nas linhas 036 e 037, mais especificamente, evidenciou-se certo desconforto meu por ocasião de hesitação sobre como reformular o conceito sem parecer muito interventiva. Ao final, a hesitação mais demorada na narrativa fez com que Deborah se sentisse pouco confortável para replicar a minha fala e ela terminou por se isentar de comentários adicionais nessa parte especificamente, como evidenciado nas linhas 042 e 045, e ilustrado no destaque abaixo:

⁴⁶ Cf. Biar (2012).

036	Rafaela:	E::: você, você menciona claro quero dizer, como como- que
037		fazemos isso muitas vezes aqui, mas a::h algumas vezes NÓS
038		TAMBÉM COMPARAMOS com o a::h o fato de que a::h quando
039		SAÍMOS da reunião nós na verdade SAÍMOS MAIS TARDE,
040		mais tarde do que a hora planejadas. Então CHEGAMOS MAIS
041		TARDE mas também SAÍMOS mais tarde
042	Deborah:	Sim
043	Rafaela:	E em outra cultura você começa PONTUALMENTE mas
044		também sai PONTUALMENTE
045	Deborah:	Pontualmente, isso

Todo esse trecho compreendido entre as linhas 036 e 041, portanto, pode ser classificado como uma avaliação, mas de minha parte, dado que ensejo responsabilização (*account*) em decorrência de certo constrangimento gerado pela característica atribuída aos brasileiros.

Em relação aos elementos linguísticos e paralinguísticos, particularmente no que tange à classificação de Pastor & De Fina (2005), foi observado como os elementos linguísticos sinalizam a ocorrência de repetição, nas linhas 020, 021 e 050, como destacado a seguir:

019	Rafaela:	[Cerca de 10] minutos ou no máximo 15 minutos
020	Deborah:	Yeah yeah yeah. Ma-mas meus alunos eles sempre chegam
021		>tarde tarde tarde<. E eu ACHO que, eu aceito a cultura sim,
022		porque são culturas diferentes

(...)

048	Rafaela:	Então se você marcar um encontro das 7 às 9, digamos, então-
049		então você sai às 9, nunca depois das 9
050	Deborah:	Isso isso isso, é isso

Embora Deborah tenha tentado se resguardar de posicionamentos tendenciosos, observa-se uma posição contraditória com o uso do advérbio ‘sempre’ na linha 020, que parece indicar julgamento estigmatizante, com conotação negativa, principalmente quando contrastado com o uso do mesmo advérbio ‘sempre’ na linha 014, em relação aos chineses, com conotação positiva e bastante enfática.

Essa ênfase também está presente na linha 14, ao utilizar o adjetivo ‘tarde’ também retomado por meio de repetição, três vezes e com prosódia mais acelerada, na linha 021, como mostrado a seguir:

014	Deborah:	É muito tarde, mas na China sempre iremos ((incompreensível))
015		não ou pelo menos iremos, mas nos encontraremos por volta
016		das onze horas
017	Rafaela:	Uhum
018	Deborah:	[Tarde]
019	Rafaela:	[Cerca de 10] minutos ou no máximo 15 minutos
020	Deborah:	Yeah yeah yeah. Ma-mas meus alunos eles sempre chegam
021		>tarde tarde tarde<. E eu ACHO que, eu aceito a cultura sim,
022		porque são culturas diferentes

O que se observa são valorações positivas quando as expectativas são satisfeitas e valorações negativas quando não as são. Além disso, a própria escolha vocabular, com palavras de sentido polarizado, como ‘sempre’ e ‘tarde’, de forma mais marcada, mencionados anteriormente, tende a demonstrar uma visão paradigmática em relação aos simulacros de cultura, uma vez que veicula ideias essencialistas, de forma muito objetiva.

Embora a pergunta enunciada por mim nas linhas 048-049 tenha parecido pouco elucidativa, o intuito foi observar se a regra social de frequência de evento seria precisamente fechada ou se haveria margem para flexibilização. Essa pergunta, por sua característica bastante direcionada, faz parte de meu momento de avaliação, como mencionado anteriormente. Em outras instâncias, especificamente não considerados nesta análise, haja vista não ter sido realizado registro em vídeo, a participante Deborah fez uso de gestos e expressões faciais, que também contribuíram para demonstrar o engajamento em relação ao seu relato. Esse engajamento é bastante utilizado para solicitar confirmação de palavras utilizadas em língua inglesa, como ocorre nas linhas 003, 006 e 029, e que podem indicar pistas de contextualização que remetem a uma tentativa de preservação da própria face⁴⁷ e, assim, fazer manutenção de um discurso de resistência em relação a simulacros culturais estanques acerca dos chineses.

⁴⁷ Cf. Biar (2012).

6.2

Organização narrativa do Excerto 19: elementos macro e microdiscursivos

O excerto 19, parte da entrevista conduzida para fins de pesquisa, aconteceu ao final do encontro e constitui um momento de oportunidade para a participante expressar pontos que considerou mais relevantes em sua experiência no Brasil, sobre como ela percebeu a sua recepção pelos brasileiros e a sua interação com as pessoas daqui. É importante destacar que, por ser um espaço pessoal livre, as situações enfatizadas pela entrevistada são mais relevantes, na medida em que indicam elementos que foram mais marcantes nessa vivência.

EXCERTO 19: Respeito a diferenças – Deborah

(Participante Deborah, 00:23:52-00:24:01; 00:27:40-00:28:53)

Tradução:

001	Rafaela	E a:: você gostaria de fazer algum outro comentário, algum
002		outro comentário sobre isso, sobre essa a:: (2,0) essa sua
003		experiência ou::/
004	Deborah	No Brasil?
005	Rafaela	No Brasil↓ isso↓
[...]		
006	Deborah:	E e:: ALGUÉM ALGUÉM me disse, não é minha opinião, mas
007		ALGUÉM, <u>meu amigo</u> , me falou (1,5) porque eles mandaram
008		uma empresa para cá
009	Rafaela:	Uhum
010	Deborah:	E eles, e eles têm funcionários brasileiros, e eles ACHAM que
011		os funcionários brasileiros são um pouco PREGUIÇOSOS↓
012	Rafaela:	Preguiçosos, isso?
013	Deborah:	Isso, tipo isso, porque SE você pede para eles fazerem uma
014		coisa↑ eles vão levar MUITO tempo para terminar
015	Rafaela:	Oh Entendi
016	Deborah:	Sim e ((hesitação)) não é tão:: (.) eficiência?
017	Rafaela:	Isso isso sim, não é <u>tão eficiente</u> , isso

018	Deborah:	Sim, não tão eficiente. E o chefe, meu amigo, UM DIA estava
019		muito CHATEADO mas ele não tinha como mudar isso porque
020		ele precisa respeitar a cultura
021	Rafaela:	Sim
022	Deborah:	Acho (1,0) ele está CERTO, precisamos RESPEITAR a cultura
023	Rafaela:	Então ele queria pressioná-lo para fazer as coisas mais
024		rapidamente mas ele desistiu de fazer isso
025	Deborah:	Isso isso, ou ele até mesmo QUERIA- ele QUERIA QUERIA
026		fazer isso por conta própria
027	Rafaela:	Aham hh
028	Deborah:	E ele estava <u>muito irritado</u> um dia, e pensou “meus Deus, os
029		brasileiros são muito preguiçosos” e eu falei “acalme-se”
030	Rafaela:	“Se acalme” hhhhhh
031	Deborah:	Hhhh É

Original*:

001	Rafaela	And a:: would you like to make any other COMMENTARY, any
002		other COMMENT on it, on this a:: (2,0) on your experience or::/
003	Deborah	in Brazil?
004	Rafaela	in Brazil↓ yeah↓
[...]		
005	Deborah:	And and the:: SOMEONE SOMEONE told me, it is not my my
006		opinion, but SOMEONE, <u>my friend</u> , told me (1,5) because they
007		sent a company in here
008	Rafaela:	Uhum
009	Deborah:	And they, and they have Brazilian workers, and they THINK the
010		Brazilian workers are a little LAZY↓
011	Rafaela:	Lazy, yeah?
012	Deborah:	Yeah, like yes, because IF you ask them to do one thing↑ they
013		will take a LONG time to finish it
014	Rafaela:	Oh I see
015	Deborah:	Yes and ((hesitação)) it is not so:: (.) efficiency?
016	Rafaela:	Yeah yeah yes, it is not so <u>efficient</u> , yeah
017	Deborah:	Yes, not so efficient. And the boss, my friend, ONE DAY was
018		very ANNOYED but he has no way to do that because he needs
019		to respect the culture
020	Rafaela:	Yes

021	Deborah:	I think (1,0) he is RIGHT, we need to RESPECT the culture
022	Rafaela:	So he wanted to push him into doing the things faster but then
023		he just backed off
024	Deborah:	Yeah yeah, oh he even WANTED- he WANTED WANTED to do
025		it by himself
026	Rafaela:	Aham hh
027	Deborah:	And he was <u>very crazy</u> on that day, and he thought "oh my God,
028		Brazilian people are very lazy" and I said "calm down"
029	Rafaela:	"Calm down" hhhhhh
030	Deborah:	Hhhh Yeah

Elementos Macro-discursivos	OR: [indicação de relato sobre outra pessoa]		
	Ações Complicadoras (AC)	EC: Os trabalhadores brasileiros são preguiçosos. Reações (RE) RES: Esperar os funcionários realizarem a tarefa	Psi: reflexão de Deborah sobre a postura do amigo. Reporte de que ele estava irritado. Verb: conselhos de Deborah Aç: Ele ficou desesperançoso e queria ele mesmo fazer
	Avaliação (AV)	Explícitas (E) Implícitas (I)	Ressalva de Deborah de que não é a sua opinião Menção de Deborah de que alguém falou o que ela vai expor [discurso reportado]
	Elementos Micro-discursivos	Aspectos linguísticos e paralinguísticos	Repetição, entonação, risos, gestos e expressão facial (de forma genérica); falar rápido

Neste excerto, as situações narradas por Deborah constituem mais precisamente uma relação de causa e consequência decorrente de simulacros culturais estanques, na medida em que essencializam a reação de brasileiros como

parte de um “estilo de vida”, sem possibilidade de desconstrução (linhas 021 e 030), como uma forma de discurso de resistência (EWICK & SILBEY, 2003) a conceitos considerados subjacentes.

Deborah volta a enfatizar a questão de comprometimento com situações previamente acordadas: o evento complicador especificamente destacado remete à discussão com um personagem amigo, em fala relatada, acerca da inação de brasileiros funcionários de uma empresa chinesa (linhas 028 e 029). No entanto, Deborah demonstra atitude de ponderação em relação a esse evento ao afirmar que seu amigo estava certo ao decidir respeitar a cultura organizacional (Excerto 19, linhas 018-020). Esse esforço de ponderação foi mais acentuado quando Deborah relatou ter dado conselho para que o amigo se acalmasse, como destacado no excerto abaixo:

028	Deborah:	E ele estava <u>muito irritado</u> um dia, e pensou “meus Deus, os
029		brasileiros são muito preguiçosos” e eu falei “acalme-se”

Nas linhas 006 a 008, a narradora demonstra avaliação implícita ao separar a sua voz, de forma bastante objetiva, mencionando um evento em que o amigo falou algo (um discurso reportado), e frisando que não é opinião dela, Deborah:

006	Deborah:	E e:: ALGUÉM ALGUÉM me disse, não é minha opinião, mas
007		ALGUÉM, <u>meu amigo</u> , me falou (1,5) porque eles mandaram
008		uma empresa para cá

No excerto 19, Deborah tem uma postura muito mais à vontade com o amigo chinês, de forma que o discurso narrado se apresentou de forma mais coesa, provavelmente porque os interlocutores originais compartilham certo *background* cultural.

No caso de Deborah, particularmente, era mais perceptível, no eixo temporal, seu esforço agentivo de representante da China, ao demonstrar uma preocupação em expor sua opinião de forma bastante cuidadosa acerca de brasileiros, como demonstrado nas linhas 006 a 008, sem se comprometer com as posturas narradas, opinião de outros personagens na narrativa. O amigo chinês, em seu lócus mais confortável na conversa original com Deborah, foi bastante natural e expôs o evento narrado, conforme o discurso relatado por Deborah, a partir do ponto de vista de um

gerente trabalhando em uma empresa chinesa no Brasil, posicionamento marcado nas linhas 018 a 020.

Nesse contexto, o relato de Deborah buscou alinhar-se em patamar entre uma percepção consensual – compartilhada por Débora e pelo seu amigo – de que a perspectiva chinesa seria a mais adequada, como é possível depreender do narrado nas linhas 010-011 e 013-014, e o *rappport* comigo, brasileira, evitando um posicionamento mais direto (linhas 006 a 008), para preservar a minha face⁴⁸. A presença de modalização, ressalvas e relato de atitudes apaziguadoras (linhas 022 e 029) constroem uma avaliação e uma generalização menos contundentes.

Destaca-se que o adjetivo “preguiçoso” foi atribuído com sentido unívoco, apenas relacionado ao tempo de duração entre a solicitação e a finalização da tarefa. Nuanças relativas à prioridade no escalonamento de tarefas, que podem mesmo evidenciar maior comprometimento com diretrizes empresariais e institucionais, não foram levadas em consideração para a avaliação da narradora no seu discurso da narrativa. As diferentes expectativas geraram um engajamento distinto, seja negativo ou positivo, em relação à avaliação quanto à situação reportada.

6.3

Padrões avaliativos

Como explicitado anteriormente nesta tese, o discurso narrado pode indicar avaliações <na> narrativa, <da> narrativa e <por meio da> narrativa, de maneira a motivar formas diferentes de reação e de compreensão do propósito narrativo. No caso do discurso dos chineses, foi bastante recorrente a avaliação <na> narrativa mediante uso de recursos microdiscursivos explicitados no subtópico anterior, particularmente quanto a repetição, elementos prosódicos e uso de discurso relatado enunciado por outro personagem, o gerente da empresa amigo de Deborah, citado no Excerto 19.

No caso da repetição, mais do que ocorrências pontuais, ela é utilizada por Deborah como um recurso retórico de ênfase, principalmente ao sinalizar diferenças culturais, como observado nos trechos destacados abaixo, do Excerto 17:

⁴⁸ Cf. Biar (2012).

020	Deborah:	Yeah yeah yeah. Ma-mas meus alunos eles sempre chegam
021		>tarde tarde tarde<. E eu ACHO que, eu aceito a cultura sim,
022		porque são culturas diferentes

[...]

048	Rafaela:	Então se você marcar um encontro das 7 às 9, digamos, então-
049		então você sai às 9, nunca depois das 9
050	Deborah:	Isso isso isso, é isso

E no Excerto 19:

025	Deborah:	Isso isso, ou ele até mesmo QUERIA- ele QUERIA QUERIA
026		fazer isso por conta própria

Dentre os elementos prosódicos, Deborah utilizou ênfase (Excerto 17, linhas 008, 009 e 030; Excerto 19, linhas 006-007, 011, 019 e 022), e aceleração de fala (Excerto 17, linha 021).

Além disso, nos Excertos 17 e 19 também há instâncias de avaliação <por meio> da narrativa, em que a própria escolha do que seria reportável na narrativa pressupõe um esforço intencional, metacognitivo, de veicular uma determinada imagem sobre o grupo de chineses, em contraposição à imagem projetada dos brasileiros.

No excerto 17, o julgamento de Deborah acerca de brasileiros, ao afirmar que não seriam pontuais, é bastante essencialista, sem demonstrar eventuais gradações em relação ao seguimento de regra. Vale ressaltar, aqui, que a motivação em relação a um evento em si é precisamente mais circunstancial do que idiossincrática, isto é, a categorização em níveis de imediatismo, ou prioridade, pode ser decorrente de um objetivo mais definido, e não aleatória. Em outras palavras, a participante provavelmente tem um propósito em sua interação, no sentido de projetar uma imagem acerca de chineses, e isso é realizado de forma ativa ao escolher relatar ações específicas, também como recurso para justificar esse posicionamento, uma avaliação <por meio> da narrativa, como definido por Cortazzi & Jin (2001).

Nesse espectro, as ‘expectativas interculturais’ motivaram certa modulação do entendimento da entrevistada. Ao considerar “o atraso” um estilo de vida, chegou-se à conclusão de que seria necessário respeitar a cultura. No entanto, considerar que

o atraso seria um estilo de vida é resultado de uma postura essencializante, de generalização cultural, que pereniza simulacros de cultura. Com base nisso, cria-se uma expectativa que pode interferir positiva ou negativamente na relação com os brasileiros, como por exemplo motivar a antecipação do horário de um encontro ou a chegada muito tempo depois, frustrando a outra pessoa que não tem esse comportamento. Esse desalinhamento ocorreu inclusive comigo durante a pesquisa, ao participar de um encontro com chineses: segui o horário acordado, mas os chineses do grupo apenas começaram a chegar trinta minutos depois.

Nesse sentido, a ocorrência, no Excerto 19, de indicar como solução final do enredo narrado esperar o desenrolar das ações no devido tempo, enseja comparação de expectativas interculturais desniveladas e a confirmação de que não seria possível, em curto prazo, equalizar as dinâmicas empresariais, consoante as culturas organizacionais dos dois países, como demonstrado nas linhas 023 e 024. Mais do que um reflexo da percepção decorrente do relato, a apreciação constitui uma refração de comportamento intercultural, também projetando expectativas decorrentes de simulacros culturais estanques.

Sobre isso, Cortazzi & Jin (2001) defendem que as avaliações são frequentemente relacionadas a contextos e culturas específicas, motivando diferentes formas de reação e de compreensão do ponto alto da narrativa. A avaliação <por meio> da narrativa ocorre quando o narrador a utiliza para expor o seu ponto de vista, considerando-a como reportável, mediante esforço intencional para passar uma determinada imagem.

Como será mais detalhado no subtópico seguinte, a situação narrada no excerto 19 contrapõe a compreensão tácita de simulacros culturais estanques e a reação refratada no discurso de Deborah sobre o comportamento de brasileiros. Ao mesmo tempo, a exposição da participante ocorreu no sentido de evitar confrontos e, assim, fez uso de instâncias de modalização do discurso

6.4

Elementos de simulacros culturais

Os dois excertos analisados são representativos do que foi mais recorrente nas entrevistas, particularmente em relação ao discurso de resistência projetado pelo grupo de chineses, quanto a simulacros de cultura. A resistência ocorre nos

momentos em que a cultura chinesa tende a ser referenciada com características consideradas mais positivas do que a brasileira, por meio de uma estratégia de enaltecimento da cultura chinesa. Em outras palavras, o discurso refratado antecipa uma resistência aos simulacros culturais estanques, ao estigma dos chineses, e tenta, por contraste, atribuir apreciação elevada a esses nacionais. No caso do Excerto 17, isso ocorre nas linhas 014 a 016, e, no excerto 19, nas linhas 010-011 e 013-014.

Essa projeção é mais facilmente percebida quando os chineses expressam, de forma direta, sua preocupação com o conceito a seu respeito, como ocorre no excerto 21, quando Erick chega a afirmar que “a China quer que as pessoas saibam como somos um novo país”. Essa afirmação mais marcada demonstra um esforço metacognitivo, de verbalização objetiva de sua pretensão discursiva, para deixar transparecer uma imagem que se acredita ser distinta do que é tido como generalizado, o simulacro de cultura.

O posicionamento discursivo de resistência a simulacros de cultura foi precisamente evidenciado quando ocorre um esforço de desconstrução de conceitos enviesados supostamente difundidos, por meio de polarização com atitudes atribuídas aos brasileiros ou mesmo distanciamento em relação à cultura brasileira. Pode-se dizer que os chineses expõem sua preocupação em desconstruir a imagem prévia.

No excerto 17, Deborah narra eventos ocorridos na sua relação com os alunos e, ao final da pesquisa, também interage comigo, brevemente, como resultado da intervenção realizada. Nesse sentido, o posicionamento pessoal foi ambivalente, pois a experiêcia da interlocutora Deborah se deu com base em dois alinhamentos (GOFFMAN, 1981), como professora efetiva em sala de aula e como participante de uma entrevista de pesquisa, enquanto eu me mantive como um contraponto em relação à perspectiva de uma brasileira, além de assumir dois alinhamentos adicionais, como entrevistadora e como falante com maior proficiência do inglês. Na posição de entrevistada, Deborah demonstrou menor agência e optou por não tecer tantos comentários depois da minha intervenção na narrativa, evidenciando certo *rappor*t comigo ao pretender alinhar-se com o que seria esperado dela na entrevista.

Neste momento, cabe destacar que a competência comunicativa em uma segunda língua foi fator que proporcionou aprofundamento de assimetrias durante

a entrevista, demonstrada nas perguntas de confirmação de palavras, como citado anteriormente. A relevância desses aspectos interlinguísticos, particularmente quanto à questão da tradução, é convergente com a abordagem de De Fina & Tseng (2017), especificamente no caso de discurso de migrantes, que tendem a refratar identidades de forma mais difusa.

Além da modulação expressa pela entrevistada, especificamente nas linhas 008 e 009 do Excerto 17, a relação comigo e a permanência transitória no Brasil durante um intercâmbio curto, de um ano, o primeiro do qual participou, provavelmente motivou Deborah a demonstrar mais tolerância às diferenças interculturais em sua narrativa. Essa postura é mais claramente exemplificada em outros excertos apresentados no discurso dos participantes oriundos da China, em situação de intercâmbio de ensino de mandarim, como apresentado no excerto 25 da epígrafe desta tese.

O excerto 17 apresentado exemplifica instâncias de discurso de resistência em relação a simulacros culturais estanques perpetuados em situações sociais. Deborah demonstrou certa tensão para desconstruir percepções prévias acerca dos chineses, utilizando, para isso, recursos defensivos, como resultado de seu posicionamento refratado, na relação comigo e com outros brasileiros com quem conviveu, como demonstrado no trecho destacado a seguir:

014	Deborah:	É muito tarde, mas na China sempre iremos ((incompreensível))
015		não ou pelo menos iremos, mas nos encontraremos por volta
016		das onze horas
017	Rafaela:	Uhum
018	Deborah:	[Tarde]
019	Rafaela:	[Cerca de 10] minutos ou no máximo 15 minutos
020	Deborah:	Yeah yeah yeah. Ma-mas meus alunos eles sempre chegam
021		>tarde tarde tarde<. E eu ACHO que, eu aceito a cultura sim,
022		porque são culturas diferentes

Na linha 014, Deborah sinaliza que na China sempre haverá cumprimento de horários preestabelecidos, ao passo que no Brasil isso não é esperado, mas ela, como pessoa que está na comunidade brasileira, “aceita” esse comportamento, pois seria algo intrínseco à própria cultura.

Nesse sentido, observa-se que o contraste entre brasileiros e chineses é reificado por Deborah ao conceituar os comportamentos como decorrente da ‘cultura’ (Excerto 17, linhas 020-022; Excerto 19, linhas 020 e 022) ou do ‘estilo de vida’ (Excerto 17, linhas 29-31). Embora essa percepção possua cunho bastante essencialista, Deborah fez uso dessa estratégia enunciativa para embasar um discurso de resistência, em que a narradora, como chinesa, busca contrapor-se aos brasileiros em relação a elementos que narra como desfavoráveis.

O discurso de resistência empreendido por Deborah demonstra certa tensão para desfazer uma dita percepção mais estanque acerca dos chineses, evidenciada em trechos de avaliação recorrentes, em que a ocorrência de ressalvas em relação a mim ou em relação ao próprio posicionamento de Deborah nas narrativas analisadas constroem o sentido de “defesa”, isto é, trata-se de um discurso refratado, que antecipa uma resistência aos simulacros culturais estanques, ao estigma⁴⁹ atribuído a chineses, e tenta, por contraste, atribuir apreciação elevada a esses nacionais.

Há ênfase na situação distópica, em que as duas culturas são avaliadas como sendo muito distintas entre si. Os brasileiros são representados como sendo muito entusiasmados, além de gostar de jogar futebol (Excerto 18). A referida situação distópica é acentuada quando os chineses utilizam como referência apenas informações pontuais sobre o Brasil, obtidas por meio de filmes, reportagens ou palestras. Na maioria das vezes, os entrevistados relataram não haver correspondência entre esse conceito sobre a imagem do Brasil relatado como sendo o mais difundido na China, como citado no Excerto 18, e o cenário especificamente visualizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, local de residência de todos em intercâmbio aqui.

Nesse contexto, a narrativa também ensejou trabalho de face, particularmente quando observado *rappport* de Deborah comigo, modalização por meio de ressalvas (Excerto 17, linhas 008 e 009; Excerto 19, linhas 006 a 008) e relato de atitudes apaziguadoras (Excerto 17, linhas 020 a 022; Excerto 19, linha 022).

Essa estratégia, no entanto, pressupõe um contraste essencialista, na medida em que há esforço de desconstrução de conceitos enviesados supostamente difundidos, por meio de polarização com atitudes atribuídas aos brasileiros ou

⁴⁹ Cf. Biar (2012).

mesmo distanciamento em relação à cultura brasileira, ao afirmar ou subentender que na China seria diferente.

Essa tendência demonstra ser um reflexo de que a interação intercultural tende a modular a projeção identitária, justamente pelo fato de o migrante estar situado na “between área” (CAVAN, 2006), ou inter-espço, em que suas atitudes são apreciadas conforme diferentes pressupostos de relações sociais, que possuem maior potencial de impactar a marcha interacional (GOFFMAN, 1963).

Particularmente no caso de pessoas de ascendência asiática, um posicionamento distópico orientalista (SAID, 1990) possui maior potencial de refratar tacitamente um alinhamento cultural menos privilegiado em relação à cultura ocidental, com reprodução de simulacros de cultura estanques. E é justamente nesse contexto, como explicitado neste capítulo, que os excertos analisados, assim como as entrevistas dos outros chineses participantes, apresentaram discurso estruturado com base em estratégia de resistência de enaltecimento da cultura chinesa.

Nesse sentido, a projeção identitária assumiu, em um espectro de alteridade, uma perspectiva que pode ser considerada condescendente, mas, na verdade, é apenas a expressão mais objetiva da resistência do grupo de chineses entrevistados a supostas características negativas atribuídas a si.

7

Avaliação projetada no discurso de brasileiros

Com base nos pressupostos teóricos delineados nesta tese e na estrutura organizacional explicitada no capítulo anterior, os excertos 35 e 37 serão analisados conforme sua organização narrativa, particularmente no tocante à projeção identitária dos participantes da pesquisa.

A entrevista com Isabela iniciou-se de maneira muito tranquila, haja vista ter havido convivência prévia comigo durante programa de intercâmbio. Após alguns minutos de conversa sobre outros assuntos além da pesquisa, Isabela passou a responder às perguntas da entrevista de forma que me pareceu espontânea e sempre retomando uma preocupação com o meu tema de tese. Pode-se dizer que sua interação foi modulada nesse sentido e, ao longo da entrevista, sua postura não evidenciou posicionamento restritivo quanto às informações compartilhadas.

Durante a pesquisa, os brasileiros entrevistados demonstraram um posicionamento discursivo mais cuidadoso, com o intuito de preservar a face dos chineses com quem interagiram nas situações relatadas. Em alguns momentos, como demonstrado no Excerto 35, os posicionamentos deixaram transparecer uma carga deontica relacionada à atividade profissional de professor e/ou pesquisador: a cultura de outra pessoa não poderia ser tomada como algo estanque. A análise detalhada ao longo deste capítulo apresentará, conforme as características mais recorrentes nos dados, o lugar discursivo dos brasileiros participantes da pesquisa empreendida nesta tese.

7.1

Organização narrativa do Excerto 35: elementos macro e microdiscursivos

No excerto 35 selecionado, Isabela narra um encontro social conflitante com Mariah, decorrente de diferentes expectativas em relação à forma de interação, baseadas em simulacros culturais estanques. Tanto Isabela, brasileira, quanto Mariah, chinesa, estavam matriculadas em disciplinas de pós-graduação em uma universidade no estado de Utah, nos Estados Unidos. No entanto, Mariah era aluna

regular do mestrado e Isabela apenas cursava matérias como aluna especial, haja vista seu vínculo principal na universidade ser o de professora de português para estrangeiros. Ao chegar aos Estados Unidos, Isabela passou a compartilhar um apartamento com Mariah, o que gerou antecipadamente, conforme relatado em entrevista, expectativa em relação a como seria a interação com uma pessoa de cultura chinesa.

Isabela, participante desta pesquisa, conviveu com Mariah nos anos de 2013 e 2014, e a entrevista ocorreu no ano de 2018, quando Isabela já estava de volta ao Brasil. O lapso de tempo proporcionou um grau de distanciamento, em contraste com o momento de certa angústia à época da interação, como relatado por Isabela, com as expectativas quebradas.

Deve-se destacar que Isabela apresentou postura solícita quanto à exposição dos dados, provavelmente por haver convergência de perfil comigo, devido à participação no mesmo programa de intercâmbio em 2013-2014 e em programa de doutorado no momento da pesquisa. Dessa forma, também foi projetada a contribuição do compartilhamento desses dados para fins de pesquisa e a ciência de quais detalhes seriam considerados mais relevantes em um contexto de pesquisa intercultural. Pode-se dizer, ainda, que houve, previamente, uma avaliação <da> narrativa, de forma bastante consciente por parte da participante. Esse alinhamento ocorreu também em função da experiência anterior de Isabela, em que ela relatou ter ouvido diversos comentários negativos acerca dos chineses, algo mais especificamente também relatado pela participante Karina no Excerto 43, já citado anteriormente, e reproduzido mais pontualmente a seguir:

005	Karina:	Então eu acho que foi BOA porque me abriu os olhos pra, pra esses
006		discursos de preconceito que eu não enxergava ANTES↓(.) então eu
007		sempre:: até como eu te falei naquele dia na aula (1,0) eu VEJO que por
008		exemplo NO BRASIL a gente HOJE tem um discurso FORTE de:: (1,0) do
009		politicamente correto em relação a VÁRIOS grupos minoritários↓ mas eu
010		NÃO VEJO ISSO em relação ao chinês↓

No excerto 35 a ser apresentado, Isabela relata algumas de suas inquietações e como tomou ações no sentido de tentar resolver a situação. É recorrente a cobrança em relação a si própria, por ser professora de idiomas, para superar o embate, mesmo que Isabela já tivesse formulado a concepção de que os encontros

sociais com Mariah provavelmente trariam algum tipo de impasse, como observado na transcrição a seguir:

EXCERTO 35 “Falar sobre comida” – Isabela

(Participante Isabela, 00:01:15-00:01:32; 00:02:45-00:05:57)

001	Rafaela	EU vou fazer algumas perguntas aqui, mas elas são perguntas
002		ABERTAS. Se você quiser falar um pouco ma::is (0,5) >enfim<
003		ampliar de acordo com o que você <vivenciou> e você acha
004		interessante fique à vontade ºtáº (1,0) ok (0,5) primeira pergunta
005		(0,5) então, como é que foi o seu primeiro CONTATO com uma
006		pessoa CHINESA?
[...]		
007	Isabela:	foi muito:: legal porque ela era muito SIMPÁTICA (1,0) eu achei a
008		Mariah MUITO simpática logo de início (1,5) E:: (.) _ mas sempre
009		fica aquele certo desconforto porque foi a primeira vez- eu nunca
010		tinha entrado em contato com alguém. E::: a gente conhece muito
011		pouco né? Da China↓ Entã::o, como que eu quebro o GELO↓,
012		quebro o gelo↓ CONVERSO↓ não CONVERSO↓, que a GENTE tá
013		acostumado sei lá- professor de LÍNGUA, né isso? ele sabe mais ou
014		menos como::, como:: se COMUNICA::R assim↑ como FALAR
015		como- SEI LÁ um AMERICANO::, um AUSTRALIANO::, sabe os
016		LIMI::TES. COM ELA eu nunca tinha tido esse CONTATO, assim,
017		com alguém da CHINA↓, então EU eu ficava meio envergonha:da
018		assim↓, eu. acho que ela também ficava meio envergonha:da
019	Rafaela:	Mas você fala que não sabia esse limite porque você ACHAVA que
020		ela ia ser muito FECHADA↓? Qual era a ideia que você tinha, assim,
021		quando você fala que não sabia os limites e tal?
022	Isabela:	Tem uma coisa MUITO legal, é- LIMITE assim, uma coisa é::: de,
023		de nã::o- (2,0) de não entender a CULTURA mesmo da pessoa,
024		de não saber o que ELA significa quando ela quer dizer algo↑,
025		POR EXEMPLO, tem um negócio que eu conto, MUITAS vezes
026		que::: eu acho bem EMBLEMÁTICO, dessa dessa minha, FALTA
027		DE CONHECIMENTO sobre a cultura chinesa. <TODA VEZ>,
028		TODO DIA que eu chegava em casa↓ a Mariah me perguntava a
029		MESMA coisa↓ à noite assim “e aí↑ cê JÁ JANTOU?”, e eu falava
030		“Já::” e EU nã::o conseguia continuar↓, aí eu falava “você
031		jantou?”, ela falou “jantei”, e ACABAVA a conversa ali. E AÍ↑ eu
032		ia pro quarto↓, ou ia tomar banho, fazer alguma coisa. E aquilo

033		começou a me INCOMODAR, porque eu falava “por que que ela
034		pergunta se eu tô querendo- se eu jan-jantei ou não, que
035		CURIOSIDADE é essa?” E Aí eu <u>conversei</u> com <u>algumas</u>
036		OUTRAS PESSOAS↑, e essas pessoas me EXPLICARAM↓,
037		que::, eu não sei se isso assim, é <u>verdadeiro</u> PRA ELA, porque
038		eu NUNCA é, fui TIRAR assim <u>dúvida</u> com ELA, fez sentido pra
039		mim depois. Eles ME DISSERAM, que essa- perguntar sobre
040		comida, é como <u>a gente</u> usa aqui::, fala::r sobre o o tempo↑.
041	Rafaela:	Uhum
042	Isabela:	Sabe aquela iniciação de tópico↑, de conversa?
043	Rafaela:	Aham
044	Isabela:	Aquela conversa que não significa NADA, mas que você SÓ QUER
045		conversar? Só pra quebrar o gelo assim?
046	Rafaela:	Sim
047	Isabela:	Conversa de elevador?
048	Rafaela:	Small talk, aham small talk
049	Isabela:	É::, EXATO. Então, ela me <u>perguntava</u> , na verdade ela tava
050		querendo quebrar o gelo↑, só que <u>pra mim</u> isso não fazia↑ sentido.
051		Porque não significava a mesma coisa que significava <PRA ELA>.
052		Pra mim, se ela tivesse dito algo do tipo “e aí↑, fez frio hoje?” né? Eu
053		SABERIA, que ela tá <tentando> conversar comigo. “Ai, como foi
054		seu dia? >Bla-bla-bla bla-bla-bla<” Como ela fazia isso falando de
055		<u>comida</u> , pra mim era era uma- um <u>enigma</u> , sabe?
056	Rafaela:	Hhh
057	Isabela:	Um ponto de interrogação hhh
058	Rafaela:	Hhh
059	Isabela:	E aí:: depois que eu descobri ISSO↓(.) é::: quando ela:: continuou
060		perguntando, eu comecei a <u>conversar</u> ↑, e aí a gente <u>sentava</u> na
061		me::sa↓, a gente <u>conversava</u> sobre o di::a↓, falava né? das coisas,
062		e aí a gente se APROXIMOU↑ é:: <u>bastante</u> , assim, né? Então:::- é
063		por isso que eu falo que tem- que eu me sentia <não entendendo>
064		direito, ELA, né? (1,0) Coisa de <u>cultura</u> assim
065	Rafaela:	Uhum

A organização narrativa desse excerto foi esquematizada conforme o quadro proposto no Capítulo 5, com base no enunciado por Pastor & De Fina (2005), apenas com o propósito de orientação geral do percurso narrativo. Em resumo, os movimentos de Isabela na narrativa destacada indicam uma quebra da expectativa inicial em sua interação com Mariah, quando esta perguntou se Isabela já teria

jantado (Excerto 35, linhas 028-031), e, ao avaliar que a forma de introdução de conversa – ou *small talk* – era diferente do esperado (Excerto 35, linhas 032-040), Isabela passou a assumir determinadas posturas de ponderação (reações psicológicas), de diálogo (reações verbais) e de investigação ou prospecção cultural com seus pares (reação de ação). Como resultado, Isabela reavaliou a sua conduta (Excerto 35, linhas 059-064), transpôs sua percepção mais imediata, de que a fala de Mariah seria apenas uma pergunta objetiva, quando não era, e passou a atuar de forma mais agentiva em relação à comunicação intercultural. Os movimentos são elencados, de maneira ilustrativa, no quadro a seguir:

Elementos Macro-discursivos	OR: momento em que Isabela chegava em casa		
	Ações Complicadoras (AC)	EC1: Todos os dias Mariah perguntava se Isabela já havia jantado e ela dizia que sim.	
		EC2: Isabela não entendia que isso era um “quebra gelo”	
		Reações (RE)	<p>Psi: reflexão de Isabela sobre o real sentido da pergunta de Mariah</p> <p>Verb: resposta de Isabela às perguntas de Mariah</p> <p>Aç: compartilhamento do evento por Isabela com outros amigos</p>
Elementos Micro-discursivos	Avaliação (AV)	Explícitas (E)	Expectativa em relação à nova companheira de apartamento
		Implícitas (I)	Modalização
	Aspectos linguísticos e paralinguísticos	Marcação temporal, pergunta retórica e repetição enfática, ênfase de ressalva, onomatopeia e nominalização enfática	

A narrativa do excerto 35 começou de forma polarizada, evidenciando contrastes entre pessoas de nacionalidades distintas, além de traçar paralelos entre posicionamentos sociais considerados mais experientes, como no caso de professores de idiomas que lidam com alunos de origens distintas e costumam interagir com pessoas de outros países. Nesse sentido, Isabela construiu a sua narrativa basicamente demonstrando uma carga de expectativas alta quanto à sua habilidade de contornar situações inusitadas, como demonstrado a seguir:

007	Isabela:	foi muito:: legal porque ela era muito SIMPÁTICA (1,0) eu achei a
008		Mariah MUITO simpática logo de início (1,5) E:: (.) _ mas sempre
009		fica aquele certo desconforto porque foi a primeira vez- eu nunca
010		tinha entrado em contato com alguém. E::: a gente conhece muito
011		pouco né? Da China↓ Entã::o, como que eu quebro o GELO↓,
012		quebro o gelo↓ CONVERSO↓ não CONVERSO↓, que a GENTE tá
013		acostumado sei lá- professor de LÍNGUA, né isso? ele sabe mais ou
014		menos como::, como:: se COMUNICA::R assim↑ como FALAR
015		como- SEI LÁ um AMERICANO::, um AUSTRALIANO::, sabe os
016		LIMI::TES. COM ELA eu nunca tinha tido esse CONTATO, assim,
017		com alguém da CHINA↓, então EU eu ficava meio envergonha:da
018		assim↓, eu. acho que ela também ficava meio envergonha:da

Na orientação da narrativa, observou-se que, ao ser indagada sobre como foi o primeiro contato com uma pessoa chinesa, a entrevistada assumiu um posicionamento distante em relação à compreensão do que seria o comportamento padrão de uma pessoa de origem asiática, como mencionado no trecho destacado acima. Interessante observar, ainda, a repetição do adjetivo ‘envergonhada’ nas linhas 017 e 018, muito próximos, e o próprio discurso com carga deôntica acentuada, de que, como professor de língua, seria imperativo ter naturalidade com pessoas de outras culturas, como assinalado nas linhas 013 a 016.

Essa observação também funcionou como uma estratégia de preservação de face⁵⁰, na medida em que Isabela demonstrou estar comprometida com o contexto de interação. Ao dizer que “a gente conhece muito pouco né? Da China↓” (linhas 010-011), Isabela inclusive busca corroboração de minha parte, nacional do mesmo

⁵⁰ Cf. Biar (2012).

Estado, o que parece pressupor uma avaliação de que haveria, de minha parte, demanda de que ela assumisse uma atitude mais proativa. A própria ênfase avaliativa ao citar “Da China” (linha 017) aumenta a distância cultural entre a narradora e a personagem, Mariah. Isto, pois, as diferenças são priorizadas na narrativa, em detrimento de possíveis pontos de contato. Pouco tempo depois, a atitude defensiva de Isabela também é retomada em “EU eu ficava meio envergonha:da assim↓” (linhas 017-018), trazendo um elemento psicológico (‘reação psicológica’ do modelo de Pastor & De Fina) que indica certa inação momentânea, transferindo a responsabilidade da interação para Mariah.

Interessante observar que o aparente receio de Isabela, na narrativa compartilhada, sobre como seria a convivência, não se apresenta de forma tão marcada, uma vez que Isabela reitera várias vezes a complexidade de interagir com uma pessoa de outra cultura, algo especificamente contrastado com uma suposta maior naturalidade com pessoas americanas ou australianas (linha 015). A metamensagem possível nos trechos de ressalvas de Isabela, de que não conhecia muito sobre a China e de que estava um pouco envergonhada, como explicitado nos trechos assinalados no parágrafo anterior, poderia ser a de que Isabela, como intercambista, deveria promover a integração, mas, talvez por insegurança, a conversa com Mariah acabou ficando bastante limitada.

Ao perceber que a compreensão objetiva da pergunta de Mariah “Já jantou?” não fazia sentido, como enunciado nas linhas 027-032, Isabela passou a refletir, de maneira metapragmática, sobre as diferentes formas de iniciar uma conversa, que geraram reações e avaliações significativas da projeção de identidade (linhas 049-051), motivando seu posicionamento de forma polarizada na interação, por meio de contraste entre regras sociais tácitas de chineses e regras sociais tácitas de americanos e australianos, como mencionado anteriormente.

Como demonstrado no excerto 35, Isabela se sente intrigada e faz um esforço para tentar compreender a situação, indagando-se mentalmente acerca do evento. Esse empenho é demonstrado, ainda, pela postura de Isabela em tentar expandir a conversa e pelas perguntas a colegas que também convivem com Mariah, com o intuito de tentar elucidar qual seria o objetivo da pergunta desta sobre o jantar. Essa reação ocorre de forma ativa, uma vez que a entrevistada busca a ajuda de outras pessoas, momento em que se evidencia a influência de pares ocidentais como apoio para compreender a atitude da cidadã oriental.

Embora distinções entre cultura ocidental e cultura oriental guardem cada vez menos relevância, as entrevistas com os participantes evidenciaram certo distanciamento prévio e expectativas estabelecidas perante o outro, que por vezes limitaram uma interação mais fluida inicialmente, como no caso do relatado por Isabela em seu excerto 35.

Na sequência dos acontecimentos do referido excerto, após as ponderações de Isabela, houve aproximação de Isabela e de Mariah, em suas relações cotidianas, como explicitado a seguir:

059	Isabela:	E aí:: depois que eu descobri ISSO↓(.) é::: quando ela:: continuou
060		perguntando, eu comecei a <u>conversar</u> ↑, e aí a gente <u>sentava</u> na
061		me::sa↓, a gente <u>conversava</u> sobre o di::a↓, falava né? das coisas,
062		e aí a gente se APROXIMOU↑

Em relação aos elementos microdiscursivos, observou-se marcação temporal (linha 009), ao dizer que foi ‘a primeira vez’ que teria essa interação com uma pessoa chinesa; duas perguntas retóricas (linhas 010 a 012), referenciando o pouco conhecimento sobre a cultura e sobre como quebrar o gelo; repetição enfática (linhas 027 e 028: “<TODA VEZ>, TODO DIA”); indagação retórica na linha 057, com menção a “ponto de interrogação”; ênfase em relação ao “não saber se comunicar” com uma pessoa de origem asiática nas linhas 013 a 017; uso de onomatopeia na linha 054 “bla-bla-bla”; e nominalizações enfáticas nas linhas 026 e 027 (“EMBLEMÁTICO” e “FALTA DE CONHECIMENTO”). Pode-se depreender das análises que o uso desses recursos demonstrou esforço agentivo de Isabela em relação à interação com Mariah e também em relação à maneira disjuntiva como sua identidade é projetada perante sua interlocutora.

Embora os elementos mencionados indiquem a intenção de Isabela em manter a interação, ela estava quase sempre pautada em uma percepção mais defensiva sobre pessoas da cultura asiática, e de progressivo distanciamento que se reflete nas nominalizações “um americano” e “um australiano” *versus* “alguém da China”. O estranhamento cultural evidenciou-se, mais destacadamente, nas linhas 039 e 040, e nas linhas 052 a 055, em que se considerou que falar sobre comida como uma espécie de “quebrar o gelo” era um “enigma”, uma vez que, na cultura brasileira, ou ocidental de uma maneira geral, seria mais comum falar sobre o

tempo. No entanto, mesmo que esse direcionamento sobre o clima fosse o mais esperado, o comportamento de falar sobre comida não seria totalmente estranho. A indicação de incômodo (linhas 032 e 033) corrobora o interesse da entrevistada em estabelecer conexões com a chinesa.

Possivelmente, ao ter uma posição mais defensiva, a entrevistada, talvez por medo de ser invasiva, motivou uma “superproteção” e, nesse sentido, esperou-se que a interlocutora chinesa explicitasse sua intenção com mais ênfase, consoante uma postura identitária “conceitual” previamente estabelecida (Cf. MISHLER, 1999; OCHS & CAPPS, 1996). Em outras palavras, pode-se dizer que a responsabilidade de compreender a complexidade da interação foi majoritariamente atribuída à chinesa Mariah, comportamento explicado pela perspectiva orientalista defendida por Said (1990).

Desde as linhas 011 e 012 a entrevistada havia sinalizado que não estava totalmente confiante sobre a forma como deveria introduzir a conversa ou “quebrar o gelo”, evento também retomado nas linhas 023 e 024, e definido como “emblemático” na linha 026. Da mesma forma que a postura da participante Deborah, no capítulo 6, Isabela também busca uma preservação da face e potencializa o contraste entre as duas culturas, evidenciando um certo discurso de resistência refratado. Isto é, o engajamento discursivo demonstrado por meio da narrativa (Cf. CORTAZZI & JIN, 2001) no excerto 35 demonstrou avaliações atreladas ao conhecimento compartilhado, não necessariamente experiências anteriores da participante, mas também experiências de outras pessoas (linhas 036; e 039-040); e autoavaliações mormente baseadas na própria herança cultural da narradora, sem relativização em um primeiro momento.

Nesse contexto, Isabela, após conversas com outros amigos que também tinham contato com chineses, passou a ter a compreensão de que a pergunta sobre o jantar teria uma função semelhante à do *small talk*, evento que constrói o diálogo expandido. Observou-se, assim, que a comparação com outras culturas motivou Isabela a revisar seus comportamentos e buscar um engajamento maior na interação, utilizando outros temas para conversa.

No concernente aos elementos de emoção e de afeto, observou-se propósito de preservação da própria face por meio de uma consideração inicial ⁵¹, talvez uma

⁵¹ Cf. Biar (2012).

espécie de desculpa antecipada, nas linhas 009 e 010, de que nunca havia entrado em contato com uma pessoa chinesa antes dessa situação.

A alteridade projetada ocorreu por meio de um sentimento de estranhamento acerca da cultura oriental *versus* ocidental, nas linhas 011 a 018 e nas linhas 049 a 053, e por meio de um provável indicativo de impaciência com a convivência inicialmente truncada com a chinesa com o uso da expressão “bla-bla-bla” na linha 054, falada de forma mais acelerada, indicando avaliação negativa. Além disso, o enunciado nas linhas 023 e 024 parece deixar transparecer postura de tentativa de preservação da face do outro⁵², ao indicar que a origem em países com culturas mais distintas necessariamente traria obstáculos à interação.

No contexto relatado no excerto 35, ao observar o impasse na comunicação durante o *small talk* mencionado, isto é, o silêncio de Mariah depois da resposta de Isabela, esta participante julgou a interação como não eficiente, pois não sabia “quebrar o gelo” e começar uma conversa. Ao ser indagada por Mariah se já havia jantado, Isabela pensou se tratar de uma pergunta trivial, sem intenção de introduzir *small talk*.

Vale destacar que tanto Isabela quanto Mariah foram narrativamente identificadas, no nível pessoal, como intercambistas, posição que pressupõe um maior comprometimento com interações interculturais, isto é, uma maior flexibilidade em relação ao outro. No entanto, os tipos de intercâmbio de que participavam eram bastante diferentes: Mariah estava sendo financiada pelo seu país, como estudante; e Isabela estava sendo financiada pelo governo americano, por uma instituição de bastante prestígio nos Estados Unidos, local da interação, com o objetivo primário de ensinar português.

Nesse sentido, havia uma relação de construção de simetrias, na medida em que Isabela possuía uma função que pressupõe maior conhecimento e competência comunicativa (linhas 012 a 016) e, dessa forma, estaria implícita uma maior responsabilidade para tentar re-equilibrar o jogo interacional.

Esse posicionamento de maior agência aparece em entrevista com outros participantes, inclusive de forma bem mais marcada, como no excerto 12, em que é enunciada uma opinião mais “educada” sobre a forma como agimos com base em simulacros culturais estanques sem nos darmos conta disso.

⁵² Cf. Biar (2012).

Nesse excerto, Carlos fala sobre sua experiência durante intercâmbio de ensino de português, em programa da Comissão Fulbright, no estado do Tennessee, nos Estados Unidos. Durante esse intercâmbio, como relatado pelo entrevistado, foram gerados dados nas aulas com os seus alunos, consoante perspectiva de pesquisa intercultural. Nessa reflexão, a ser apresentada a seguir, Carlos define certa postura tendenciosa ao lidar com pessoas de cultura diferente da sua.

EXCERTO 12: Opinião arraigada sobre chineses 2 – Carlos

(Participante Carlos, 00:09:00-00:10:16)

001	Rafaela:	E:: eu queria saber também se VOCÊ TINHA, algum, digamos
002		assim, conceito PRÉ-CONCEBIDO acerca:: dos chineses
003	Carlos:	SEMPRE TEM
004	Rafaela:	hh
005	Carlos:	É, é difícil a gente falar que não te::m↓ TEM↑ por MAIS que eu,
006		eu trabalhe, eu- <u>no meu mestrado</u> eu trabalhei com a perspectiva
007		intercultural↑ e eu fiz justamente meu mestrado lá↑ eu coletei os
008		dados LÁ↑ e a aplicação de material <didático> com os alunos e
009		tudo mais↑ mas a gente NÃO ESCAPA DISSO NÉ (1,0) As
010		nossas representações, elas vêm de todas as maneiras, e não tem
011		como a gente:: (1,0) NÃO SEI, a gente pode até NÃO SOAR
012		<preconceituoso> MAS, por mais que nossa pergunta não soe
013		preconceituosa, <u>tem um pouco</u> da representação LIMITADA de
014		uma cultura (1,0) E existia SIM, até porque <u>como eu falei</u> a
015		BRASILEIRA, ela TINHA ME FALADO muita coisa

Ao afirmar que sempre há um posicionamento pré-concebido, “que a gente NÃO ESCAPA DISSO NÉ” (Excerto 12, linha 009), Carlos busca assumir certo discurso de autoridade, em que, como pesquisador, está ciente de que deve assumir uma postura mais flexível. Ao demonstrar essa conscientização de que o discurso reproduz perspectivas socialmente compartilhadas, os participantes brasileiros da pesquisa se colocam em um patamar mais “validado”.

Em relação ao excerto 35, em suma, a narrativa entre Isabela e Mariah constroi uma espécie de dialética em relação a comportamentos esperados e expectativas antecipadas, como a quebra de comunicação entre *flatmates*, segundo

relato de ações realizadas por Isabela, como busca de opinião de amigos, e movimentos de reflexão interna, com embate de conjecturas acerca do significado do comportamento de Mariah. Nesse sentido, o impacto de simulacros culturais estanques demonstrou-se mais decisivo para a tomada de decisão de Isabela inicialmente, em relação a como deveria interagir com Mariah.

7.2

Organização narrativa do Excerto 37: elementos macro e microdiscursivos

Neste excerto 37, a narrativa também ocorre entre a participante Isabela e a personagem Mariah, quando ambas estudavam na Universidade de Utah, durante seus respectivos intercâmbios. Assim como no excerto anterior, Isabela também relata situações domésticas, mas com ênfase na solução de conflitos, particularmente em relação ao uso de utensílios domésticos e atividades de limpeza da casa. Ao final, ela particulariza a estratégia adotada por ela – utilizar utensílios diferentes – e reflete sobre o porquê de ter adotado essa solução.

Neste recorte, no entanto, o conflito relatado demonstra mais claramente uma situação de atitude distópica em relação às duas culturas, que suscitou gerenciamento segundo uma estratégia de “isolamento” do problema, de “encapsulamento de crise”, isto é, foi decidido que os espaços individuais seriam respeitados por meio de uso separado de utensílios na casa. Diferentemente do excerto 35, em que se buscou uma convergência ao final da interação relatada, o excerto 37 demonstrou posicionamento disjuntivo, em que cada participante da situação assumiu um espaço diferenciado.

Em outras palavras, a expectativa não alcançada gerou frustração, em um primeiro momento, em função da demarcada distinção, ou mesmo antagonismo, de comportamento nas culturas brasileira e chinesa. No entanto, ao final, o posicionamento discursivo assumido por Isabela demonstrou o respeito à diversidade cultural, em um processo de negociação de identidades que buscou a valorização da alteridade, em concordância com o defendido por Revuz (1998), como observado na transcrição do Excerto 37:

EXCERTO 37: Convivência negociada – Isabela

(Participante Isabela, 00:11:46-00:17:36)

001	Rafaela:	como é que foi esse processo até você ir morar com ela? isso
002		gerou uma ansiedade↑ assim “ah meu deus, como será morar
003		com uma pessoa chinesa?” alguma coisa assim?
004	Isabela:	eu ficava muito- eu tava MUITO ansiosa↑
005	Rafaela:	aham
006	Isabela:	porque assim né, é:: <u>ansiosa</u> no bom sentido (1,0) porque eu
007		<u>nunca</u> tinha morado com ALGUÉM (1,0) é:: de <u>outro</u> <país>, e::
008		e tava muito <u>curiosa</u> porque eu sou uma pessoa MUITO curiosa
009		(.) e os meus amigos tinham falado um <MONTE de coisa>, bla-
010		bla-bla um monte <de besteira> né? (1,0) Que nem <u>coisa de</u>
011		<u>professor</u> sabe?
012	Rafaela:	uhum
013	Isabela:	que você vai pegar uma turma NOVA↓ aí vem TODOS os outros
014		professores falar “ah essa turma é uma PORCARIA bla-bla-bla”
015		e aí você não OUVE né? você ignora porque você sabe que pode
016		ser diferente (1,0) MA::S é:: algumas coisas claro eram verdade,
017		a questão da <higiene> assim, eles entendem higiene de um jeito
018		<u>completamente diferente</u> (.) do NOSSO↑ e:: mas eu não tive
019		ATRITO com ela, né? eu falei para ela “olha, para mim isso é
020		<muito IMPORTANTE>” ela falou “não, tudo bem, eu entendo” e
021		ela ficou <admirada> hhhh umas coisas assim BE::M ingênua
022		sabe?
023	Rafaela:	aham
024	Isabela:	as DUAS (1,0) entã::o (.) TIPO lavar a, limpar o banheiro uma vez
025		por semana, eu falei “olha a gente divide né, eu acho que- <u>tudo</u>
026		<u>bem?</u> eu faço uma semana, você faz uma outra <u>semana</u> tal, é::
027		ela achou <meio> <u>exagerado</u> hh
028	Rafaela:	hhh
029	Isabela:	eu achei isso ENGRAÇADO↑, ela até me perguntou↑ se eu queria
030		LAVAR (.) o banheiro porque:: (.) se eu tomava banho de
031		BANHEIRA hhhh que ESSA era a preocupação dela entendeu?
032		se eu usava SÓ O CHUVEIRO (1,0) eu falei “não tem <muitos
033		germes> porque é o lugar que <a gente se limpa e tal> tudo
034		bem?” ela falou “ah, tudo bem”. e assim↓ pra ela (.) foi difícil (.)
035		NÃO FOI (.) normal↓ ela não usava detergente pra lavar louça↓
036		porque ela achava que deter- aliás ela ACHA ainda↑óbvio↓ ela

037		me EXPLICOU que detergente faz muito mal <pra saúde> que é
038		um dos motivos para os chineses NÃO USAREM, >bla-bla-bla<,
039		toda uma tradição, é::
040	Rafaela:	mas não usava SABÃO↓ não usava NADA? assim [detergente é]
041	Isabela:	[não] eles usavam água QUENTE (.) e um PANINHO, é:: (2,0)
042		ENFIM↓ pra MIM isso era muito BIZARRO↓, e aí:: COMO a gente
043		tinha uma alimentação muito diferente↓ porque <u>basicamente</u> ela
044		cozinh- são comidas que são muito COZIDAS né? então você
045		pega o arroz os negócios e cozinha, ou faz o negócio na
046		FRIGIDEIRA↑ ela tinha as panelas especiais dela
047	Rafaela:	uhum
048	Isabela:	e eu tinha as MINHAS panelas que eu usava pra arroz↑ feijão↑
049		minhas coisas (.) ENTÃO é:: >CALHOU< de a gente ter os
050		nossos utensílios de cozinha separados↑
051	Rafaela:	uhum
052	Isabela:	e:: (1,0) e aí BEM DELICADAMENTE eu usava os meus↑ e ela
053		usava os dela↑ hhh porque eu achava estranho (.) né?
054	Rafaela:	é
055	Isabela:	porque eu achava estranho↓ né? exatamente
056	Rafaela:	é
057	Isabela:	exatamente
058	Rafaela:	mas vocês resolveram de uma maneira BEM pacífica assim né?
059		não gerou melindre pra nenhum dos lados né?
060	Isabela:	NÃO↑ porque NÃO FAZ sentido né Rafa?
061	Rafaela:	[É]
062	Isabela:	[É] um mundo COMPLETAMENTE diferente (1,0) imagina, PRA
063		ELA eu tava colocando em risco a MINHA SAÚDE, pra MIM ELA
064		hhhh é que tava colocando a saúde dela em risco, como é que
065		você vai NEGOCIAR? não te::m
066	Rafaela:	é
067	Isabela:	<u>não tem como convencer</u>
068	Rafaela:	É, fica difícil. teve ALGUM desses CONCEITOS dessas IDEIAS
069		que você tinha antes né >não necessariamente< preconceito
070		mas essa ideia que você tinha, é:: de alguma forma- algum
071		desses fo::i é:: refutado, algum desses você NÃO CONFIRMOU
072		na sua vivência com ela? digamos você falou que já tinha essa
073		ideia de que fosse um pouco MAIS ASSIM É:: <u>não</u> tão higiênico
074		né, tal e tal... isso foi confirmado na sua VIVÊNCIA assim né?
075	Isabela:	é

076	Rafaela:	no NOSSO ponto de vista. é
077	Isabela:	é, um jeito diferente de lidar com a higiene né?
078	Rafaela:	é
079	Isabela:	NO MÍNIMO assim (1,0) vamos ser POLITICAMENTE corretos
080	Rafaela:	uhum
081	Isabela:	hhh
082	Rafaela:	hhhh mas aí:: você teve alguma outra coisa que você pensou
083		>previamente< que NA VIVÊNCIA, na convivência com ela você
084		NÃO VERIFICOU?
085	Isabela:	(3,0) que eu me lembre? NÃO↓ essa coisa de- de não te::r-
086		ah↓(1,0) BARULHENTOS né? porque:: falam que os chineses
087		são MUITO barulhentos↓
088	Rafaela:	uhum
089	Isabela:	a Mariah NUNCA:: nunca:: foi barulhenta assim↓ mas ela é uma
090		ÓTIMA companhia de:: de apartamento↓ porque:: ela
091		ESTUDAVA↓ ela era SUPERTRANQUILA↓ não era de <ouvir
092		música> aí, né? sei lá <bagu::nça>
093	Rafaela:	perturbando e tal
094	Isabela:	é
095	Rafaela:	tinha algum outro conceito mais, alguma outra IDEIA que você
096		tinha antes de:: viver com ela? <acerca dos chineses né>, de uma
097		maneira geral
098	Isabela:	AHAM, é:: eu acho que o QUE EU- o que conhecia, o que os
099		MEUS amigos TINHAM me falado ou o que eu tinha OUVIDO
100		falar, era a questão da:: HIGIENE, a questão da:: (1,0) do barulho
101		né? A QUESTÃO DO:: (.) de <ser ou não FECHADO>, de ser ou
102		não aberto↓ eu NUNCA tinha pensado, porque:: (1,0) eu JÁ tive
103		contato assim <com ALEMÃO> que tem estereótipo muito-
104	Rafaela:	aham
105	Isabela:	num é↓ eles NÃO SÃO assim sabe? é um negócio
106		COMPLETAMENTE diferente, então isso NEM TINHA
107		PASSADO pela minha cabeça, pra ser bastante sincera, é:: (1,0)
108		>o que ME PREOCUPAVA< era a questão mesmo da::
109	Rafaela:	higiene
110	Isabela:	como é que a gente vai LIDAR com essa questão da higiene e do
111		barulho PORQUE:: eu gosto das coisas BEM limpinhas e eu NÃO
112		GOSTO muito de barulho hhhh
113	Rafaela:	hhh

114	Isabela:	então acho que era a ÚNICA assim hhhh preocupação que eu
115		tinha hhh é:: o QUARTO dela↓ era uma b- era uma <u>bagunça</u> , era
116		uma bagunça de um nível que eu nunca vi assim, de ter PAPEL
117		jogado no chão (1,0) de ter resto de COMIDA no chão (1,0) era
118		um negócio:: >muito BIZARRO< assim, mas ela deixava o quarto
119		FECHADO↓ nunca FEDEU nem nada hhhh

A organização narrativa do excerto 37, esquematizada no quadro a seguir, demonstrou mais posturas de reflexão, em que a participante Isabela busca se colocar na posição de Mariah, diferentemente do observado no excerto 35. Embora essas reflexões não tenham gerado um alinhamento de ações por parte da narradora e da personagem Mariah, a postura agentiva de Isabela evidenciou um maior esforço avaliativo em relação à comunicação intercultural, em comparação com a narrativa do excerto 35. A construção desse diálogo relatado é explicitada de forma ilustrativa no quadro a seguir:

Elementos Macro-discursivos	OR: Críticas negativas de outros colegas sobre hábitos de chineses; curiosidade para morar com alguém de outro país		
	Ações Complicadoras (AC)	EC: hábitos de asseio doméstico diferentes.	
		Reações (RE)	Psi: reflexão de Isabela de que seria um mundo completamente diferente Verb: respostas de Isabela às perguntas de Mariah Aç: compra de utensílios domésticos diferentes
	Avaliação (AV)	RES: Cada uma tinha seus próprios utensílios	
		Explícitas (E)	Autocorreção, pergunta retórica
		Implícitas (I)	Discurso reportado, modalização

Elementos Micro-discursivos	Aspectos linguísticos e paralinguísticos	Entonação, repetição, onomatopeia, elementos prosódicos, formas lexicais diminutivas
-----------------------------	--	--

A narrativa do excerto 37 cria situações de polarização em relação a hábitos típicos de brasileiros e de chineses, e direciona a argumentação no sentido de justificar esses comportamentos considerados essencialistas. Como solução, buscaram-se ações no sentido de mitigar as divergências irreconciliáveis. O discurso é, portanto, utilizado no sentido de ratificar percepções oriundas de simulacros culturais estanques.

Como elementos mais relevantes nessa construção narrativa, observou-se que, no momento da orientação (linhas 006 a 011), Isabela sinalizou segmentos avaliativos em que houve críticas negativas de outros colegas, relatando experiências que tiveram com chineses, mas isso não impactou tanto a entrevistada, pois ela estava ciente de que as experiências poderiam ser diferentes.

Como avaliação, houve a constatação de que os hábitos de asseio doméstico eram diferentes, o que desencadeou o conflito específico sobre a lavagem de utensílios domésticos, necessariamente realizada de modo distinto por cada uma, como relatado no trecho a seguir, nas linhas 035 a 042:

035	Isabela:	NÃO FOI (.) normal↓ ela não usava detergente pra lavar louça↓
036		porque ela achava que deter- aliás ela ACHA ainda↑óbvio↓ ela
037		me EXPLICOU que detergente faz muito mal <pra saúde> que é
038		um dos motivos para os chineses NÃO USAREM, >bla-bla-bla<,
039		toda uma tradição, é::
040	Rafaela:	mas não usava SABÃO↓ não usava NADA? assim [detergente é]
041	Isabela:	[não] eles usavam água QUENTE (.) e um PANINHO, é:: (2,0)
042		ENFIM↓ pra MIM isso era muito BIZARRO↓, e aí:: COMO a gente
043		tinha uma alimentação muito diferente↓ porque <u>basicamente</u> ela
044		cozinh- são comidas que são muito COZIDAS né? então você
045		pega o arroz os negócios e cozinha, ou faz o negócio na
046		FRIGIDEIRA↑ ela tinha as panelas especiais dela
047	Rafaela:	uhum
048	Isabela:	e eu tinha as MINHAS panelas que eu usava pra arroz↑ feijão↑
049		minhas coisas (.) ENTÃO é:: >CALHOU< de a gente ter os nossos
050		utensílios de cozinha separados↑

O não alinhamento dessa tarefa doméstica, como mencionado anteriormente, é bastante evidenciado na ponderação de Isabela de que se trata de “um mundo completamente diferente” (linha 062), que demonstra receio de assumir uma postura mais ativa, sob risco de importunar a colega de apartamento. Nesse sentido, Isabela parece considerar a cultura ocidental como *default* e o *modus operandi* oriental como marcado culturalmente, de forma bastante paradigmática, no sentido da perspectiva orientalista enunciada por Said (1990).

No entanto, tanto Isabela como Mariah construíram a negociação de forma equiparada, demonstrando compreender a alteridade da cultura do outro (linhas 019 e 020; linhas 024 a 027).

Essas negociações culminaram em uma reação de ação, em que houve a efetiva decisão de comprar utensílios diferentes, apontada nas linhas 049 e 050, quando ocorre a resolução do conflito. Essas negociações sempre eram relatadas mediante o uso de elementos de modalização, como recurso de avaliação interna, a exemplo de “BEM DELICADAMENTE” na linha 052. Como avaliação externa, Isabela fez uso de perguntas retóricas e autocorreção algumas vezes, para sinalizar uma postura de maior retidão conceitual, como explicitado nos trechos abaixo:

058	Rafaela:	mas vocês resolveram de uma maneira BEM pacífica assim né?
059		não gerou melindre pra nenhum dos lados né?
060	Isabela:	NÃO↑ porque NÃO FAZ sentido né Rafa?

(...)

077	Isabela:	é, um jeito diferente de lidar com a higiene né?
078	Rafaela:	é
079	Isabela:	NO MÍNIMO assim (1,0) vamos ser POLITICAMENTE corretos

Quanto aos elementos microdiscursivos, em relação aos aspectos linguísticos e paralinguísticos, foi marcado o uso de recursos de modulação da fala, assim como formas prosódicas aceleradas (>bla-bla-bla<) e desaceleradas (<admirada>), e formas lexicais diminutivas, como a palavra “paninho” na linha 041. As várias formas de modalização e avaliação, sejam explícitas ou implícitas, demonstram cuidado normativo por parte da narradora Isabela.

No excerto 37 analisado, conforme a narrativa relatada, prevalece a agência de Isabela como “mediadora” do conflito, dado que as decisões geralmente eram tomadas

por ela e discutidas com Mariah de forma a demonstrar compreensão da situação para ambos os lados. As diferenças, embora consideradas irreconciliáveis, não impossibilitou a negociação de procedimentos práticos, em um processo de co-construção narrativa permeado de modalização e de repetição, como demonstrado a seguir:

048	Isabela:	e eu tinha as MINHAS panelas que eu usava pra arroz↑ feijão↑
049		minhas coisas (.) ENTÃO é:: >CALHOU< de a gente ter os
050		nossos utensílios de cozinha separados↑
051	Rafaela:	uhum
052	Isabela:	e:: (1,0) e aí BEM DELICADAMENTE eu usava os meus↑ e ela
053		usava os dela↑ hhh porque eu achava estranho (.) né?

7.3

Padrões avaliativos

Nos excertos analisados, são observadas principalmente avaliações <na> narrativa e <por meio> da narrativa. De forma análoga ao que ocorreu no caso dos chineses entrevistados, os brasileiros participantes da pesquisa utilizaram repetição, elementos prosódicos e discurso relatado em suas narrativas, e também fizeram uso de bastante modalização para construir avaliações <na> narrativa.

No caso das repetições, houve retomada do adjetivo ‘envergonhada’ (Excerto 35, linhas 17 e 18) e da onomatopeia bla-bla-bla (Excerto 35, linha 054; Excerto 37, linha 009-010, 014, 038). Os discursos relatados e elementos prosódicos observados também apareceram nos dados quando a Isabela citava as falas de amigos (Excerto 35, linhas 035 a 040; Excerto 37, linhas 013-016, 098-110) e quando explicitava a própria reação em relação a hábitos diferenciados da chinesa com quem morava (Excerto 35, linhas 002, 003, 008, 027-028; Excerto 37, linhas 004, 009, 010, 027). Os elementos prosódicos foram particularmente bastante utilizados por Isabela durante toda a sua participação na pesquisa.

A preocupação em não gerar melindres, mediante o uso de elementos atenuadores na negociação quanto ao sentido construído na narrativa do excerto 37, também evidencia a existência de discurso de resistência, como uma refração à suposta diferenciação polarizada entre pessoas ocidentais e orientais. Dentre os

elementos atenuadores, pode-se citar a menção a ‘paninho’ (Excerto 37, linha 041) e ‘bem delicadamente’ (Excerto 37, linha 52).

A avaliação subentendida, que motivou formas de reação e de compreensão específicas, foi mormente ancorada na avaliação da narrativa (Cf. CORTAZZI & JIN, 2001), como evidenciado nas linhas 009 a 018:

009	Isabela:	e os meus amigos tinham falado um <MONTE de coisa>, bla-bla-
010		bla um monte <de besteira> né? (1,0) Que nem <u>coisa de</u>
011		<u>professor</u> sabe?
012	Rafaela:	uhum
013	Isabela:	que você vai pegar uma turma NOVA↓ aí vem TODOS os outros
014		professores falar “ah essa turma é uma PORCARIA bla-bla-bla” e
015		aí você não OUVI né? você ignora porque você sabe que pode
016		ser diferente (1,0) MA::S é:: algumas coisas claro eram verdade,
017		a questão da <higiene> assim, eles entendem higiene de um jeito
018		<u>completamente diferente</u> (.) do NOSSO↑

Ao comparar a percepção de outras pessoas sobre a cultura em questão, relativizar essas percepções, inclusive comparando com práticas docentes, foi projetada uma avaliação própria, em que se evidencia a constatação de um evento específico em sua interação com Mariah: o modelo de higiene diferenciado (linhas 062-065).

Neste sentido, a avaliação também ocorre <por meio> da narrativa, dado que se baseia em conhecimento compartilhado, autoavaliações e procedimentos meta-avaliativos, em que a entrevistada assume postura de negociação sobre o conceito em debate, a higiene. Assim, a escolha por reportar esse tema demonstra o esforço interacional da entrevistada para passar uma determinada imagem, particularmente de forma distópica entre o que seria a postura de chineses e de brasileiros (Excerto 37, linhas 017-022).

7.4

Elementos de simulacros culturais

Os Excertos 35 e 37 foram escolhidos por serem narrativas que demonstram posturas mais recorrentes assumidas pelos brasileiros entrevistados nesta pesquisa.

A análise desses dois excertos teve o intuito de abarcar o que foi mais recorrente nas entrevistas com brasileiros: o trabalho de face bastante marcado⁵³ em relação à cultura chinesa/oriental, também polarizada em relação à cultura brasileira/ocidental. A construção narrativa dos brasileiros demonstrou expectativa alta no concernente ao que seria esperado deles próprios, consoante um alinhamento deôntico quanto à atividade docente, seguida pela maioria dos entrevistados brasileiros. Dessa forma, a narrativa construída deixa transparecer certa postura de validação em relação ao que está sendo exposto por eles. Um dos entrevistados, Carlos, inclusive cita, no Excerto 12, que trabalhou com a perspectiva intercultural em sua dissertação, como uma forma de estabelecer um argumento de autoridade quanto à narrativa construída.

A narrativa do Excerto 37 aborda de maneira mais explícita a influência de simulacros culturais estanques, na medida em que contrapõe situações polarizadas, em relação a comportamentos tomados de forma essencialista como típicos de brasileiros e de chineses. Nesse espectro, uma postura paradigmática, consoante visão orientalista (SAID, 1990), guia a tomada de decisão para solucionar os conflitos, revelando como única solução o uso de utensílios separados, para preservar a relação amigável em ambiente doméstico.

A distância cultural é marcadamente polarizada, com escolha por relatos de situações que demarcam diferenças e não possíveis pontos de contato. A postura defensiva ocorre consoante um discurso de preservação da face do outro, com maior esforço avaliativo em relação à comunicação intercultural. Mesmo ao abordarem a experiência com chineses de forma positiva, a maioria dos entrevistados brasileiros tende a fazer ressalvas quanto à interação com outros chineses, deixando transparecer que o simulacro cultural ainda é bastante estanque, mesmo tendo havido experiência com posicionamento diferenciado. Isso é exemplificado no excerto 29, quando Gustavo chega a afirmar que a convivência positiva com os chineses chegou a ser uma “surpresa” para ele (linha 19), como reproduzido novamente abaixo:

004	Gustavo:	Pra mim (1,0) pra mim foi interessante porque:: (1,0) foi
005		uma::/uma:: meio que:: ELES se mostraram (.) de uma FORMA

⁵³ Cf. Biar (2012).

006		diferente do que eu >imaginava<, eu pensei que eles IAM ter
007		ma::is (1,0) meio que:: (1,0) estereotipicamente ASIÁTICAS↓
008		mas eles se mostraram pessoas MUITO MUITO MUITO cabeça
009		aberta, muito:: interessados na cultura <u>ocidental</u> , muito
010		interessados na cultura BRASILEIRA e:: em desenvolver essa
011		amizade e ESTAR EM CONTATO com outras culturas, então pra
012		mim foi MUITO interessante. Eu pensei que ELES, iam ser um
013		pouco mais FECHADOS, iam, NÃO iam entender muito bem,
014		algumas, coisas que PRA GENTE da: da: da:: pra gente do Brasil
015		(1,0) é meio que comum, então algumas coisas que a gente viu
016		mais próximas, aquela coisa mais calorosa, mas eles percebiam↓
017		e compreendiam↓ e achavam tudo muito interessante↓ e tinham
018		uma cabeça MUITO ABERTA em relação a isso, então pra mim
019		foi uma::, foi uma surpresa↓

Observou-se, assim, que o discurso de resistência verbalizado pelos brasileiros entrevistados teve a preocupação de projetar uma determinada imagem e foi baseado mormente em uma estratégia enunciativa de ressalvas.

Esse contraste essencialista também demarcado no discurso dos brasileiros indica distância cultural acentuadamente polarizada, em que os pontos de contato entre as culturas oriental e ocidental não foram salientados na narrativa enunciada.

8

Considerações Finais

Nesta tese, foi abordada a ocorrência de simulacros culturais estanques no discurso de um grupo de chineses e de um grupo de brasileiros, particularmente em relação à forma como os chineses são representados. Para tanto, foram analisadas a projeção identitária refratada no discurso de um grupo de chineses no Brasil, em relação à interação com brasileiros; e a projeção identitária refratada no discurso de um grupo de brasileiros, em relação à interação com chineses. Em especial, as análises tencionaram identificar recursos macro e microdiscursivos característicos do discurso de migrantes; classificar padrões avaliativos no discurso de chineses e de brasileiros, em narrativas sobre situação de migração; e categorizar elementos de simulacros culturais subjacentes às expressividades dialógicas enunciadas.

As discussões empreendidas foram organizadas em oito capítulos, que compreendem introdução, perfil de imigração chinesa no século XXI no Brasil, construção discursiva de narrativas, avaliação no discurso narrativo, procedimentos metodológicos, avaliação projetada no discurso do grupo de chineses, avaliação projetada no discurso do grupo de brasileiros e considerações finais.

Com base nas análises empreendidas, foi observado que as expectativas interculturais no momento da interação foram sobretudo decorrentes de simulacros culturais estanques (CAVAN, 2006; SAID, 1990), elementos que tendem a criar zonas de isolamento na interação entre pessoas brasileiras e chinesas, haja vista salientarem características negativas dessas culturas.

Como resultado, as expectativas interculturais enunciadas refletem e refratam posicionamentos acerca de uma cultura diversa. As identidades são refratadas pelo falante em decorrência do seu histórico de vida e percepções socialmente estanques, e não majoritariamente pela situação de interação. Por conseguinte, as expectativas também contribuíram mais significativamente para a negociação de situações comunicativas nas entrevistas realizadas como subsídios para esta tese, mais especificamente quanto à antecipação com o intuito de prevenir embates comunicativos decorrentes de diferenças culturais, como realizado por Isabela.

O discurso refratado ocorreu tanto quando os chineses falavam de si próprios quanto em situações em que os brasileiros falavam sobre os chineses. Em outras palavras, o simulacro de cultura está subjacente à avaliação de ambos os grupos estudados nesta tese. Para tanto, a análise do discurso do grupo de chineses foi considerada como ponto de partida para a compreensão dos simulacros culturais perpetuados socialmente. Na sequência, o discurso do grupo de brasileiros foi utilizado como aporte para corroborar essas expectativas sociais em relação à cultura chinesa, de maneira complementar para o entendimento da construção desse arcabouço cultural.

Como aporte metodológico para compreender essa projeção identitária, o modelo de Pastor & De Fina (2005) foi relevante para a constatação de elementos pertinentes a situações de interação de imigrantes, à luz de uma análise narrativa que preza a consideração de elementos estruturais como integrados à função de construção de significados situados socialmente (Cf. RIESSMAN, 2008). Nesse processo, ainda deve ser considerada a questão da tradução das entrevistas (LEWIS, 2016; DE FINA & TSENG, 2017), particularmente importante no caso de narrativas de migrantes, que tendem a estar em posição de maior vulnerabilidade e não necessariamente possui proficiência elevada no idioma utilizado durante a entrevista, geralmente o inglês, como no caso das entrevistas com chineses empreendidas nesta tese.

Os participantes brasileiros da pesquisa projetaram identidades relacionadas à sua própria experiência como pessoas que sempre viveram no mundo ocidental e que tinham a cultura oriental como algo mais distante, de difícil acesso. Essa expectativa foi projetada na vivência com as pessoas de origem chinesa, mesmo que não houvesse correspondência com base na interação em si, e os processos avaliativos (Cf. CORTAZZI & JIN, 2001) presentes na narrativa foram usados como recursos para corroborar posicionamentos baseados em simulacros culturais estanques.

Nos dados gerados para esta pesquisa, foram mais recorrentes os processos de avaliação <na> narrativa, com uso de recursos microdiscursivos de repetição e discurso reportado; e processos de avaliação <por meio> da narrativa, em que as escolhas temáticas dos participantes evidenciam expectativas de projeção identitária. Essas projeções, refletidas e refratadas no discurso, também se apoiam

em relações de assimetria, como no caso dos entrevistados chineses; e em relações de busca por simetria, como ocorre com os brasileiros.

Foram construídas argumentações distópicas em relação a costumes de brasileiros e de chineses, e concepção essencialista de que seriam “estilo de vida”. Nesse sentido, observa-se a dificuldade de desconstruir opiniões subjacentes, decorrentes de simulacros culturais estanques, na medida em que as posturas são interpretadas como um *modus operandi* específico de pessoas de um determinado país, seja do Ocidente ou do Oriente.

Em contraposição a esses simulacros culturais, os discursos de resistência construídos (EWICK & SILBEY, 2003) buscaram justamente antecipar essas perspectivas culturais, por meio de estratégias diferenciadas no caso dos participantes brasileiros e dos participantes chineses. Em relação ao discurso de resistência enunciado pelo grupo de chineses, foram identificados posicionamentos defensivos sustentados mediante postura assertiva, em que se tencionou, metacognitivamente, enaltecer a imagem de chineses.

Quanto ao discurso de resistência enunciado pelo grupo de brasileiros, ocorreu posição defensiva, mas por meio de posicionamento de ressalvas ao expressar certo conceito sobre os chineses, consoante o julgado “politicamente correto”. Assim, observou-se, mais marcadamente, discurso de preservação de face em relação aos chineses e também em relação à interação comigo na situação de pesquisa.

Além das estratégias enunciativas propriamente ditas, de enaltecimento e de ressalvas, o discurso de resistência empreendido por chineses e por brasileiros evidenciou expectativa alta, com carga deôntica mais expressiva no caso dos brasileiros, trabalho de face bastante marcado principalmente no caso dos chineses e esforço metacognitivo de ambos os grupos participantes.

A abordagem paradigmática de contraposição cultural apõe óbices à interação entre brasileiros e chineses, pois tende a projetar identidades antagônicas, que oferecem, de partida, bastante resistência no contexto interacional. Nesse sentido, os resultados obtidos nesta tese apontam para a necessidade de refletir sobre as interações interculturais, particularmente entre brasileiros e chineses, uma vez que há propagação de posturas essencialistas.

Embora as análises empreendidas nesta tese tenham buscado abarcar uma pluralidade de fatores culturais que contribuem para a co-construção de sentidos em

uma interação, esses fatores não fazem parte de um rol taxativo. Não houve, por exemplo, ênfase na análise de elementos de ordem pragmática, assim como de outras variáveis co-relacionadas. Considera-se, assim, que as análises empreendidas neste trabalho não são exaustivas, haja vista não ser possível abarcar, de forma objetiva, a complexidade inerente às interações linguísticas, particularmente no tocante às imbricações interculturais.

REFERÊNCIAS

- ASH, T. G. Britain will have its second referendum – at the EU elections on 23 May. **The Guardian**, Londres, 18 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/apr/18/european-elections-second-brexit-referendum-vote-register>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- BAKHTIN, M. M. The dialogic imagination: four essays. In: EMERSON, C.; HOLQUIST, M. (Eds). **Trans.** Austin: University of Texas Press, 1981.
- BAMBERG, M. Positioning between structure and performance. **Journal of Narrative and Life History**, n. 7, p. 335-342, 1997.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text & Talk**, v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.
- BASTOS, L. C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.
- _____. **Diante do sofrimento do outro** – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. **Caleidoscópio**, v. 6, n. 2, p. 76-85, mai/ago 2008.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA** [online], vol.31, n.spe, p. 97-126, 2015.
- BAYNHAM, M. (2006). Performing self, family and community in Moroccan narratives of migration and settlement. In: DE FINA A.; SCHIFFRIN D.; BAMBERG M. (Eds.). **Discourse and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 376–397
- BIAR, L. de A. **Realmente as autoridades veio a me transformar nisso:** narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. 2012. 246 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- _____. Desvio e estigma: caminhos para uma análise discursiva. **Calidoscópio**, v. 13, n. 1, p. 113-121, jan/abr 2015.
- BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Situar a língua(gem)**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 91-115.
- BLOMMAERT, J.; DONG, J. After fieldwork. In: BLOMMAERT, J.; DONG, J. **Ethnographic Fieldwork: a beginner's guide**. Bristol: Multilingual matters, 2010.
- BOURDIEU, P. **The field of cultural production: essays on art and literature**. New York: Columbia University Press, 1993.
- BRASIL. **Câmara dos Deputados**. Sessão solene homenageia imigração chinesa no Brasil. Brasília, DF, 14 ago. 2017. Seção Relações Exteriores. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/RELACOES-EXTERIORES/539042-SESSAO-SOLENE-HOMENAGEIA-IMIGRACAO-CHINESA-NO-BRASIL.html>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- _____. **Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e serviços**. Balança comercial: estatísticas de comércio exterior. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- BRIGGS, C. Anthropology, interviewing and communicability in contemporary society. **Current Anthropology**, v. 48, n. 4, 2007.
- BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

- CARGER, C. The art of narrative inquiry: embracing emotion and seeing transformation. In: PHILLION, J.; CONNELLY, M.F. HE, & F.M. (Eds.). **Narrative and experience in multicultural education**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005. p. 231-246
- CARRANZA, I. Truth and authorship in textual trajectories. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINA, A.; NYLUND, A. (Eds.). **Telling Stories: language, narrative and social life**. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2010.
- CAVAN, J. S. **A cross-cultural narrative inquiry into language, culture, and identity development of three high school female immigrant students and their mainstream schooling experience in Atlanta, Georgia**. 2016. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) – Georgia Southern University, Georgia, Estados Unidos, 2006.
- CEDERBERG, M. Public discourses and migrant stories of integration and inequality: language and power in biographical narratives. **Sociology**, v. 48, n. 1, 2014, p. 133–149.
- CHANG-SHENG, S. RJ recebeu os primeiros imigrantes chineses. **O Estrangeiro**. 2012. Disponível em: <<https://oestrangeiro.org/2012/04/12/chineses-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- CLANDININ, D., & CONNELLY, F.M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- CLIFFORD, J.; MARCUS G. E. (Eds.). **Writing Culture: the poetics and politics of ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.
- CORTAZZI, M.; JIN, L. Evaluating Evaluation in Narrative. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 102-120.
- CRESWELL, J. **Qualitative, quantitative and mixed methods approaches**. Thousands Oaks: Sage, 2003.
- CUMMINGS, P. J. ; WOLF, Hans-Georg. **A Dictionary of Hong Kong English: words from the fragrant harbour**. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2011. 283 p.
- CZEPULA, K. Os indesejáveis chins: a imigração chinesa nas páginas do jornal a Gazeta de Notícias (1879). In: XXIII Encontro Regional de História da ANPUH-SP, 2016, Assis. **Anais do XXIII Encontro Regional de História da ANPUH-SP**. São Paulo: ANPUH-SP, 2016. p. 1-13.
- DE FINA, A. **Identity in Narrative: a study of immigrant discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- _____; TSENG, A. Narrative in the study of migrants. In: CANAGARAJAH, S. **The Routledge handbook of migration and language**. New York: Routledge, 2017.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DYATLOV, V. Chinese Migrants and Anti-Chinese Sentiments in Russian Society. In: BILLÉ, F.; DELAPLACE, G.; HUMPHREY, C. (Eds.). **Frontier Encounters: knowledge and practice at the Russian, Chinese and Mongolian border**. Open Book Publishers, 2012. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/j.ctt5vjss5.8>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- DYER, J.; KELLER-COHEN, D. The discursive construction of professional self through narratives of personal experience. **Discourse Studies**, v. 2, n. 3, 2000.

- ESTADOS UNIDOS. **Voice of America**. China Invites Latin America to Take Part in 'One Belt, One Road'. 22 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.voanews.com/a/china-invites-latin-america-to-take-part-in-one-belt-one-road-/4219793.html>>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- EWICK, P.; SILBEY, S. Narrating social structures: stories of resistance to Legal Authority. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 108, n. 96, 2003.
- FENG, E.; PILLING, D. The other side of Chinese investment in Africa. **The Financial Times**, Londres, 27 mar 2019. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/9f5736d8-14e1-11e9-a581-4ff78404524e>>. Acesso em: 25 abr. 2019.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **China acelera plano de expansão no Brasil e na América Latina**. São Paulo. 1 fev 2018. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/02/1954899-china-acelera-plano-de-expansao-no-brasil-e-na-america-latina.shtml>>. Acesso em: 30 fev. 2018.
- GARCEZ, P.M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L.L.; JUNG, N. (Eds.). **Fala-em-interação social: uma introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.
- GEERTZ, C. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.
- GREENE, M. **Releasing the imagination: essays on education, the arts, and social change**. San Francisco: Jossey-Bass, 1995.
- GEORGAKOPOULOU, A. Small stories and social media practices: narrative stancetaking and circulation in a Greek news story. **Sociolinguística**, v. 27, 2013.
- GOFFMAN, E. _____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963.
- _____. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GOLDBERG, A.; LANZA, E. Metaphors of culture: identity construction in migrants' narrative discourse. **Intercultural Pragmatics**, v. 10, n. 2, 2013, p. 295–314.
- GRUMET, M. The politics of personal knowledge. In: WITHERELL, C; NODDINGS, N. (Eds.). **Stories lives tell: narrative and dialogue in education**. New York: Teachers College Press, 1991. p. 67-78.
- GUMPERZ, J. Contextualization conventions. In: _____. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. 225 p.
- _____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. [Orgs.]. **Sociolinguística interacional**. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2002[1982]. p. 183-214.
- HARTIG, F. **Chinese public diplomacy: the rise of the Confucius Institute**. Londres: Routledge, 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do século XX: período entre 1901 e 2000**. Brasília[?]: IBGE, 2003. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/pdf/29092003estatisticasecxx.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- JACQUEMET, M. The registration interview. Restricting refugees' narrative performances. In: BAYNHAM, M.; DE FINA, A. (Orgs.). **Dislocations/relocations. Narratives of Displacement**. Manchester, UK: St. Jerome, 2005.

- JILBERTO, A. E. F.; HOGENBOOM, B. Latin America and China: south-south relations in a new era. In: _____. (Eds.). **Latin America Facing China: South-South Relations beyond the Washington Consensus**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2012[2010].
- KIPLING, R. **Verse**. Garden City, Nova York: Doubleday & Co., 1954.
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: _____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972. p. 354-395.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle and London: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.
- LEE, J. **Asian migrant women's identity negotiation as language learners: significant events towards imagined identities**. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade de Waikato, Hamilton, Nova Zelândia, 2016.
- LEWIS, E. S. **Acho que isso foi bastante macho para ela: reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de pegging**. 2016. 333 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- LI, H.; LOYALKA, P.; ROZELLE, S.; WU, B. Human Capital and China's Future Growth. **The journal of economic perspectives**, American Economic Association, v. 31, n. 1 (Winter 2017), p. 25-47. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/44133949>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- LUKE, C.; LUKE, A. Theorizing interracial families and hybrid identity: an Australian perspective. **Educational Theory**, v. 49, n. 2, 1999, p. 223-249.
- MCKINSEY GLOBAL INSTITUTE. **People on the move: global migration's impact and opportunity**. Dezembro de 2016. Disponível em: <<http://www.integrazionemigranti.gov.it/Documenti-e-ricerche/MGI-People-on-the-Move-Full-report.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- MINAYO, C. Amostragem e saturação. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, abr. 2017, p. 1-12.
- MISHLER, E. Research Interview as speech events. In: MISHLER, E. **Research Interviewing: context and narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- _____. Studying the lives and work of craftartists: identity and narrative. In: _____. **Storylines: craftartists' narratives of identity**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NYE, J. Wielding Soft Power. In: _____. **Soft Power: the means to success in world politics**. New York: PublicAffairs, 2004. Disponível em: <https://www.belfercenter.org/sites/default/files/legacy/files/joe_nye_wielding_soft_power.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2019.
- NORRICK, N. Contextualizing and recontextualizing interlaced stories in conversation. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. **The sociolinguistics of Narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- NYE JR., J. S. **Soft Power: the means to success in world politics**, Nova York: Public Affairs, 2004.
- OCHS, E; CAPPS, L. Narrating the Self. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 25, 1996, p. 19-43.

OLIVEIRA, T. **Educação e ascensão social: performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense**. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PASTOR, A. M. R.; DE FINA, A. Contesting social place: narratives of language conflict. In: BAYNHAM, M.; DE FINA, A. (Eds.). **Dislocation/Relocations**. Narratives of Displacement. Manchester, UK: St Jerome, 2005.

PEW RESEARCH CENTER. **Origins and Destinations of the World's Migrants, 1990-2017**. Disponível em: <<https://www.pewglobal.org/2018/02/28/global-migrant-stocks/?country=BR&date=2017>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

PINTO, A. E. de S. Nova onda de imigrantes chineses movimentam empresas e negócios em São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2017/04/1879476-nova-onda-de-imigrantes-chineses-movimentam-empresas-e-negocios-em-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

POPULATION PYRAMID. **Population Pyramids of the World from 1950 to 2100**. Germany. 2019a. Disponível em: <www.populationpyramid.net>. Acesso em: 10 jan 2019.

_____. **Population Pyramids of the World from 1950 to 2100**. Germany. Sweden. 2019b. Disponível em: <www.populationpyramid.net>. Acesso em: 10 jan 2019.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

RIBEIRO, E. T. **Diplomacia cultural: seu papel na política externa brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

RIBEIRO, R. **O ensino de línguas estrangeiras como ferramenta de soft power e estratégia de política externa**. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RICHARDS, K. Working towards common understanding: collaborative interaction in staffroom stories. **Text**, v. 19, n. 1, 1999.

RICHARDSON, L. **Fields of play: constructing an academic life**. New Brunswick. NJ: Rutgers University Press, 1997.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Analysis**. Newbury Park: Sage, 1993.

_____. Looking back, looking forward. In: _____. **Narrative Methods for Human Sciences**. Los Angeles: Sage, 2008. p. 1-18.

ROMEI, V.; REED, J. The Asian century is set to begin. *The Financial Times*, Londres, 25 mar 2019. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/520cb6f6-2958-11e9-a5ab-ff8ef2b976c7>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

ROSA, B.; ORDONEZ, R. Chineses planejam investir pelo menos R\$ 32 bi no Rio. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 jul 2017. Caderno Economia. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/chineses-planejam-investir-pelo-menos-32-bi-no-rio-21598090>>. Acesso em: 07 mar 2018.

SABBAGH, D. How May miscalculated the Brexit numbers game. **The Guardian**. 16 abr. 2019. Londres. Disponível em:

- <<https://www.theguardian.com/politics/2019/apr/16/how-may-miscalculated-the-brexit-numbers-game>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANDMEYER, E. C. **The anti-chinese movement in California**. Urbana and Chicago (IL): University of Illinois Press, 1991.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- _____. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI** (em colaboração com Maria Laura Silveira). Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- _____; SILVEIRA, M. L.; SOUZA, M. A. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.
- SCHIEFFELIN, B. B. **The give and take of everyday life**. New York: Cambridge University Press, 1990.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SIMMEL, G. 1973 [1903]. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- SIMONS, H. PIPER, H. Questões éticas na geração de conhecimento público. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. **Teoria e métodos de Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SOLOW, R. M. A contribution to the theory of economic growth. **The Quarterly Journal of Economics**, Oxford, v. 70, n. 1, fev. 1956, p. 65-94.
- TANNEN, D.; e WALLAT, C. Esquemas interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 183-214.
- TEUN VAN DIJK, T. A. Stories and racism. In: MUMBY D. (Ed.). **Narrative and Social Control: critical perspectives**. Thousand Oaks and London: SAGE, 1993. p. 121-142.
- TEODORO, E. Governo formaliza parceria com a China para construção de ferrovia. **Governo do Mato Grosso**. Cuiabá, MT, 15 set 2016. Disponível em: <<http://www.mt.gov.br/-/4963257-governo-formaliza-parceria-com-a-china-para-construcao-de-ferrovia>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Intercultural Competences: conceptual and operational framework**. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002197/219768e.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- UNITED NATIONS. **International Migration Report 2015 [highlights]**. New York: UN, 2016. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2015_Highlights.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- USHER, R. Deconstructive happening, ethical moment. In: SIMONS, H. & USHER, R. (Orgs.). **Situated Ethics in Educational Research**. Londres: Routledge/Falmer, 2000. p. 162-185.
- VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- XIANG, B. **Emigration trends and policies in China**: movement of the wealthy and highly skilled. Washington, DC: Migration Policy Institute, fev. 2016.
- WALTER, R. **Afro-América**: diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.
- WIKIPEDIA. **Institut Français**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Institut_Fran%C3%A7ais>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- WIKIPEDIA. **Modelo de Solow**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Modelo_de_Solow>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- WINKIN, Y. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papirus, 1998.
- WODAK, R. **Re/inventing Nationalism and National Identities**. Lancaster, UK: Lancaster University, 2012.
- _____. Fortress Europe? – Unity in diversity. **The Discursive Construction of the “The Stranger”**. Washington D.C.: Georgetown University, 2014.
- WOLF, H.-G.; POLZENHAGEN, F. Cognitive Sociolinguistics in L2-variety dictionaries of English. In: PUTZ, M.; ROBINSON, J. A.; REIF, M. (Org.). **Cognitive Sociolinguistics**: social and cultural variation in cognition and language use. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014. p.133-160.
- WORTHOM, S.; RHODES, C. Narrative across speech events. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. (Eds.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Malden (MA): John Wiley & Sons Inc, 2015.
- ZETTER, R. Labelling Refugees: forming and transforming a bureaucratic identity. **Journal of Refugee Studies**, v. 4, n. 1, 1991, p.39-62.
- _____. More Labels, Fewer Refugees: remaking the refugee label in an era of globalization. **Journal of Refugee Studies**, v. 20, n. 2, 2007, p. 172-192.
- ZONG, B. J.; BATALOVA, J. Chinese Immigrants in the United States. **Migration Policy Institute**, 29 set. 2017. Disponível em: <<https://www.migrationpolicy.org/article/chinese-immigrants-united-states>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

GLOSSÁRIO

Bônus demográfico	Período em que o país possui a maioria da população em idade economicamente ativa (PEA).
Aportes de cognição expandida	Interpretações também baseadas em dados anteriores.
<i>Brain drain</i>	Movimento de atração de trabalhadores mais qualificados provenientes de outros países, com políticas mais favoráveis.
Capital	Insumo econômico que pode ser de natureza financeira (investimento), tecnológica (parques industriais), natural (recursos) ou humana (pessoas capacitadas).
Deôntico	Expressão motivada pela percepção de dever moral, mormente relativa a atividades profissionais ou normas tacitamente reconhecidas.
Estigma	Percepção estanke pejorativa sobre uma determinada cultura.
Equilíbrio de variáveis	Conceito da economia que corresponde ao ponto ótimo entre a quantidade de oferta e a quantidade de demanda, em que a firma obterá o lucro máximo correspondente ao volume de negócios no referido ponto ótimo.
Discurso refratado	Espaço identitário definido na interlocução que sofreu modificações conforme a percepção internalizada ou externalizada do interlocutor.
Expressividade dialógica	Instâncias de posicionamento identitário de um falante.
Glocalidade	Conceito de Santos (2006) segundo o qual a cultural local e a cultura global são consideradas parte de um <i>continuum</i> . Em outras palavras, o espaço geográfico local está imbricado de aspectos globalizados, assim como o espaço global compartilha particularidades integralizadas conforme a vivência em pequenos recortes de espaço geográfico situados nessa rede global.
Meio técnico-científico-informacional	Conceito de Santos (1997 e 2001) que define uma espécie de construção do espaço geográfico que agrega transformações da natureza, no sentido de que as pessoas não mais precisam pertencer a um lócus determinado, mas apenas estar conectadas a uma rede de comunicações que permita o intercâmbio de produtos e outros fatores, inclusive com diminuição dos custos operacionais.
Modelo macrodiscursivo	Nesta tese, segmentação proposta para o modelo de Pastor & De Fina (2005), com detalhamento de elementos agrupados em três blocos principais: orientação, ações complicadoras e avaliação.
Modelo microdiscursivo	Nesta tese, segmentação proposta para o modelo de Pastor & De Fina (2005), com detalhamento de elementos linguísticos e paralinguísticos.

Projeção de identidade	Elementos refratados e materializados pela expressão de agência em uma narrativa, isto é, pela intenção de projetar um sentido determinado em função de supostas expectativas do interlocutor.
Refração	Imagens refratadas, alinhadas à ideia bakhtiniana de que o sujeito entende sua própria identidade conforme a interpretação que tem do outro, isto é, como o outro compreende ou viria a compreender o seu discurso. Como resultado, a avaliação, mediante discurso politicamente correto ou retificações, constitui-se elemento motivador importante para a projeção de identidades.
Simulacro de cultura	Projeção de uma identidade como sendo antagônica ou contrapondo-se a determinadas características de uma outra cultura, embora com poucos subsídios para embasamento.
<i>Small talk</i>	Conversa introdutória, apenas com o fim de manter um primeiro contato com o interlocutor, muitas vezes desconhecido.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (participação voluntária)

Solicitamos a autorização para utilizar os dados na pesquisa intitulada **“PROJEÇÃO IDENTITÁRIA REFRATADA DE CHINESES E DE BRASILEIROS: expressividades dialógicas decorrentes de cruzamento intercultural”**, realizada pela pesquisadora responsável Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto, durante o Doutorado em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). **Os referidos dados serão utilizados em publicações acadêmicas e comunicações em congressos acadêmicos.**

OBJETIVO DO ESTUDO: A pesquisa visa analisar a alteridade existente em discursos de grupos de migrantes no Brasil e de brasileiros que interagem cotidianamente com esses grupos, a fim de promover reflexão acerca do fazer discursivo e sobre como as diferentes percepções sobre migrantes poderiam ser equalizadas.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO: Será gravada, em áudio, em formato .mp4, uma entrevista de cerca de uma hora de duração. Haverá posterior transcrição dessas entrevistas e apreciação de seu conteúdo discursivo. Conforme previsto na Resolução CNS nº. 466, de 12 de dezembro de 2012, e na Resolução 510, de 7 de abril de 2016, os dados serão mantidos sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora, **arquivados apenas em seu computador, em sua residência, na cidade do Rio de Janeiro. Caso seja (ou venha a ser, no futuro) de interesse dos participantes da pesquisa, os dados serão destruídos.** Ao aceitar participar da pesquisa, a participante deverá assinar este termo, em duas vias: uma via será guardada pela pesquisadora e outra via ficará com o participante.

BENEFÍCIOS DO ESTUDO: Os resultados a serem obtidos nesta pesquisa buscam **promover reflexão** sobre eventuais vulnerabilidades sociais dos grupos pesquisados e **analisar as possibilidades de incorporação desses grupos à sociedade brasileira, de maneira mais fluida.** Acreditamos que esta pesquisa trará benefícios para todos os envolvidos, além de ser importante para indicar caminhos socioculturais e sociopolíticos possíveis para desconstruir estigmas e estereótipos de grupos de migrantes.

EVENTUAIS RISCOS DA PESQUISA: A aplicação do projeto pode eventualmente suscitar risco de constrangimento, caso se sintam invadidos em sua privacidade.

Contudo, em se considerando que as narrativas são relatos de fatos pessoais, sem efeito vinculante (isto é, sem constituir atividades obrigatórias, escolares, etc), **a escolha pela participação – ou não – das gravações e das demais etapas de geração de dados é absolutamente facultativa, podendo haver desistência a qualquer momento.**

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: A participante terá direito a realizar perguntas e respostas sempre que julgar necessário, assim como retirar seu consentimento sem nenhum prejuízo de sua parte. Além disso, **não haverá custos nem remuneração para os participantes.** Não serão divulgados dados de identificação dos voluntários envolvidos no presente estudo. A pesquisadora responsável compromete-se a suspender a pesquisa em caso de risco ou dano aos participantes.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Caso algum esclarecimento adicional se faça necessário, entrar em contato com Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto (pesquisadora), por meio dos telefones (21) xxxxx xxxx e (21) xxxx xxxx, ou pelo e-mail xxxxx@gmail.com; com Liana de Andrade Biar (orientadora), por meio do telefone (21) xxxxx xxxx ou pelo e-mail xxxxx@gmail.com; ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq-PUC-Rio), por meio do telefone (21) xxxx xxxx.

OBSERVAÇÃO: Conforme previsto na Resolução CNS nº. 466, de 12 de dezembro de 2012, e na Resolução 510, de 7 de abril de 2016, os dados obtidos para a pesquisa serão armazenados por 5 (cinco) anos, período após o qual serão descartados.

Eu, _____ Identidade _____,

li e entendi o exposto acima. Autorizo a utilização dos dados obtidos na pesquisa para a elaboração deste trabalho

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2018.

Participante e/ou Responsável _____

Pesquisador _____

Testemunhas

1 _____

2 _____

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM BRASILEIROS

DISCLAIMER

Depois será enviado um **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, para autorização de utilização dos dados da entrevista para fins de pesquisa (congressos e publicações).

As informações serão utilizadas de **forma anônima**.

A qualquer momento, se você **desistir da autorização**, você pode solicitar que **os dados sejam destruídos**.

Para deixar registrado:

Você autoriza que os dados desta entrevista sejam utilizados para fins de pesquisa (congressos e publicações), de forma anônima?

ENTREVISTA COM BRASILEIROS (QUE VIVERAM COM CHINESES)

- 1 Como foi o seu primeiro contato com uma pessoa chinesa?
- 2 Como foi esse tempo que você conviveu com ela(s)? Em que cidade? Houve algum processo de escolha específico dessa pessoa?
- 3 Você tinha algum conceito pré-concebido acerca de chineses? Qual(is)? De que forma você acha que internalizou esses conceitos?
- 4 Nessa experiência, algum desses conceitos foi confirmado ou refutado? De que forma?
- 5 De que forma você avalia a sua experiência com ela(s)?
- 6 Como você avalia que essa pessoa era vista entre seus pares (colegas, amigos ou outras pessoas em comum)?
- 7 Você moraria com uma pessoa chinesa novamente? Por quê?
- 8 Hoje, como você avalia a participação de chineses em escala nacional e/ou global?
- 9 Você gostaria de fazer algum outro comentário?

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM CHINESES

DISCLAIMER

I will be sending an Authorization Letter later, just to have a formal document to authorize the publication of this data for research purposes (congresses and publications)

All the information will be used in an anonymous way.

At any moment, in case you want to **give up on this authorization**, you can request that **the data you provided be destroyed**.

Just for the record:

Do you authorize the use of the data provided in this interview to be used for research purposes (congresses and publications) anonymously?

INTERVIEW WITH CHINESE PEOPLE

1 When did you move to Brazil? (or) When was your first trip to Brazil? How was your experience? Did you have any sort of conflict or emotional experience?

2 Where did you move? Why did you choose this city?

3 How long did you live there?

3 Do you or did you live with Brazilians? What was your impression on dealing with Brazilians?

4 Did you have any previous idea of what a Brazilian would be like or what Brazil would be like? Which previous idea(s)? Why did you think that way [where were those ideas conveyed]?

5 Was this previous idea somehow confirmed or refuted (not verified)? How?

6 Have you ever faced an unexpected or uncomfortable situation during your staying in Brazil? What happened?

7 What was the most interesting thing in your experience in Brazil?

8 Would you live in Brazil again [or do you wish to stay longer in Brazil]? Why?

9 How do you evaluate the Chinese influence in Brazil and worldwide nowadays? 10 Would you like to make any other commentary?

ANEXOS

ANEXO A

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<u>sublinhado</u>	ênfase
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	palavra em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada, reconstrução de um diálogo
hh	aspiração ou riso
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação

Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).

ANEXO B**RESOLUÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS)
Nº. 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012****RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012**

O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua 240ª Reunião Ordinária, realizada nos dias 11 e 12 de dezembro de 2012, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, e

Considerando o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos;

Considerando o desenvolvimento e o engajamento ético, que é inerente ao desenvolvimento científico e tecnológico;

Considerando o progresso da ciência e da tecnologia, que desvendou outra percepção da vida, dos modos de vida, com reflexos não apenas na concepção e no prolongamento da vida humana, como nos hábitos, na cultura, no comportamento do ser humano nos meios reais e virtuais disponíveis e que se alteram e inovam em ritmo acelerado e contínuo;

Considerando o progresso da ciência e da tecnologia, que deve implicar em benefícios, atuais e potenciais para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, nacional e universal, possibilitando a promoção do bem-estar e da qualidade de vida e promovendo a defesa e preservação do meio ambiente, para as presentes e futuras gerações;

Considerando as questões de ordem ética suscitadas pelo progresso e pelo avanço da ciência e da tecnologia, enraizados em todas as áreas do conhecimento humano;

Considerando que todo o progresso e seu avanço devem, sempre, respeitar a dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano;

Considerando os documentos que constituem os pilares do reconhecimento e da afirmação da dignidade, da liberdade e da autonomia do ser humano, como o Código de Nuremberg, de 1947, e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948;

Considerando os documentos internacionais recentes, reflexo das grandes descobertas científicas e tecnológicas dos séculos XX e XXI, em especial a Declaração de Helsinque, adotada em 1964 e suas versões de 1975, 1983, 1989, 1996 e 2000; o Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, de 1966; o Pacto Internacional sobre os Direitos Cíveis e Políticos, de 1966; a Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos, de 1997; a Declaração Internacional sobre os Dados Genéticos Humanos, de 2003; e a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, de 2004;

Considerando a Constituição Federal da República Federativa do Brasil, cujos objetivos e fundamentos da soberania, da cidadania, da dignidade da pessoa humana, dos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e do pluralismo político e os objetivos de construir uma sociedade livre, justa e solidária, de garantir o desenvolvimento nacional, de erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais e de promover o bem de todos, sem qualquer tipo

de preconceito, ou de discriminação coadunam-se com os documentos internacionais sobre ética, direitos humanos e desenvolvimento;

Considerando a legislação brasileira correlata e pertinente; e

Considerando o disposto na Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que impõe revisões periódicas a ela, conforme necessidades nas áreas tecnocientífica e ética, resolve:

Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos:

I - DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

A presente Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado.

Projetos de pesquisa envolvendo seres humanos deverão atender a esta Resolução.

II - DOS TERMOS E DEFINIÇÕES

A presente Resolução adota as seguintes definições:

II.1 - achados da pesquisa - fatos ou informações encontrados pelo pesquisador no decorrer da pesquisa e que sejam considerados de relevância para os participantes ou comunidades participantes;

II.2 - assentimento livre e esclarecido - anuência do participante da pesquisa, criança, adolescente ou legalmente incapaz, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação. Tais participantes devem ser esclarecidos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades;

II.3 - assistência ao participante da pesquisa:

II.3.1 - assistência imediata - é aquela emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite; e

II.3.2 - assistência integral - é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa;

II.4 - benefícios da pesquisa - proveito direto ou indireto, imediato ou posterior, auferido pelo participante e/ou sua comunidade em decorrência de sua participação na pesquisa;

II.5 - consentimento livre e esclarecido - anuência do participante da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após esclarecimento completo e pormenorizado sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar;

II.6 - dano associado ou decorrente da pesquisa - agravo imediato ou posterior, direto ou indireto, ao indivíduo ou à coletividade, decorrente da pesquisa;

II.7 - indenização - cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa;

II.8 - instituição proponente de pesquisa - organização, pública ou privada, legitimamente constituída e habilitada, à qual o pesquisador responsável está vinculado;

II.9 - instituição coparticipante de pesquisa - organização, pública ou privada, legitimamente constituída e habilitada, na qual alguma das fases ou etapas da pesquisa se desenvolve;

II.10 - participante da pesquisa - indivíduo que, de forma esclarecida e voluntária, ou sob o esclarecimento e autorização de seu(s) responsável(is) legal(is), aceita ser pesquisado. A participação deve se dar de forma gratuita, ressalvadas as pesquisas clínicas de Fase I ou de bioequivalência;

II.11 - patrocinador - pessoa física ou jurídica, pública ou privada que apoia a pesquisa, mediante ações de financiamento, infraestrutura, recursos humanos ou apoio institucional;

II.12 - pesquisa - processo formal e sistemático que visa à produção, ao avanço do conhecimento e/ou à obtenção de respostas para problemas mediante emprego de método científico;

II.13 - pesquisa em reprodução humana - pesquisas que se ocupam com o funcionamento do aparelho reprodutor, procriação e fatores que afetam a saúde reprodutiva de humanos, sendo que nesses estudos serão considerados "participantes da pesquisa" todos os que forem afetados pelos procedimentos dela;

II.14 - pesquisa envolvendo seres humanos - pesquisa que, individual ou coletivamente, tenha como participante o ser humano, em sua totalidade ou partes dele, e o envolva de forma direta ou indireta, incluindo o manejo de seus dados, informações ou materiais biológicos;

II.15 - pesquisador - membro da equipe de pesquisa, corresponsável pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa;

II.16 - pesquisador responsável - pessoa responsável pela coordenação da pesquisa e corresponsável pela integridade e bemestar dos participantes da pesquisa;

II.17 - protocolo de pesquisa - conjunto de documentos contemplando a descrição da pesquisa em seus aspectos fundamentais e as informações relativas ao participante da pesquisa, à qualificação dos pesquisadores e a todas as instâncias responsáveis;

II.18 - provimento material prévio - compensação material, exclusivamente para despesas de transporte e alimentação do participante e seus acompanhantes, quando necessário, anterior à participação deste na pesquisa;

II.19 - relatório final - é aquele apresentado após o encerramento da pesquisa, totalizando seus resultados;

II.20 - relatório parcial - é aquele apresentado durante a pesquisa demonstrando fatos relevantes e resultados parciais de seu desenvolvimento;

II.21 - ressarcimento - compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação;

II.22 - risco da pesquisa - possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente;

II.23 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, devendo conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar;

II.24 - Termo de Assentimento - documento elaborado em linguagem acessível para os menores ou para os legalmente incapazes, por meio do qual, após os participantes da pesquisa serem devidamente esclarecidos, explicitarão sua anuência em participar da pesquisa, sem prejuízo do consentimento de seus responsáveis legais; e

II.25 - vulnerabilidade - estado de pessoas ou grupos que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida ou impedida, ou de qualquer forma estejam impedidos de opor resistência, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido.

III - DOS ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

As pesquisas envolvendo seres humanos devem atender aos fundamentos éticos e científicos pertinentes.

III.1 - A eticidade da pesquisa implica em:

a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;

b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;

c) garantia de que danos previsíveis serão evitados; e

d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

III.2 - As pesquisas, em qualquer área do conhecimento envolvendo seres humanos, deverão observar as seguintes exigências:

a) ser adequada aos princípios científicos que a justifiquem e com possibilidades concretas de responder a incertezas;

b) estar fundamentada em fatos científicos, experimentação prévia e/ou pressupostos adequados à área específica da pesquisa;

c) ser realizada somente quando o conhecimento que se pretende obter não possa ser obtido por outro meio;

d) buscar sempre que prevaleçam os benefícios esperados sobre os riscos e/ou desconfortos previsíveis;

e) utilizar os métodos adequados para responder às questões estudadas, especificando-os, seja a pesquisa qualitativa, quantitativa ou quali-quantitativa;

f) se houver necessidade de distribuição aleatória dos participantes da pesquisa em grupos experimentais e de controle, assegurar que, a priori, não seja possível estabelecer as vantagens de um procedimento sobre outro, mediante revisão de literatura, métodos observacionais ou métodos que não envolvam seres humanos;

g) obter consentimento livre e esclarecido do participante da pesquisa e/ou seu representante legal, inclusive nos casos das pesquisas que, por sua natureza, impliquem justificadamente, em consentimento a posteriori;

h) contar com os recursos humanos e materiais necessários que garantam o bem-estar do participante da pesquisa, devendo o(s) pesquisador(es) possuir(em) capacidade profissional adequada para desenvolver sua função no projeto proposto;

i) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros;

j) ser desenvolvida preferencialmente em indivíduos com autonomia plena. Indivíduos ou grupos vulneráveis não devem ser participantes de pesquisa quando a informação desejada possa ser obtida por meio de participantes com plena

autonomia, a menos que a investigação possa trazer benefícios aos indivíduos ou grupos vulneráveis;

k) respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes, quando as pesquisas envolverem comunidades;

l) garantir que as pesquisas em comunidades, sempre que possível, traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão. Quando, no interesse da comunidade, houver benefício real em incentivar ou estimular mudanças de costumes ou comportamentos, o protocolo de pesquisa deve incluir, sempre que possível, disposições para comunicar tal benefício às pessoas e/ou comunidades;

m) comunicar às autoridades competentes, bem como aos órgãos legitimados pelo Controle Social, os resultados e/ou achados da pesquisa, sempre que estes puderem contribuir para a melhoria das condições de vida da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que os participantes da pesquisa não sejam estigmatizados;

n) assegurar aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;

o) assegurar aos participantes da pesquisa as condições de acompanhamento, tratamento, assistência integral e orientação, conforme o caso, enquanto necessário, inclusive nas pesquisas de rastreamento;

p) comprovar, nas pesquisas conduzidas no exterior ou com cooperação estrangeira, os compromissos e as vantagens, para os participantes das pesquisas e para o Brasil, decorrentes de sua realização.

Nestes casos deve ser identificado o pesquisador e a instituição nacional, responsáveis pela pesquisa no Brasil. Os estudos patrocinados no exterior também deverão responder às necessidades de transferência de conhecimento e tecnologia para a equipe brasileira, quando aplicável e, ainda, no caso do desenvolvimento de novas drogas, se comprovadas sua segurança e eficácia, é obrigatório seu registro no Brasil;

q) utilizar o material e os dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo, ou conforme o consentimento do participante;

r) levar em conta, nas pesquisas realizadas em mulheres em idade fértil ou em mulheres grávidas, a avaliação de riscos e benefícios e as eventuais interferências sobre a fertilidade, a gravidez, o embrião ou o feto, o trabalho de parto, o puerpério, a lactação e o recém-nascido;

s) considerar que as pesquisas em mulheres grávidas devem ser precedidas de pesquisas em mulheres fora do período gestacional, exceto quando a gravidez for o objeto fundamental da pesquisa;

t) garantir, para mulheres que se declarem expressamente isentas de risco de gravidez, quer por não exercerem práticas sexuais ou por as exercerem de forma não reprodutiva, o direito de participarem de pesquisas sem o uso obrigatório de contraceptivos; e

u) ser descontinuada somente após análise e manifestação, por parte do Sistema CEP/CONEP/CNS/MS que a aprovou, das razões dessa descontinuidade, a não ser em casos de justificada urgência em benefício de seus participantes.

III.3 - As pesquisas que utilizam metodologias experimentais na área biomédica, envolvendo seres humanos, além do preconizado no item III.2, deverão ainda:

a) estar fundamentadas na experimentação prévia, realizada em laboratórios, utilizando-se animais ou outros modelos experimentais e comprovação científica, quando pertinente;

b) ter plenamente justificadas, quando for o caso, a utilização de placebo, em termos de não maleficência e de necessidade metodológica, sendo que os benefícios, riscos, dificuldades e efetividade de um novo método terapêutico devem ser testados, comparando-o com os melhores métodos profiláticos, diagnósticos e terapêuticos atuais. Isso não exclui o uso de placebo ou nenhum tratamento em estudos nos quais não existam métodos provados de profilaxia, diagnóstico ou tratamento;

c) utilizar o material biológico e os dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo, ou conforme o consentimento dado pelo participante da pesquisa; e

d) assegurar a todos os participantes ao final do estudo, por parte do patrocinador, acesso gratuito e por tempo indeterminado, aos melhores métodos profiláticos, diagnósticos e terapêuticos que se demonstraram eficazes:

d.1) o acesso também será garantido no intervalo entre o término da participação individual e o final do estudo, podendo, nesse caso, esta garantia ser dada por meio de estudo de extensão, de acordo com análise devidamente justificada do médico assistente do participante.

IV - DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe com consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que, por si e/ou por seus representantes legais, manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

Entende-se por Processo de Consentimento Livre e Esclarecido todas as etapas a serem necessariamente observadas para que o convidado a participar de uma pesquisa possa se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida.

IV.1 - A etapa inicial do Processo de Consentimento Livre e Esclarecido é a do esclarecimento ao convidado a participar da pesquisa, ocasião em que o pesquisador, ou pessoa por ele delegada e sob sua responsabilidade, deverá:

a) buscar o momento, condição e local mais adequados para que o esclarecimento seja efetuado, considerando, para isso, as peculiaridades do convidado a participar da pesquisa e sua privacidade;

b) prestar informações em linguagem clara e acessível, utilizando-se das estratégias mais apropriadas à cultura, faixa etária, condição socioeconômica e autonomia dos convidados a participar da pesquisa; e

c) conceder o tempo adequado para que o convidado a participar da pesquisa possa refletir, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

IV.2 - Superada a etapa inicial de esclarecimento, o pesquisador responsável, ou pessoa por ele delegada, deverá apresentar, ao convidado para participar da pesquisa, ou a seu representante legal, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que seja lido e compreendido, antes da concessão do seu consentimento livre e esclarecido.

IV.3 - O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deverá conter, obrigatoriamente:

a) justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com o detalhamento dos métodos a serem utilizados, informando a possibilidade de inclusão em grupo controle ou experimental, quando aplicável;

b) explicitação dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, além dos benefícios esperados dessa participação e apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano, considerando características e contexto do participante da pesquisa;

c) esclarecimento sobre a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes da pesquisa, inclusive considerando benefícios e acompanhamentos posteriores ao encerramento e/ ou a interrupção da pesquisa;

d) garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;

e) garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa;

f) garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

g) explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes; e

h) explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

IV.4 - O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nas pesquisas que utilizam metodologias experimentais na área biomédica, envolvendo seres humanos, além do previsto no item IV.3 supra, deve observar, obrigatoriamente, o seguinte:

a) explicitar, quando pertinente, os métodos terapêuticos alternativos existentes;

b) esclarecer, quando pertinente, sobre a possibilidade de inclusão do participante em grupo controle ou placebo, explicitando, claramente, o significado dessa possibilidade; e

c) não exigir do participante da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não deve conter ressalva que afaste essa responsabilidade ou que implique ao participante da pesquisa abrir mão de seus direitos, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.

IV.5 - O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deverá, ainda:

a) conter declaração do pesquisador responsável que expresse o cumprimento das exigências contidas nos itens IV. 3 e IV.4, este último se pertinente;

b) ser adaptado, pelo pesquisador responsável, nas pesquisas com cooperação estrangeira concebidas em âmbito internacional, às normas éticas e à cultura local, sempre com linguagem clara e acessível a todos e, em especial, aos participantes da pesquisa, tomando o especial cuidado para que seja de fácil leitura e compreensão;

c) ser aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente; e

d) ser elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada (s), devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha.

Em ambas as vias deverão constar o endereço e contato telefônico ou outro, dos responsáveis pela pesquisa e do CEP local e da CONEP, quando pertinente.

IV.6 - Nos casos de restrição da liberdade ou do esclarecimento necessários para o adequado consentimento, deve-se, também, observar:

a) em pesquisas cujos convidados sejam crianças, adolescentes, pessoas com transtorno ou doença mental ou em situação de substancial diminuição em sua capacidade de decisão, deverá haver justificativa clara de sua escolha, especificada no protocolo e aprovada pelo CEP, e pela CONEP, quando pertinente. Nestes casos deverão ser cumpridas as etapas do esclarecimento e do consentimento livre e esclarecido, por meio dos representantes legais dos convidados a participar da pesquisa, preservado o direito de informação destes, no limite de sua capacidade;

b) a liberdade do consentimento deverá ser particularmente garantida para aqueles participantes de pesquisa que, embora plenamente capazes, estejam expostos a condicionamentos específicos, ou à influência de autoridade, caracterizando situações passíveis de limitação da autonomia, como estudantes, militares, empregados, presidiários e internos em centros de readaptação, em casas-abrigo, asilos, associações religiosas e semelhantes, assegurando-lhes inteira liberdade de participar, ou não, da pesquisa, sem quaisquer represálias;

c) as pesquisas em pessoas com o diagnóstico de morte encefálica deverão atender aos seguintes requisitos:

c.1) documento comprobatório da morte encefálica;

c.2) consentimento explícito, diretiva antecipada da vontade da pessoa, ou consentimento dos familiares e/ou do representante legal;

c.3) respeito à dignidade do ser humano;

c.4) inexistência de ônus econômico-financeiro adicional à família;

c.5) inexistência de prejuízo para outros pacientes aguardando internação ou tratamento; e

c.6) possibilidade de obter conhecimento científico relevante, ou novo, que não possa ser obtido de outra maneira;

d) que haja um canal de comunicação oficial do governo, que esclareça as dúvidas de forma acessível aos envolvidos nos projetos de pesquisa, igualmente, para os casos de diagnóstico com morte encefálica; e

e) em comunidades cuja cultura grupal reconheça a autoridade do líder ou do coletivo sobre o indivíduo, a obtenção da autorização para a pesquisa deve respeitar tal particularidade, sem prejuízo do consentimento individual, quando possível e desejável.

Quando a legislação brasileira dispuser sobre competência de órgãos governamentais, a exemplo da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, no caso de comunidades indígenas, na tutela de tais comunidades, tais instâncias devem autorizar a pesquisa antecipadamente.

IV.7 - Na pesquisa que dependa de restrição de informações aos seus participantes, tal fato deverá ser devidamente explicitado e justificado pelo pesquisador responsável ao Sistema CEP/CONEP. Os dados obtidos a partir dos participantes da pesquisa não poderão ser usados para outros fins além dos previstos no protocolo e/ou no consentimento livre e esclarecido.

IV.8 - Nos casos em que seja inviável a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou que esta obtenção signifique riscos substanciais à privacidade e confidencialidade dos dados do participante ou aos vínculos de confiança entre pesquisador e pesquisado, a dispensa do TCLE deve ser

justificadamente solicitada pelo pesquisador responsável ao Sistema CEP/CONEP, para apreciação, sem prejuízo do posterior processo de esclarecimento.

V - DOS RISCOS E BENEFÍCIOS

Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. A análise de risco é componente imprescindível à análise ética, dela decorrendo o plano de monitoramento que deve ser oferecido pelo Sistema CEP/CONEP em cada caso específico.

V.1 - As pesquisas envolvendo seres humanos serão admissíveis quando:

- a) o risco se justifique pelo benefício esperado; e
- b) no caso de pesquisas experimentais da área da saúde, o benefício seja maior, ou, no mínimo, igual às alternativas já estabelecidas para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento.

V.2 - São admissíveis pesquisas cujos benefícios a seus participantes forem exclusivamente indiretos, desde que consideradas as dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual desses.

V.3 - O pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou dano significativos ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deve comunicar o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, e avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo.

V.4 - Nas pesquisas na área da saúde, tão logo constatada a superioridade significativa de uma intervenção sobre outra(s) comparativa(s), o pesquisador deverá avaliar a necessidade de adequar ou suspender o estudo em curso, visando oferecer a todos os benefícios do melhor regime.

V.5 - O Sistema CEP/CONEP deverá ser informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal dos estudos por ele aprovados e, especificamente, nas pesquisas na área da saúde, dos efeitos adversos e da superioridade significativa de uma intervenção sobre outra ou outras comparativas.

V.6 - O pesquisador, o patrocinador e as instituições e/ou organizações envolvidas nas diferentes fases da pesquisa devem proporcionar assistência imediata, nos termos do item II.3, bem como responsabilizarem-se pela assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa.

V.7 - Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

VI - DO PROTOCOLO DE PESQUISA

O protocolo a ser submetido à revisão ética somente será apreciado se for apresentada toda documentação solicitada pelo Sistema CEP/CONEP, considerada a natureza e as especificidades de cada pesquisa. A Plataforma BRASIL é o sistema oficial de lançamento de pesquisas para análise e monitoramento do Sistema CEP/CONEP.

VII - DO SISTEMA CEP/CONEP

É integrado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP/CNS/MS do Conselho Nacional de Saúde e pelos Comitês de Ética em

Pesquisa - CEP - compondo um sistema que utiliza mecanismos, ferramentas e instrumentos próprios de inter-relação, num trabalho cooperativo que visa, especialmente, à proteção dos participantes de pesquisa do Brasil, de forma coordenada e descentralizada por meio de um processo de acreditação.

VII.1 - Pesquisas envolvendo seres humanos devem ser submetidas à apreciação do Sistema CEP/CONEP, que, ao analisar e decidir, se torna corresponsável por garantir a proteção dos participantes.

VII.2 - Os CEP são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos:

VII.2.1 - as instituições e/ou organizações nas quais se realizem pesquisas envolvendo seres humanos podem constituir um ou mais de um Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, conforme suas necessidades e atendendo aos critérios normativos;

VII.2.2 - na inexistência de um CEP na instituição proponente ou em caso de pesquisador sem vínculo institucional, caberá à CONEP a indicação de um CEP para proceder à análise da pesquisa dentre aqueles que apresentem melhores condições para monitorá-la.

VII.3 - A CONEP é uma instância colegiada, de natureza consultiva, deliberativa, normativa, educativa e independente, vinculada ao Conselho Nacional de Saúde/MS.

VII.4 - A revisão ética dos projetos de pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser associada à sua análise científica.

VII.5 - Os membros integrantes do Sistema CEP/CONEP deverão ter, no exercício de suas funções, total independência na tomada das decisões, mantendo em caráter estritamente confidencial, as informações conhecidas. Desse modo, não podem sofrer qualquer tipo de pressão por parte de superiores hierárquicos ou pelos interessados em determinada pesquisa. Devem isentar-se da tomada de decisões quando envolvidos na pesquisa em análise.

VII.6 - Os membros dos CEP e da CONEP não poderão ser remunerados no desempenho de sua tarefa, podendo, apenas, receber ressarcimento de despesas efetuadas com transporte, hospedagem e alimentação, sendo imprescindível que sejam dispensados, nos horários de seu trabalho nos CEP, ou na CONEP, de outras obrigações nas instituições e/ou organizações às quais prestam serviço, dado o caráter de relevância pública da função.

VIII - DOS COMITÊS DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP) ATRIBUIÇÕES:

VIII.1 - avaliar protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, com prioridade nos temas de relevância pública e de interesse estratégico da agenda de prioridades do SUS, com base nos indicadores epidemiológicos, emitindo parecer, devidamente justificado, sempre orientado, dentre outros, pelos princípios da impessoalidade, transparência, razoabilidade, proporcionalidade e eficiência, dentro dos prazos estabelecidos em norma operacional, evitando redundâncias que resultem em morosidade na análise;

VIII.2 - desempenhar papel consultivo e educativo em questões de ética; e

VIII.3 - elaborar seu Regimento Interno.

IX - DA COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA (CONEP) ATRIBUIÇÕES:

IX.1 - examinar os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, como também a adequação e atualização das normas atinentes, podendo, para tanto, consultar a sociedade, sempre que julgar necessário;

IX.2 - estimular a participação popular nas iniciativas de Controle Social das Pesquisas com Seres Humanos, além da criação de CEP institucionais e de outras instâncias, sempre que tal criação possa significar o fortalecimento da proteção de participantes de pesquisa no Brasil;

IX.3 - registrar e supervisionar o funcionamento e cancelar o registro dos CEP que compõem o Sistema CEP/CONEP;

IX.4 - analisar os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, emitindo parecer, devidamente justificado, sempre orientado, dentre outros, pelos princípios da impessoalidade, transparência, razoabilidade, proporcionalidade e eficiência, dentro dos prazos estabelecidos em norma operacional, evitando redundâncias que resultem em morosidade na análise;

1. genética humana, quando o projeto envolver:

1.1. envio para o exterior de material genético ou qualquer material biológico humano para obtenção de material genético, salvo nos casos em que houver cooperação com o Governo Brasileiro;

1.2. armazenamento de material biológico ou dados genéticos humanos no exterior e no País, quando de forma conveniada com instituições estrangeiras ou em instituições comerciais;

1.3. alterações da estrutura genética de células humanas para utilização in vivo;

1.4. pesquisas na área da genética da reprodução humana (reprogenética);

1.5. pesquisas em genética do comportamento; e

1.6. pesquisas nas quais esteja prevista a dissociação irreversível dos dados dos participantes de pesquisa;

2. reprodução humana: pesquisas que se ocupam com o funcionamento do aparelho reprodutor, procriação e fatores que afetam a saúde reprodutiva de humanos, sendo que nessas pesquisas serão considerados "participantes da pesquisa" todos os que forem afetados pelos procedimentos delas. Caberá análise da CONEP quando o projeto envolver:

2.1. reprodução assistida;

2.2. manipulação de gametas, pré-embriões, embriões e feto; e

2.3. medicina fetal, quando envolver procedimentos invasivos;

3. equipamentos e dispositivos terapêuticos, novos ou não registrados no País;

4. novos procedimentos terapêuticos invasivos;

5. estudos com populações indígenas;

6. projetos de pesquisa que envolvam organismos geneticamente modificados (OGM), células-tronco embrionárias e organismos que representem alto risco coletivo, incluindo organismos relacionados a eles, nos âmbitos de: experimentação, construção, cultivo, manipulação, transporte, transferência, importação, exportação, armazenamento, liberação no meio ambiente e descarte;

7. protocolos de constituição e funcionamento de biobancos para fins de pesquisa;

8. pesquisas com coordenação e/ou patrocínio originados fora do Brasil, excetuadas aquelas com copatrocínio do Governo Brasileiro; e

9. projetos que, a critério do CEP e devidamente justificados, sejam julgados merecedores de análise pela CONEP;

IX.5 - fortalecer a participação dos CEP por meio de um processo contínuo de capacitação, qualificação e acreditação;

IX.6 - coordenar o processo de acreditação dos CEP, credenciando- os de acordo com níveis de competência que lhes possibilitem ser delegadas responsabilidades originárias da CONEP;

IX.7 - analisar e monitorar, direta ou indiretamente, no prazo estipulado em normativa, os protocolos de pesquisa que envolvam necessidade de maior proteção em relação aos seus participantes, em especial os riscos envolvidos. Deve, nesse escopo, ser considerado sempre em primeiro plano o indivíduo e, de forma associada, os interesses nacionais no desenvolvimento científico e tecnológico, como base para determinação da relevância e oportunidade na realização dessas pesquisas;

IX.8 - analisar e monitorar, direta ou indiretamente, protocolos de pesquisas com conflitos de interesse que dificultem ou inviabilizem a justa análise local;

IX.9 - analisar, justificadamente, qualquer protocolo do Sistema CEP/CONEP, sempre que considere pertinente; e

IX.10 - analisar, em caráter de urgência e com tramitação especial, protocolos de pesquisa que sejam de relevante interesse público, tais como os protocolos que contribuam para a saúde pública, a justiça e a redução das desigualdades sociais e das dependências tecnológicas, mediante solicitação do Ministério da Saúde, ou de outro órgão da Administração Pública, ou ainda a critério da Plenária da CONEP/CNS.

X - DO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE ÉTICA

X.1 - DA ANÁLISE ÉTICA DOS CEP DAS COMPETÊNCIAS:

1. compete ao CEP, após análise, emitir parecer devidamente motivado, no qual se apresente de forma clara, objetiva e detalhada, a decisão do colegiado, em prazo estipulado em norma operacional;

2. encaminhar, após análise fundamentada, os protocolos de competência da CONEP, observando de forma cuidadosa toda a documentação que deve acompanhar esse encaminhamento, conforme norma operacional vigente, incluindo a comprovação detalhada de custos e fontes de financiamento necessários para a pesquisa;

3. incumbe, também, aos CEP:

a) manter a guarda confidencial de todos os dados obtidos na execução de sua tarefa e arquivamento do protocolo completo;

b) acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa;

c) o CEP deverá manter em arquivo o projeto, o protocolo e os relatórios correspondentes, por um período de 5 anos após o encerramento do estudo, podendo esse arquivamento processar-se em meio digital;

d) receber denúncias de abusos ou notificação sobre fatos adversos que possam alterar o curso normal do estudo, decidindo pela continuidade, modificação ou suspensão da pesquisa, devendo, se necessário, solicitar a adequação do Termo de Consentimento;

e) requerer a instauração de apuração à direção da instituição e/ou organização, ou ao órgão público competente, em caso de conhecimento ou de denúncias de irregularidades nas pesquisas envolvendo seres humanos e, havendo comprovação, ou se pertinente, comunicar o fato à CONEP e, no que couber, a outras instâncias; e

f) manter comunicação regular e permanente com a CONEP, por meio de sua Secretaria Executiva.

X.2 - DO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE ÉTICA DA CONEP:

1. compete à CONEP, dentro do prazo a ser estipulado em Norma Operacional, emitir parecer devidamente motivado, com análise clara, objetiva e detalhada de todos os elementos e documentos do projeto;

2. compete, também, à CONEP, o monitoramento, direto ou indireto, dos protocolos de pesquisa de sua competência; e

3. aplica-se à CONEP, nas hipóteses em que funciona como CEP, as disposições sobre Procedimentos de Análise Ética dos CEP.

X.3 - DAS DISPOSIÇÕES COMUNS AOS CEP E À CONEP:

1. os membros do CEP/CONEP deverão isentar-se da análise e discussão do caso, assim como da tomada de decisão, quando envolvidos na pesquisa;

2. os CEP e a CONEP poderão contar com consultores ad hoc, pessoas pertencentes, ou não, à instituição/organização, com a finalidade de fornecer subsídios técnicos;

3. pesquisa que não se faça acompanhar do respectivo protocolo não deve ser analisada;

4. considera-se antiética a pesquisa aprovada que for descontinuada pelo pesquisador responsável, sem justificativa previamente aceita pelo CEP ou pela CONEP;

5. a revisão do CEP culminará em seu enquadramento em uma das seguintes categorias:

a) aprovado;

b) pendente: quando o CEP considera necessária a correção do protocolo apresentado, e solicita revisão específica, modificação ou informação relevante, que deverá ser atendida em prazo estipulado em norma operacional; e

c) não aprovado;

6. o CEP poderá, se entender oportuno e conveniente, no curso da revisão ética, solicitar informações, documentos e outros, necessários ao perfeito esclarecimento das questões, ficando suspenso o procedimento até a vinda dos elementos solicitados;

7. das decisões de não aprovação caberá recurso ao próprio CEP e/ou à CONEP, no prazo de 30 dias, sempre que algum fato novo for apresentado para fundamentar a necessidade de uma reanálise;

8. os CEP e a CONEP deverão determinar o arquivamento do protocolo de pesquisa nos casos em que o pesquisador responsável não atender, no prazo assinalado, às solicitações que lhe foram feitas.

Poderão ainda considerar o protocolo retirado, quando solicitado pelo pesquisador responsável;

9. uma vez aprovado o projeto, o CEP, ou a CONEP, nas hipóteses em que atua como CEP ou no exercício de sua competência originária, passa a ser corresponsável no que se refere aos aspectos éticos da pesquisa; e

10. consideram-se autorizados para execução os projetos aprovados pelos CEP, ou pela CONEP, nas hipóteses em que atua originariamente como CEP ou no exercício de suas competências.

XI - DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

- a) apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa;
- b) elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- c) desenvolver o projeto conforme delineado;
- d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

XII - OUTRAS DISPOSIÇÕES

XII.1 - Cada área temática de investigação e cada modalidade de pesquisa, além de respeitar os dispositivos desta Resolução, deve cumprir as exigências setoriais e regulamentações específicas.

XII.2 - As agências de fomento à pesquisa e o corpo editorial das revistas científicas deverão exigir documentação comprobatória de aprovação do projeto pelo Sistema CEP/CONEP.

XII.3 - A presente Resolução, por sua própria natureza, demanda revisões periódicas, conforme necessidades das áreas ética, científica e tecnológica.

XIII - DAS RESOLUÇÕES E DAS NORMAS ESPECÍFICAS

XIII.1 - O procedimento de avaliação dos protocolos de pesquisa, bem como os aspectos específicos do registro, como concessão, renovação ou cancelamento e, também, da acreditação de Comitês de Ética em Pesquisa serão regulamentados por Resolução do Conselho Nacional de Saúde.

XIII.2 - O processo de acreditação dos Comitês de Ética em Pesquisa que compõem o Sistema CEP/CONEP será tratado em Resolução do CNS.

XIII.3 - As especificidades éticas das pesquisas nas ciências sociais e humanas e de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas serão contempladas em resolução complementar, dadas suas particularidades.

XIII.4 - As especificidades éticas das pesquisas de interesse estratégico para o SUS serão contempladas em Resolução complementar específica.

XIII.5 - Os aspectos procedimentais e administrativos do Sistema CEP/CONEP serão tratados em Norma Operacional do CNS.

XIII.6 - A tipificação e gradação do risco nas diferentes metodologias de pesquisa serão definidas em norma própria, pelo Conselho Nacional de Saúde.

XIV - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Ficam revogadas as Resoluções CNS Nos 196/96, 303/2000 e 404/2008.

Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

ALEXANDRE ROCHA SANTOS PADILHA

Presidente do Conselho

Homologo a Resolução CNS Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, nos termos do Decreto de Delegação de Competência de 12 de novembro de 1991.

ALEXANDRE ROCHA SANTOS PADILHA

Ministro de Estado da Saúde

ANEXO C**RESOLUÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS)
Nº. 510, DE 7 DE ABRIL DE 2016****RESOLUÇÃO Nº 510, DE 7 DE ABRIL DE 2016**

O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Extraordinária, realizada nos dias 06 e 07 de abril de 2016, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei n o 8.080, de 19 de setembro de 1990, pela Lei n o 8.142, de 28 de dezembro de 1990, pelo Decreto n o 5.839, de 11 de julho de 2006, e

Considerando que a ética é uma construção humana, portanto histórica, social e cultural;

Considerando que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos;

Considerando que o agir ético do pesquisador demanda ação consciente e livre do participante;

Considerando que a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes;

Considerando que as Ciências Humanas e Sociais têm especificidades nas suas concepções e práticas de pesquisa, na medida em que nelas prevalece uma acepção pluralista de ciência da qual decorre a adoção de múltiplas perspectivas teórico-metodológicas, bem como lidam com atribuições de significado, práticas e representações, sem intervenção direta no corpo humano, com natureza e grau de risco específico;

Considerando que a relação pesquisador-participante se constrói continuamente no processo da pesquisa, podendo ser redefinida a qualquer momento no diálogo entre subjetividades, implicando reflexividade e construção de relações não hierárquicas;

Considerando os documentos que constituem os pilares do reconhecimento e da afirmação da dignidade, da liberdade e da autonomia do ser humano, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948 e a Declaração Interamericana de Direitos e Deveres Humanos, de 1948;

Considerando a existência do sistema dos Comitês de Ética em Pesquisa e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa;

Considerando que a Resolução 466/12, no artigo XIII.3, reconhece as especificidades éticas das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais e de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas, dadas suas particularidades;

Considerando que a produção científica deve implicar benefícios atuais ou potenciais para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado; e

Considerando a importância de se construir um marco normativo claro, preciso e plenamente compreensível por todos os envolvidos nas atividades de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, resolve:

Art. 1º Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução.

Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

- I - pesquisa de opinião pública com participantes não identificados;
- II - pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;
- III - pesquisa que utilize informações de domínio público;
- IV - pesquisa censitária;
- V - pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual; e
- VI - pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica;
- VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito; e
- III - atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização.

§ 1º Não se enquadram no inciso antecedente os Trabalhos de Conclusão de Curso, monografias e similares, devendo-se, nestes casos, apresentar o protocolo de pesquisa ao sistema CEP/CONEP;

§ 2º Caso, durante o planejamento ou a execução da atividade de educação, ensino ou treinamento surja a intenção de incorporação dos resultados dessas atividades em um projeto de pesquisa, dever-se-á, de forma obrigatória, apresentar o protocolo de pesquisa ao sistema CEP/CONEP.

Capítulo I

DOS TERMOS E DEFINIÇÕES

Art. 2º Para os fins desta Resolução, adotam-se os seguintes termos e definições:

I - assentimento livre e esclarecido: anuência do participante da pesquisa - criança, adolescente ou indivíduos impedidos de forma temporária ou não de consentir, na medida de sua compreensão e respeitadas suas singularidades, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, justificativa, objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos. A obtenção do assentimento não elimina a necessidade do consentimento do responsável;

II - assistência ao participante da pesquisa: é aquela prestada para atender danos imateriais decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa;

III - benefícios: contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado;

IV - confidencialidade: é a garantia do resguardo das informações dadas em confiança e a proteção contra a sua revelação não autorizada;

V - consentimento livre e esclarecido: anuência do participante da pesquisa ou de seu representante legal, livre de simulação, fraude, erro ou intimidação, após

esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, sua justificativa, seus objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos;

VI - informações de acesso público: dados que podem ser utilizados na produção de pesquisa e na transmissão de conhecimento e que se encontram disponíveis sem restrição ao acesso dos pesquisadores e dos cidadãos em geral, não estando sujeitos a limitações relacionadas à privacidade, à segurança ou ao controle de acesso. Essas informações podem estar processadas, ou não, e contidas em qualquer meio, suporte e formato produzido ou gerido por órgãos públicos ou privados;

VII - dano material: lesão que atinge o patrimônio do participante da pesquisa em virtude das características ou dos resultados do processo de pesquisa, impondo uma despesa pecuniária ou diminuindo suas receitas auferidas ou que poderiam ser auferidas;

VIII - dano imaterial: lesão em direito ou bem da personalidade, tais como integridades física e psíquica, saúde, honra, imagem, e privacidade, ilicitamente produzida ao participante da pesquisa por características ou resultados do processo de pesquisa;

IX - discriminação: caracterização ou tratamento social de uma pessoa ou grupo de pessoas, com consequente violação da dignidade humana, dos direitos humanos e sociais e das liberdades fundamentais dessa pessoa ou grupo de pessoas;

X - esclarecimento: processo de apresentação clara e acessível da natureza da pesquisa, sua justificativa, seus objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos, concebido na medida da compreensão do participante, a partir de suas características individuais, sociais, econômicas e culturais, e em razão das abordagens metodológicas aplicadas. Todos esses elementos determinam se o esclarecimento dar-se-á por documento escrito, por imagem ou de forma oral, registrada ou sem registro;

XI - estigmatização: atribuição de conteúdo negativo a uma ou mais características (estigma) de uma pessoa ou grupo de pessoas, com consequente violação à dignidade humana, aos direitos humanos e liberdades fundamentais dessa pessoa ou grupo de pessoas;

XII - etapas preliminares de uma pesquisa: são assim consideradas as atividades que o pesquisador tem que desenvolver para averiguar as condições de possibilidade de realização da pesquisa, incluindo investigação documental e contatos diretos com possíveis participantes, sem sua identificação e sem o registro público e formal das informações assim obtidas; não devendo ser confundidas com "estudos exploratórios" ou com "pesquisas piloto", que devem ser consideradas como projetos de pesquisas. Incluem-se nas etapas preliminares as visitas às comunidades, aos serviços, as conversas com liderança comunitárias, entre outros;

XIII - participante da pesquisa: indivíduo ou grupo, que não sendo membro da equipe de pesquisa, dela participa de forma esclarecida e voluntária, mediante a concessão de consentimento e também, quando couber, de assentimento, nas formas descritas nesta resolução;

XIV - pesquisa de opinião pública: consulta verbal ou escrita de caráter pontual, realizada por meio de metodologia específica, através da qual o participante, é convidado a expressar sua preferência, avaliação ou o sentido que atribui a temas, atuação de pessoas e organizações, ou a produtos e serviços; sem possibilidade de identificação do participante;

XV - pesquisa encoberta: pesquisa conduzida sem que os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu

consentimento seja obtido previamente ou durante a realização da pesquisa. A pesquisa encoberta somente se justifica em circunstâncias nas quais a informação sobre objetivos e procedimentos alteraria o comportamento alvo do estudo ou quando a utilização deste método se apresenta como única forma de condução do estudo, devendo ser explicitado ao CEP o procedimento a ser adotado pelo pesquisador com o participante, no que se refere aos riscos, comunicação ao participante e uso dos dados coletados, além do compromisso ou não com a confidencialidade. Sempre que se mostre factível, o consentimento dos participantes deverá ser buscado posteriormente;

XVI - pesquisa em ciências humanas e sociais: aquelas que se voltam para o conhecimento, compreensão das condições, existência, vivência e saberes das pessoas e dos grupos, em suas relações sociais, institucionais, seus valores culturais, suas ordenações históricas e políticas e suas formas de subjetividade e comunicação, de forma direta ou indireta, incluindo as modalidades de pesquisa que envolvam intervenção;

XVII - pesquisador responsável: pessoa com no mínimo título de tecnólogo, bacharel ou licenciatura, responsável pela coordenação e realização da pesquisa e pela integridade e bem estar dos participantes no processo de pesquisa. No caso de discentes de graduação que realizam pesquisas para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, a pesquisa será registrada no CEP, sob responsabilidade do respectivo orientador do TCC;

XVIII - preconceito: valor negativo atribuído a uma pessoa ou grupo de pessoas, com consequente violação dos direitos civis e políticos e econômicos, sociais e culturais;

XIX - privacidade: direito do participante da pesquisa de manter o controle sobre suas escolhas e informações pessoais e de resguardar sua intimidade, sua imagem e seus dados pessoais, sendo uma garantia de que essas escolhas de vida não sofrerão invasões indevidas, pelo controle público, estatal ou não estatal, e pela reprovação social a partir das características ou dos resultados da pesquisa;

XX - processo de consentimento e de assentimento: processo pautado na construção de relação de confiança entre pesquisador e participante da pesquisa, em conformidade com sua cultura e continuamente aberto ao diálogo e ao questionamento, não sendo o registro de sua obtenção necessariamente escrito;

XXI - protocolo de pesquisa: conjunto de documentos contemplando a folha de rosto e o projeto de pesquisa com a descrição da pesquisa em seus aspectos fundamentais e as informações relativas ao participante da pesquisa, à qualificação dos pesquisadores e a todas as instâncias responsáveis. Aplica-se o disposto na norma operacional do CNS em vigor ou outra que venha a substituí-la, no que couber e quando não houver prejuízo no estabelecido nesta Resolução;

XXII - registro do consentimento ou do assentimento: documento em qualquer meio, formato ou mídia, como papel, áudio, filmagem, mídia eletrônica e digital, que registra a concessão de consentimento ou de assentimento livre e esclarecido, sendo a forma de registro escolhida a partir das características individuais, sociais, linguísticas, econômicas e culturais do participante da pesquisa e em razão das abordagens metodológicas aplicadas; XXIII - relatório final: é aquele apresentado no encerramento da pesquisa, contendo todos os seus resultados;

XXIV - ressarcimento: compensação material dos gastos decorrentes da participação na pesquisa, ou seja, despesas do participante e seus acompanhantes, tais como transporte e alimentação;

XXV - risco da pesquisa: possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente; e

XXVI - vulnerabilidade: situação na qual pessoa ou grupo de pessoas tenha reduzida a capacidade de tomar decisões e opor resistência na situação da pesquisa, em decorrência de fatores individuais, psicológicos, econômicos, culturais, sociais ou políticos.

Capítulo II

DOS PRINCÍPIOS ÉTICOS DAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Art. 3º São princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais:

I - reconhecimento da liberdade e autonomia de todos os envolvidos no processo de pesquisa, inclusive da liberdade científica e acadêmica;

II - defesa dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo nas relações que envolvem os processos de pesquisa;

III - respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes das pesquisas;

IV - empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada;

V - recusa de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de indivíduos e grupos vulneráveis e discriminados e às diferenças dos processos de pesquisa;

VI - garantia de assentimento ou consentimento dos participantes das pesquisas, esclarecidos sobre seu sentido e implicações;

VII - garantia da confidencialidade das informações, da privacidade dos participantes e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz;

VIII - garantia da não utilização, por parte do pesquisador, das informações obtidas em pesquisa em prejuízo dos seus participantes;

IX - compromisso de todos os envolvidos na pesquisa de não criar, manter ou ampliar as situações de risco ou vulnerabilidade para indivíduos e coletividades, nem acentuar o estigma, o preconceito ou a discriminação; e

X - compromisso de propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário.

Capítulo III

DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO E DO ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Art. 4º O processo de consentimento e do assentimento livre e esclarecido envolve o estabelecimento de relação de confiança entre pesquisador e participante, continuamente aberto ao diálogo e ao questionamento, podendo ser obtido ou registrado em qualquer das fases de execução da pesquisa, bem como retirado a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao participante.

Art. 5º O processo de comunicação do consentimento e do assentimento livre e esclarecido pode ser realizado por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas.

§ 1º O processo de comunicação do consentimento e do assentimento livre e esclarecido deve ocorrer de maneira espontânea, clara e objetiva, e evitar modalidades excessivamente formais, num clima de mútua confiança, assegurando uma comunicação plena e interativa.

§ 2º No processo de comunicação do consentimento e do assentimento livre e esclarecido, o participante deverá ter a oportunidade de esclarecer suas dúvidas, bem como dispor do tempo que lhe for adequado para a tomada de uma decisão autônoma.

Art. 6º O pesquisador deverá buscar o momento, condição e local mais adequado para que os esclarecimentos sobre a pesquisa sejam efetuados, considerando, para isso, as peculiaridades do convidado a participar da pesquisa, a quem será garantido o direito de recusa.

Art. 7º O pesquisador deverá assegurar espaço para que o participante possa expressar seus receios ou dúvidas durante o processo de pesquisa, evitando qualquer forma de imposição ou constrangimento, respeitando sua cultura.

Art. 8º As informações sobre a pesquisa devem ser transmitidas de forma acessível e transparente para que o convidado a participar de uma pesquisa, ou seu representante legal, possa se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida.

Art. 9º São direitos dos participantes:

I - ser informado sobre a pesquisa;

II - desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo;

III - ter sua privacidade respeitada;

IV - ter garantida a confidencialidade das informações pessoais;

V - decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública;

VI - ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e

VII - o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

Seção I

Da obtenção do Consentimento e do Assentimento

Art. 10. O pesquisador deve esclarecer o potencial participante, na medida de sua compreensão e respeitadas suas singularidades, sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, direitos, riscos e potenciais benefícios.

Art. 11. O consentimento do participante da pesquisa deverá ser particularmente garantido àquele que, embora plenamente capaz, esteja exposto a condicionamentos específicos, ou sujeito a relação de autoridade ou de dependência, caracterizando situações passíveis de limitação da autonomia.

Art. 12. Deverá haver justificativa da escolha de crianças, de adolescentes e de pessoas em situação de diminuição de sua capacidade de decisão no protocolo a ser aprovado pelo sistema CEP/CONEP.

Parágrafo único. Nos casos previstos no caput deverão ser obtidos o assentimento do participante e o consentimento livre e esclarecido, por meio dos representantes legais do participante da pesquisa, preservado o direito à informação e à autonomia do participante, de acordo com a sua capacidade.

Art. 13. Em comunidades cuja cultura reconheça a autoridade do líder ou do coletivo sobre o indivíduo, como é o caso de algumas comunidades tradicionais, indígenas ou religiosas, por exemplo, a obtenção da autorização para a pesquisa

deve respeitar tal particularidade, sem prejuízo do consentimento individual, quando possível e desejável.

Art. 14. Quando for inviável a realização do processo de Consentimento Livre e Esclarecido, a dispensa desse processo deve ser justificadamente solicitada pelo pesquisador responsável ao Sistema CEP/CONEP para apreciação.

Seção II

Do Registro do Consentimento e do Assentimento

Art. 15. O Registro do Consentimento e do Assentimento é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa.

§ 1º Quando não houver registro de consentimento e do assentimento, o pesquisador deverá entregar documento ao participante que contemple as informações previstas para o consentimento livre e esclarecido sobre a pesquisa.

§ 2º A obtenção de consentimento pode ser comprovada também por meio de testemunha que não componha a equipe de pesquisa e que acompanhou a manifestação do consentimento.

Art. 16. O pesquisador deverá justificar o meio de registro mais adequado, considerando, para isso, o grau de risco envolvido, as características do processo da pesquisa e do participante.

§ 1º Os casos em que seja inviável o Registro de Consentimento ou do Assentimento Livre e Esclarecido ou em que este registro signifique riscos substanciais à privacidade e confidencialidade dos dados do participante ou aos vínculos de confiança entre pesquisador e pesquisado, a dispensa deve ser justificada pelo pesquisador responsável ao sistema CEP/CONEP.

§ 2º A dispensa do registro de consentimento ou de assentimento não isenta o pesquisador do processo de consentimento ou de assentimento, salvo nos casos previstos nesta Resolução.

§ 3º A dispensa do Registro do Consentimento deverá ser avaliada e aprovada pelo sistema CEP/CONEP.

Art. 17. O Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, em seus diferentes formatos, deverá conter esclarecimentos suficientes sobre a pesquisa, incluindo:

I - a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com informação sobre métodos a serem utilizados, em linguagem clara e acessível, aos participantes da pesquisa, respeitada a natureza da pesquisa;

II - a explicitação dos possíveis danos decorrentes da participação na pesquisa, além da apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar situações que possam causar dano, considerando as características do participante da pesquisa;

III - a garantia de plena liberdade do participante da pesquisa para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum;

IV - a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa seja pessoa ou grupo de pessoas, durante todas as fases da pesquisa, exceto quando houver sua manifestação explícita em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa;

V - informação sobre a forma de acompanhamento e a assistência a que terão direito os participantes da pesquisa, inclusive considerando benefícios, quando houver;

VI - garantia aos participantes do acesso aos resultados da pesquisa;

VII - explicitação da garantia ao participante de ressarcimento e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver;

VIII - a informação do endereço, e-mail e contato telefônico, dos responsáveis pela pesquisa;

IX - breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP; e

X - a informação de que o participante terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

§ 1º Nos casos em que algum dos itens não for contemplado na modalidade de registro escolhida, tal informação deverá ser entregue ao participante em documento complementar, de maneira a garantir que todos os itens supracitados sejam informados aos participantes.

§ 2º Nos casos em que o consentimento ou o assentimento livre e esclarecido não for registrado por escrito, o participante poderá ter acesso ao registro do consentimento ou do assentimento sempre que solicitado.

§ 3º Nos casos em que o consentimento ou o assentimento livre e esclarecido for registrado por escrito uma via, assinada pelo participante e pelo pesquisador responsável, deve ser entregue ao participante.

§ 4º O assentimento do participante da pesquisa deverá constar do registro do consentimento.

Capítulo IV DOS RISCOS

Art. 18. Nos projetos de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, a definição e a gradação do risco resultam da apreciação dos seus procedimentos metodológicos e do seu potencial de causar danos maiores ao participante do que os existentes na vida cotidiana, em consonância com o caráter processual e dialogal dessas pesquisas.

Art. 19. O pesquisador deve estar sempre atento aos riscos que a pesquisa possa acarretar aos participantes em decorrência dos seus procedimentos, devendo para tanto serem adotadas medidas de precaução e proteção, a fim de evitar dano ou atenuar seus efeitos.

§ 1º Quando o pesquisador perceber qualquer possibilidade de dano ao participante, decorrente da participação na pesquisa, deverá discutir com os participantes as providências cabíveis, que podem incluir o encerramento da pesquisa e informar o sistema CEP/CONEP.

§ 2º O participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a assistência e a buscar indenização.

Art. 20. O pesquisador deverá adotar todas as medidas cabíveis para proteger o participante quando criança, adolescente, ou qualquer pessoa cuja autonomia esteja reduzida ou que esteja sujeita a relação de autoridade ou dependência que caracterize situação de limitação da autonomia, reconhecendo sua situação peculiar de vulnerabilidade, independentemente do nível de risco da pesquisa.

Art. 21. O risco previsto no protocolo será graduado nos níveis mínimo, baixo, moderado ou elevado, considerando sua magnitude em função de

características e circunstâncias do projeto, conforme definição de Resolução específica sobre tipificação e gradação de risco e sobre tramitação dos protocolos.

§ 1º A tramitação dos protocolos será diferenciada de acordo com a gradação de risco.

§ 2º A gradação do risco deve distinguir diferentes níveis de precaução e proteção em relação ao participante da pesquisa.

Capítulo V

DO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE ÉTICA NO SISTEMA CEP/CONEP

Art. 22. O protocolo a ser submetido à avaliação ética somente será apreciado se for apresentada toda a documentação solicitada pelo sistema CEP/CONEP, tal como descrita, a esse respeito, na norma operacional do CNS em vigor, no que couber e quando não houver prejuízo no estabelecido nesta Resolução, considerando a natureza e as especificidades de cada pesquisa.

Art. 23. Os projetos de pesquisa serão inscritos na Plataforma Brasil, para sua avaliação ética, da forma prevista nesta Resolução e na Resolução específica de gradação, tipificação de risco e tramitação dos protocolos.

Art. 24. Todas as etapas preliminares necessárias para que o pesquisador elabore seu projeto não são alvo de avaliação do sistema CEP/CONEP.

Art. 25. A avaliação a ser feita pelo Sistema CEP/CONEP incidirá sobre os aspectos éticos dos projetos, considerando os riscos e a devida proteção dos direitos dos participantes da pesquisa.

§ 1º . A avaliação científica dos aspectos teóricos dos projetos submetidos a essa Resolução compete às instâncias acadêmicas específicas, tais como comissões acadêmicas de pesquisa, bancas de pós-graduação, instituições de fomento à pesquisa, dentre outros. Não cabe ao Sistema CEP/CONEP a análise do desenho metodológico em si.

§ 2º . A avaliação a ser realizada pelo Sistema CEP/CONEP incidirá somente sobre os procedimentos metodológicos que impliquem em riscos aos participantes.

Art. 26. A análise ética dos projetos de pesquisa de que trata esta Resolução só poderá ocorrer nos Comitês de Ética em Pesquisa que comportarem representação equânime de membros das Ciências Humanas e Sociais, devendo os relatores serem escolhidos dentre os membros qualificados nessa área de conhecimento.

Art. 27. A pesquisa realizada por alunos de graduação e de pós-graduação, que seja parte de projeto do orientador já aprovado pelo sistema CEP/Conep, pode ser apresentada como emenda ao projeto aprovado, desde que não contenha modificação essencial nos objetivos e na metodologia do projeto original.

Capítulo VI

DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Art. 28. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Capítulo VII

DAS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 29. Será instituída instância, no âmbito da Conep, para implementação, acompanhamento, proposição de atualização desta Resolução e do formulário próprio para inscrição dos protocolos relativos a projetos das Ciências Humanas e Sociais na Plataforma Brasil, bem como para a proposição de projetos de formação e capacitação na área.

Parágrafo único. A instância prevista no caput será composta por membros titulares das Ciências Humanas e Sociais integrantes da CONEP, representantes das associações científicas nacionais de Ciências Humanas e Sociais, membros dos CEP de Ciências Humanas e Sociais e de usuários.

Art. 30. Deverá ser estimulado o ingresso de pesquisadores e demais profissionais atuantes nas Ciências Humanas e Sociais nos colegiados dos CEP existentes, assim como a criação de novos CEP, mantendo-se a interdisciplinaridade em sua composição.

Art. 31. Os aspectos relacionados às modificações necessárias na Plataforma Brasil entrarão em vigor quando da atualização do sistema.

Capítulo VIII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 32. Aplica-se o disposto nos itens VII, VIII, IX e X, da Resolução CNS n o 466, de 12, de dezembro de 2012, no que couber e quando não houver prejuízo ao disposto nesta Resolução.

Parágrafo único. Em situações não contempladas por essa Resolução, prevalecerão os princípios éticos contidos na Resolução CNS n o 466 de 2012.

Art. 33. A composição da Conep respeitará a equidade dos membros titulares e suplentes indicados pelos CEP entre a área de Ciências Humanas e Sociais e as demais áreas que a compõem, garantindo a representação equilibrada das diferentes áreas na elaboração de normas e no gerenciamento do Sistema CEP/CONEP.

Art. 34. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

RONALD FERREIRA DOS SANTOS

Presidente do Conselho Nacional de Saúde

Homologo a Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, nos termos do Decreto de Delegação de Competência de 12 de novembro de 1991.

MARCELO CASTRO

ANEXO D

PARECER Nº 14/2018, DO COMITÊ DE ÉTICA DA PUC-RIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio – CEPq / PUC-Rio
Parecer Nº 14/2018

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio denominado, CEPq – PUC-Rio, vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, é responsável pela avaliação e acompanhamento de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, a ele encaminhadas, observando os fundamentos éticos e científicos pertinentes.

Identificação:

Título: Representação Dialógica de Estigmas Interculturalmente entre chineses e brasileiros: realidades interacionais em contexto educacional e profissional (Departamento de Letras da PUC-Rio)

Autora: Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto (Doutoranda do Departamento de Letras da PUC-Rio)

Orientadora: Liana de Andrade Biar (Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio)

Apresentação: Pesquisa qualitativa que visa analisar a alteridade existente no discurso de chineses no Brasil, em relação à interação com brasileiros; analisar a alteridade existente no discurso de brasileiros, em relação à interação com chineses; identificar dissimilaridades particularmente em relação à formação educacional e à prática profissional; e propor formas de mitigar estereótipos e estigmas, a fim de equalizar situações interacionais.

Aspectos éticos: O projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se referem às responsabilidades de seu corpo docente e discente. O Termo expõe com clareza os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem seguidos e a garantia do sigilo e da confidencialidade dos dados coletados e da identidade dos participantes. Informa sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

Parecer: Favorável

Antonio Carlos de Oliveira

Prof. Antonio Carlos de Oliveira

Coordenador Adjunto do Comitê de Ética em Pesquisa – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2018

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos
Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CEPq/PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1612 / 3527-1618
e-mail: yrac@puc-rio.br

ANEXO E

SAMBA ENREDO DA ESCOLA IMPÉRIO SERRANO, DO RIO DE JANEIRO, EM 2018

Samba Enredo 2018
'O Império na rota da China'.
G.R.E.S. Império Serrano (RJ)

Compositores: Tico do Gato, Chupeta, Henrique Hoffman, Lucas Donato, Arlindinho, Andinho Samara, Victor Rangel, Jefferson Oliveira, Ronaldo Nunes e André do Posto 7.

Confio” no meu verde e branco a seguir
“Conceda” o caminho onde eu possa reinar
Império de tradições imponentes
Nos “Oriente” a desvendar
O sábio contou, eu guardei na memória
A lenda do chá que marcou a história
Numa cidade majestosa e proibida
Ganha vida, uma aquarela imperial
A dinastia registrada nos metais
Salve os ancestrais
Um legado imortal

Quando soar o gongo
Toca esse agogô
Roda a baiana, é festa um ritual de amor
A tradição milenar aprendendo a sambar
Com o melhor professor
A sabedoria tão perfeita
Feito um oásis de invenções
O “vento” sopra ao mundo uma “colheita”
Dos “frutos” que mudaram gerações

Sua “fortaleza” é o que me faz seguir
Sou mais um guerreiro a lutar por ti
“Não desfazendo de ninguém”
Voltei ao “meu lugar”
“Serrinha custa mas vem”
Pra ficar
Nossa coroa a brilhar
A China vem festejar
E anunciar o “novo ano”
Deixa o povo cantar
Matar a saudade do Império Serrano

ANEXO F

SAMBA ENREDO DA ESCOLA MOCIDADE DE PADRE MIGUEL, DO RIO DE JANEIRO, EM 2018

Samba Enredo 2018

Namastê... A Estrela Que Habita em Mim Saúda a Que Existe em Você
G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (RJ)

Composição: Altay Veloso, Paulo Cesar Feital, Zé Glória, J. Giovanni, Denilson
do Rosário, Carlinhos da Chácara, Alex Saraça e Leo Peres
Puxador(es): Wander Pires

Kamadhenu derrama leite em nosso terreiro
Ganesha tem licença do Cruzeiro
Desemboca o ganges cá no Rio de Janeiro
Os filhos de Gandhi hoje são brasileiros
Brahma foi quem guiou velas de Portugal
E trouxe a Índia aos Gantois da mãe querida
Padre Miguel chamou Shiva pro carnaval
E Namastê pra todo povo da avenida

Hora de se benzer, hora de ir ao mar
Do sal à doce liberdade
Há tempo ainda!
Desobedecer pra pacificar
Como um dia fez a Índia!

Theresa de Calcutá
Ó Santa Senhora, ó madre de luz
Venha para iluminar
Esse povo de Vera Cruz

Clama o meu país
À Flor de Lótus símbolo da paz
E a vitória régia da mesma raiz
Pela tolerância entre os desiguais
Nesse Holi
Eis o triunfo do bem e da fé
Nerhu, Dom Hélder, Chico Xavier
Olhem pra Índia e pro Brasil! ôô

Bendita seja a Santíssima Trindade!
Em Nova Délhi ou no céu tupiniquim
Ronca na pele do tambor da eternidade
O amor da Mocidade sem início, meio e fim!